



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CULTURAS
POPULARES**

FESTIVAL DE PARINTINS – OS BASTIDORES DA OPERA CABOCLA

Orientanda: Djane da Silva Sena

Orientadora: Prof^a. Dra Neila Dourado Gonçalves Maciel

Aracaju/Sergipe
Agosto/2022

DJANE DA SILVA SENA

FESTIVAL DE PARINTINS – OS BASTIDORES DA OPERA CABOCLA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares da Universidade Federal de Sergipe (UFS), para obtenção do diploma de Mestre em Culturas Populares.

Aracaju, 30 de agosto de 2022

Prof. Dr. João Gustavo Kienen (Membro externo – UFAM)

Prof.^a Dra. Lourdisnete Silva Benevides (Membro interno – UFS)

Prof. Dr. Fernando José Ferreira Aguiar (Membro interno – UFS)

Prof.^a Dra. Neila Dourado Gonçalves Maciel (Orientadora – UFS)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S474f Sena, Djane da Silva.
Festival de Parintins : os bastidores da ópera cabloca / Djane da Silva Sena; orientadora Neila Dourado Gonçalves Maciel. - São Cristóvão, SE, 2022.
156 f.: il.

Dissertação (mestrado Interdisciplinar em Culturas Populares)
– Universidade Federal de Sergipe, 2022.

1. Cultura popular – Parintins (AM). 2. Semiótica e arte. 3. Bumba-meu-boi. 4. Enologia. I. Maciel, Neila Dourado Gonçalves, orient. II. Título.

CDU 316.7(811.3)

AGRADECIMENTOS

É imensurável o quanto esse mestrado significou para a minha vida e o quanto sou grata a todos que tive o prazer de conhecer e conviver durante todo esse processo, o que tornou tudo ainda mais agradável e menos duro.

Os caminhos da graduação são árduos e alimentam uma lógica individualista e mercadológica que substituem e sufocam a possibilidade de criação, de prazer e leveza. A solidão durante esse período é inevitável. Em alguns momentos não estamos presentes em nossa própria vida. Existem altos e baixos. Existem perdas e conquistas, como todos os caminhos e escolhas. Hoje, compartilho um caminho que tem se tornado belo. Só sei que esses caminhos não são só meus. São também de todos que me ajudaram a chegar até aqui. Sem eles, nada disso seria possível.

Aos meus filhos, razão da minha vida e da minha busca incessante pelo conhecimento. Por quem o amor e a esperança se tornaram luta, persistência e força inestimável. Muito obrigada pela compreensão das horas roubadas de nossa convivência, por compreenderem minha ausência, meu mau humor, minhas lágrimas. Vocês são a razão da minha existência.

A minha mãe que me deu o dom mais precioso: a vida. Ao meu pai (*in memoriam*) que deve estar muito orgulhoso lá do céu por ver aonde cheguei.

Ao meu querido e eterno presidente Lula pelas políticas públicas implementadas em sua gestão, o que possibilitou que milhões de pessoas de origem humilde como eu, tivessem acesso ao ensino superior.

Aos meus clientes por serem mais que clientes, por serem parceiros de verdade. Aos colegas de trabalho, gratidão eterna por toda ajuda quando eu precisava de cobertura.

Aos Bois Garantido e Caprichoso, pela experiência mais incrível da minha vida: Viver intensamente os bastidores do Festival de Parintins. Nunca mais olharei os bois da mesma maneira. Aos mestres e griôs da Ilha Tupinambarana, meus guardiões e contadores de histórias, que deixaram fluir a voz da sabedoria, salvaguardando a memória dessa festa centenária. Aos artistas de galpão, tanto de alegoria como de fantasia, às costureiras, aos kaçauerés (empurradores de alegoria do Boi Garantido), aos paikicés (empurradores de alegoria do Boi Caprichoso), aos trabalhadores do setor administrativo e social; à comissão de artes na pessoa dos Srs. Adan Renê e Allan Rodrigues; ao conselho de artes na pessoa do Sr. Ericky Nakanome, e aos presidentes dos bumbás, Antônio Andrade do Boi Garantido e Jender Lobato do Boi Caprichoso.

Ao meu squad: Tassi Goudinho e Kleberson Matazim (*in memoriam*): Eles que sempre

seguraram as minhas mãos, dizendo que tudo ia ficar bem e que eu iria conseguir, mesmo quando nem eu mesma acreditava nisso. Tassi por me “vigiar”, me “controlar”, e principalmente, me incentivar.

À minha turma "bovina": Meus queridos Isabelle Nogueira e Fábio Calderon, por toda torcida, sempre.

À minha querida Legião Vermelha por me fazer rir quando o que mais queria era chorar. Agradeço por aliviar meu fardo nos últimos meses, sem a força de vocês eu seria incapaz de chegar até onde cheguei. Muitas vezes, só encontrei forças para continuar porque vocês seguraram em minhas mãos. Vocês têm sempre uma palavra capaz de transformar lágrimas em sorrisos. Minha querida Alanne Eugenia: Muito obrigada por tudo isso.

Aos meus contrários preferidos: Wigder Frota, pelas belíssimas obras que ilustram esta pesquisa; Rainer Canto e Sinny Lopes, por se disporem a me ajudar em quase tudo, sem vocês muito dessa pesquisa não seria possível.

Aos demais amigos aqui não relacionados, saibam que tenho carinho por todos, mas o espaço é pequeno aqui. Obrigada por existirem (e resistirem) comigo. Obrigada por me tirar da loucura do cotidiano acadêmico, me fazendo rir e perceber que amigos são o maior tesouro do mundo. São vocês que enchem meu coração de coragem para correr atrás dos meus (nossos) sonhos. É a mão de vocês que me ajuda a levantar, a sacudir a poeira e dar a volta por cima. O que seria de mim sem vocês, meus amigos?

À minha turma de Mestrado que foi a melhor turma que Deus poderia ter me dado: Mais que amigos, viramos praticamente irmãos que nos momentos mais difíceis me ofereceram colo e ombro. Amigos que quero levar para a vida inteira. Do PPGCult para a vida.

Às mestras e mestres das manifestações populares de Sergipe, pela força e resistência dos seus saberes que pulsa o nosso campo cultural.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares da Universidade Federal de Sergipe, pelos conhecimentos e momentos compartilhados.

Aos professores Valter Frank Mesquita, Lourdisnete Benevides e Fernando Aguiar, gratidão pelas orientações no Exame de Qualificação, momento regado de afeto, estímulo e sabedoria.

À Prof. Dr^a. Neila Dourado Gonçalves Maciel, minha tão gentil e paciente orientadora, a quem faço questão de ressaltar meu imenso respeito e gratidão. Mãe de Amora de quem peço desculpas pelos momentos roubados. Obrigada por toda compreensão nos momentos difíceis, pela incomparável capacidade de ensinar e paciência com esta orientanda tão confusa. Obrigada

por conseguir conjugar a excelência acadêmica e a mais completa generosidade intelectual. Agradeço o estímulo, apoio, seriedade, paciência e a compreensão para com as adversidades decorridas ao longo deste trabalho, que não foram poucas. Minha eterna gratidão por não ter desistido de mim e principalmente, por não me deixar desistir de mim mesma.

*“Fez da arte nativa de Parintins
A inspiração de um amor sem fim...
Hoje meu boi é universal
Ultrapassou as fronteiras da imaginação
Os anos se passam
Mas sou para sempre um menino
Quando brinco de boi...”*

Toada Meu Eterno Garantido. Composição de Enéas Dias

“Dedico este trabalho à memória de minha amada avó, Iracilda Martins, parintinense, torcedora do Boi Garantido, falecida em 12.08.2012. Exemplo de vida. Lavadeira que com muita fé e dedicação me ensinou o valor do esforço, da honestidade, da simplicidade, do amor e respeito ao próximo e à natureza. Ela que venceu uma série de dificuldades típicas dos menos favorecidos do século passado, dentre elas, o analfabetismo e toda sorte de adversidades de seu tempo. Apesar disso tudo, educou-me com muito amor. Obrigada pelo privilégio de poder falar da sua cultura, na qual você também se revela presente, minha Tanana. Sua memória é saudade e o que me motiva e dá forças para lutar...”

SENA. Djane da Silva. “Festival de Parintins – Os bastidores da ópera cabocla. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Culturas Populares) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022. 156 p.

RESUMO

O Festival de Parintins é um festejo popular onde os Bois Garantido e Caprichoso duelam num grande espetáculo a céu aberto no meio da floresta amazônica. Na arena denominada bumbódromo, personagens e elementos imaginários, oriundos das lendas amazônicas e rituais indígenas, atuam com fio condutor do espetáculo que hoje é a maior manifestação popular do Norte do Brasil e que acontece no último final de semana de junho. Tendo como ponto de partida minhas lembranças de infância, histórias que minha avó contava, este trabalho tem como objetivo principal problematizar os bastidores do Festival usando como recorte temporal, o estudo das transformações no período de 1988 a 2019 pela perspectiva dos que constroem o Festival, mas não aparecem. Ao estudar as etapas do processo criativo (projeto, produção e execução), analisamos a contribuição deles, para a manutenção do Festival enquanto manifestação da cultura popular. Ao dar voz para esses agentes culturais que assim como minha avó, foram e são, parte integrante e importante da manutenção deste espetáculo, queremos contribuir para as pesquisas no campo das Culturas Populares e do próprio Festival de Parintins que é visto por muitos como um mero produto da indústria cultural. Fazendo uso das histórias de minha avó como fio condutor, construímos um instrumental de análise na construção das narrativas que são encenadas no bumbódromo. Fazendo uso da semiótica da cultura como teoria e método, descrevemos os sistemas e subsistemas da Semiosfera do Festival de Parintins e assim, identificamos os personagens que compõem esta pesquisa. Para entendermos a dinâmica e a evolução dessa manifestação popular, recorreremos as bases teóricas e conceituais dos fundamentos da Etnocologia de Armino Bião, Cherisf Kasnadar e Jean Marie Pradier. Para dialogar sobre o Festival de Parintins a partir dos estudos culturais, usamos os conceitos de Ortiz, Burke, Hall e Canclini. Como suporte metodológico, utilizamos a pesquisa qualitativa participante, além da análise semiótica para mapear a semiosfera do festival de Parintins com seus sistemas e subsistemas. Sobre os personagens principais e secundários desse processo, garantimos seu local de fala utilizando entrevistas abertas, adotando o método da observação participante, atendendo todas as normas de segurança em função da pandemia de Covid-19 e do Conselho de Ética em Pesquisa - CEP.

Palavras-chave: Semiótica; Etnocologia; Boi-bumbá; Parintins; Cultura popular.

SENA. Djane da Silva. “Festival de Parintins – Os bastidores da ópera cabocla. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Culturas Populares) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022. 156 p.

ABSTRACT

The Parintins Festival is a popular celebration where the Bois Garantido and Caprichoso duel in a great open-air show in the middle of the Amazon rainforest. In the arena called Bumbodromo, characters and imaginary elements, from Amazonian legends and indigenous rituals, act as the guiding thread of the show that today is the largest popular manifestation in Northern Brazil and which takes place on the last weekend of June. Taking as a starting point my childhood memories, stories that my grandmother told, this work has as main objective to problematize the backstage of the Festival using as a time frame, the study of the transformations in the period from 1988 to 2019 from the perspective of those who build the Festival, but do not appear. By studying the stages of the creative process (design, production and execution), we analyze their contribution to the maintenance of the Festival as a manifestation of popular culture. By giving voice to these cultural agents who, like my grandmother, were and are, an integral and important part of the maintenance of this show, we want to contribute to research in the field of Popular Cultures and the Parintins Festival itself, which is seen by many as a mere product of the culture industry. Using my grandmother's stories as a guiding thread, we built a tool for analysis in the construction of the narratives that are staged in the bumbodromo. Making use of the semiotics of culture as a theory and method, we describe the systems and subsystems of the Semiosphere of the Festival de Parintins and, thus, we identify the characters that make up this research. In order to understand the dynamics and evolution of this popular manifestation, we resort to the theoretical and conceptual foundations of the Ethnology of Armino Bião, Cherisf Kasnadar and Jean Marie Pradier. To discuss the Parintins Festival from cultural studies, we use the concepts of Ortiz, Burke, Hall and Canclini. As methodological support, we used participatory qualitative research, in addition to semiotic analysis to map the semiosphere of the Parintins festival with its systems and subsystems. About the main and secondary characters of this process, we guarantee their place of speech using open interviews, adopting the method of participant observation, meeting all safety standards due to the Covid-19 pandemic and the Research Ethics Council - CEP.

Key words: Semiotics; Ethnology; Boi-bumbá; Parintins; Popular Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Coca cola azul em respeito a tradição do boi Caprichoso	20
Figura 2 - Mapa de venda de ingressos para o Festival 2020.....	22
Figura 3 - Conjunto alegórico Lenda Amazônica Matintaperê	38
Figura 4 - Conjunto alegórico Lenda Matintaperê	38
Figura 5 - Conjunto alegórico Sete Espíritos.....	40
Figura 6 - Conjunto alegórico Lenda Amazônica Boto Romanceiro	41
Figura 7 - Conjunto alegórico Lenda Amazônica Boto Romanceiro	42
Figura 8 - Conjunto alegórico Lenda Amazônica Sissa, a flor dos aimarás.....	43
Figura 9 - Conjunto alegórico Mateiro da Amazônia.....	47
Figura 10 - Cunchã Poranga Boi Caprichoso Marciele Albuquerque.....	49
Figura 11 - Cunchã Poranga do Boi Garantido Isabelle Nogueira.....	49
Figura 12 - Pajé Boi Caprichoso Netto Simões.....	51
Figura 13 - Pajé Boi Garantido Adriano Paketá.....	52
Figura 14 - Boi Garantido.....	56
Figura 15 - Boi Caprichoso	57
Figura 16 - Semiosfera Festival de Parintins.....	62
Figura 17 - Rede de construção do projeto macro.....	63
Figura 18 - Rede de desenvolvimento do projeto macro.....	64
Figura 19 - Rede de execução do projeto macro	64
Figura 20 - Conceição Guimarães preparando caldeirada de tambaqui	66
Figura 21 - Galpão de costureiras do Boi Garantido	68
Figura 22 - Mariane Garcia - Chefe da equipe de costureiras Boi Garantido	69
Figura 23 - Costureira Boi Garantido - Festival 2022.....	70
Figura 24 - Grupo de bailado corrido 1 noite Festival de Parintins 2022	70
Figura 25 - Pintura de módulo referente ao momento tribal	73
Figura 26 - Kaçauerés transportando alegorias para a concentração.....	73
Figura 27 - Módulo Tribal Fogo de Paraponera na arena.....	74
Figura 28 - Placa sinalizadora de camarim.....	75
Figura 29 - Valentina Coimbra, sinhazinha da fazenda do Boi Garantido.....	76
Figura 30 - Equipe Djane Sena.....	77
Figura 31 - Valentina Coimbra na Alvorada do Boi Garantido	77
Figura 32 - Detalhe do trabalho no galpão tribal.....	78
Figura 33 - Transporte de módulo para a concentração	79
Figura 34 - Trabalhadores cortando tecido no galpão tribal do Boi Garantido.....	80
Figura 35 - Trabalhadora do galpão tribal arrumando ráfia para as tribos de arena.....	81
Figura 36 - Celisvaldo Garcia (frente) Adeilson de Souza (atrás)	82
Figura 37 - Isabela Tupinambá no boi de rua.....	84
Figura 38 - Torcida do Boi Garantido em cortejo tradicional no alvorecer do dia 01 de maio.	85
Figura 39 - Informativo Cetam/Boi Caprichoso.....	86
Figura 40 - Oficina de dança e performance oferecida em parceria com a Sec e Boi Garantido	87
Figura 41 - Adriano Paketá no palco da Cidade Garantido na noite do pajé	88
Figura 42 - Livia Ribeiro atuando como Porta Estandarte substituta.....	89
Figura 43 - Conjunto alegórico Ka'aporanga, a guardiã da floresta dos artistas Roberto Reis, Marialvo Brandão e equipe.....	95

Figura 44 - Conjunto alegórico A crueldade do conquistador dos artistas Roberto Reis, Marialvo Brandão e equipe.....	96
Figura 45 - Conjunto alegórico O caboclo ribeirinho do artista Alex Salvador e equipe	97
Figura 46 - Conjunto alegórico Tupari, o tarupá da friagem do artista Algles Ferreira e equipe	98
Figura 47 - Conjunto alegórico O caboclo da mata do artista Márcio Gonçalves e equipe	99
Figura 48 - Conjunto alegórico Gereca Pantoja e equipe.....	100
Figura 49 - Conjunto alegórico Wayana Apalai do artista Kennedy Prata e equipe	101
Figura 50 - Conjunto alegórico O brincador de boi dos artistas Macoy Cardoso, Nei Meirelles e equipe.....	103
Figura 51 – Conjunto alegórico Pássaro primal do artista Ozéas Bentes e equipe.	104
Figura 52 - Conjunto alegórico Juscelino Ribeiro e equipe	106
Figura 53 – Conjunto alegórico Amazonia do povo vermelho do artista.....	108
Figura 54 - Conjunto alegórico O pescador do artista José Trindade e equipe	109
Figura 55 - Conjunto alegórico Quando Honorato lutou com Caninana do artista Netto Barbosa	110
Figura 56 - Conjunto alegórico Karo Krao do artista Netto Barbosa.....	111
Figura 57 - Conjunto alegórico Cabanos da Amazonia do artista Emerson Brasil	112
Figura 58 - Valentina Coimbra em seu primeiro momento como sinhazinha da fazenda.....	113
Figura 59 - Valentina Coimbra em momento clássico.	113
Figura 60 - Celebração folclórica	114
Figura 61 - Lenda Amazônica Xandoré e Ticê.....	115
Figura 62 - Ritual Indígena O fim do mundo Karajá	116
Figura 63 - Figura Típica Regional O viajante dos rios da Amazonia	117
Figura 64 - Celebração Folclórica Mamulengo do Folclore.....	118
Figura 65 - Lenda Amazônica Teperecique	119
Figura 66 - Ritual Indígena Ritual Tenharim	120
Figura 67 - Rainha do Folclore do Boi Garantido Edilene Tavares	125
Figura 68 - Giovanna Mendonça caracterizada como Sinhazinha da Fazenda	127

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - HISTÓRIAS DE GENTE GRANDE PARA CURUMIM DORMIR	31
1.1. Essa é a história indígena que vem sendo contada de avô para neto, geração a geração	33
1.1.1. Os itens Figura Típica Regional, Ritual Indígena e Lenda Amazônica.....	45
1.2. Bumba meu boi agora é boi bumbá, tem a raiz do povo nordestino	53
1.2.1. Associação Folclórica Boi Bumbá Garantido.....	55
1.2.2. Associação Folclórica Boi Bumbá Caprichoso	57
1.3. A grande maloca da semiótica cultural.	58
CAPÍTULO II - VIVA A CULTURA POPULAR	66
2.1. Nós, o povo.....	68
2.2. Folclore do povo é a festa da cultura popular.....	83
2.3. É Arte, Cultura e Revolução!	89
2.3.1 Boi Caprichoso 2022: Amazônia, nossa luta em poesia.....	92
2.3.2. Boi Garantido 2022: Amazônia do povo vermelho.....	106
CAPÍTULO III – AUTO DA RESISTENCIA CULTURAL	121
3.1. Orgulho de ser Parintinense.....	124
3.2. Festa Multicultural.....	127
3.3. Cultura que resiste.....	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS	135
APÊNDICE	137
ANEXOS	137

INTRODUÇÃO

*“Faço da arte minha vida
E faço da vida essa festa de amor...”¹*

A história da arte em Parintins adquire personalidade própria, moldada pela natureza que circunda a cidade, banhada pelo majestoso Rio Amazonas, nascido ele próprio de uma lenda Tupi repassada através das gerações. Minha bisavó contou para minha avó que me contou a lenda do sol e da lua e como eles eram apaixonados, mas algo os impedia. Ela, dona da noite. Ele, dono do dia. Dessa impossível mistura, o inesperado: o choro fez escavar na terra, emergindo vales e serras. Entre eles, um curso de água: nascia o rio Amazonas. Ayakamaé, que em tupi, é a junção das palavras *aya* (rio) e *kamaé* (amor).

No contexto do boi-bumbá amazônico, tal como em um teatro, assistimos a uma epopeia cabocla numa grande semiose linguística, cultural, mítica e histórica. Personagens e elementos imaginários oriundos das lendas amazônicas e rituais indígenas que atuam como fontes de ligação e origem, através da encenação poética da linguagem. É na formação deste território plural que se condensam sujeitos e histórias que de certa forma mantêm um elo com todo o povo amazônico e a sua história, sustentado por um grande universo semiótico, numa tradição que atravessou o século XXI. Tradição. A etimologia da palavra tradição vem do latim *traditio*, um derivado de *tradere*, “entregar, passar adiante”. Este verbo participio deriva de *trans-*, “além, adiante”, mais *dare*, “dar, entregar”. Entrega. Não consigo encontrar palavra melhor para definir minha pesquisa: A entrega de uma cultura para o mundo.

Influenciados pelos superlativos da região capaz de gerar arvores gigantes como o anjelim vermelho que podem ultrapassar 80 metros de altura, a Amazônia no imaginário dos invasores europeus tornou-se uma região na qual a maioria dos seres mitológicos, provavelmente poderiam ser facilmente encontrados. Ugarte (2003, p.04) enfatiza que as narrativas (escritas e orais) contadas pelos viajantes, reforçavam o imaginário permeado por mitos e cenários compatíveis com os que hoje são encenados na arena do bumbódromo.²

Parte de um imaginário mitológico, o nome do maior estado da região Norte: O “Rio das Amazonas”, em prol da lenda das Icamiabas³, as Amazonas⁴, depois que relatos

¹ Trecho da toada “A poética do imaginário caboclo” de Adriano Aguiar

² Espécie de teatro em formato de cabeça de boi onde os bois Caprichoso e Garantido se enfrentam.

³ Mulheres guerreiras. Espanhóis que exploraram a região, em 1542, juram tê-las encontrado, pessoalmente, onde o Rio Nhamundá desemboca no Amazonas, perto da atual fronteira entre os Estados do Amazonas e do Pará.

⁴ As Amazonas na mitologia grega, eram as integrantes de uma antiga nação de mulheres guerreiras.

mencionaram a existência de mulheres muito semelhantes a elas nas margens do rio. E assim começou a ser configurado um imaginário em torno da região amazônica cujos resquícios detectam-se ainda atualmente.

Em Parintins, além de se desenvolver processos altamente criativos, construiu-se um sistema cultural singular. Uma cultura formadora da identidade amazônica. O boi-bumbá nascido em Parintins, teve que migrar para Manaus para realizar eventos com o intuito de angariar fundos para o seu espetáculo de arena. Assim, grande parte da população amazonense acabou se identificando com essa festa a ponto de o boi de sua preferência estar presente nos momentos mais importantes da vida do amazonense. Essa festa, de estrutura rígida, rica em plasticidade, em que as lendas e rituais indígenas e figuras regionais são quesito obrigatório, mostra a mítica riqueza da cultura amazônica. Uma cultura que vibra em duas cores: uma estrela azul e um coração vermelho. O Boi Garantido que carrega um coração na testa, representado pela cor vermelha, e o Boi Caprichoso que traz em sua testa uma estrela, representado pela cor azul, se enfrentam na arena denominada de Bumbódromo⁵, onde desfilam as figuras saídas do imaginário caboclo. Tudo preparado cuidadosamente, durante meses, para ser revelado em três espetáculos completamente diferentes, de proporções monumentais, em três dias consecutivos no último final de semana de junho.

Presente em diversas regiões do país, o eixo propulsor do folguedo se desenvolve, a partir do auto do boi, que nos conta a história de Mãe Catirina, grávida, esposa de Pai Francisco, trabalhador da fazenda, que pede ao marido que mate o boi de estimação do patrão para satisfazer seu desejo de comer a língua do boi. O patrão, o amo do boi, descobre e começa-se uma saga para ressuscitar o boi preferido, brinquedo de estimação da sua filha, a sinhazinha da fazenda. Chamam o Padre, Dr. da Vida⁶ e um pajé. O pajé faz uma pajelança e boi levanta e todos comemoram.

O festival de Parintins é uma espécie de ópera popular, segundo Furlanetto (2011, p. 03). Uma peça teatral a céu aberto, formado por tantas misturas e que preserva a herança de vários grupos étnicos diferentes, graças ao fenômeno da miscigenação brasileira. É nessa diversidade cultural, no qual o boi é a principal figura de representação, que acontece o Festival Folclórico de Parintins. Uma cultura tecida na relação entre homem e natureza, reinventada na arte e no folclore. Etimologicamente, a palavra folclore nos leva à dois termos em inglês: “*Folk*”

⁵ Centro Cultural Amazonino Mendes. Espécie de teatro ao ar livre construído em 1989, cujo formato se assemelha a cabeça de um boi, especialmente para abrigar as disputas entre o Boi Garantido e o Boi Caprichoso, que acontece todos os anos no mês de junho.

⁶ Uma espécie de boticário.

e “lore”, cujos significados são respectivamente: povo e conhecimento. Traduzindo ao “pé-da-letra” seria algo como Folclore é a ciência do povo.

O artista de Parintins é um importante ser social construído em consonância com suas condições específicas de existência coletiva e afirmação identitária. É dessa gente simples cujos conhecimentos são fundamentados em experiências construídas desde a infância e vividas no dia a dia que emerge esse grande espetáculo. No Festival Folclórico de Parintins, a figura do artesão parintinense é apresentada na arena do bumbódromo como uma das figuras típicas emblemáticas no contexto amazônico. As narrativas sobre esses artistas nas letras das toadas são fantásticas, mas não dizem realmente quem ele é, nem descreve seus sentimentos, suas angústias, muito menos suas alegrias. Quando o festival acaba, essa figura desaparece, muitas vezes é esquecida e fica à margem da sociedade e sua aparição é retomada quase sempre no ano seguinte, quando o mentor das alegorias começa a criar mais contos fantásticos.

No sentido amplo de “saber do povo”, a ideia de folclore designa muito simplesmente esse tipo de formas de conhecimento expressas nas criações culturais dos diversos grupos de uma sociedade. Difícil, portanto, dizer onde começa e onde termina o folclore, e muita tinta já correu na busca de definir os limites de uma ideia tão extensa. Para Cavalcanti: “É o frevo, o chorinho, o xote, o baião, a embolada, mas será também o samba, o funk, o rock? É o Natal, a Páscoa, o Divino, o Bumba-meu-boi, mas será também o desfile das escolas de samba e o festival de Parintins?”. Contextualizar as noções mestras - folclore e cultura popular - que irão nortear esta pesquisa e que fundam o assunto em pauta é, portanto, o nosso primeiro passo, já que para os parintinenses essas noções são sinônimas. E não são. Afinal, o boi-bumbá de Parintins não é a mais uma mera brincadeira, tornou-se um espetáculo. Um veículo de relações humanas, de valores e visões de mundo. Sobre Folclore, Luís da Câmara Cascudo disse:

Nenhuma ciência possui maior espaço de pesquisa e de aproximação humana como o Folclore. É a verdadeira história de um povo, que nos ensina a conhecer o espírito, o trabalho, a tendência, do pensamento intelectual letrado corre as águas, solitárias e poderosas, da memória e da imaginação popular.

Por isso, Folclore, como fio condutor para esta pesquisa, significa extrapolar os limites entre as linguagens, técnicas e estéticas sem, no entanto, as desconsiderar. Então, quando neste texto a palavra Folclore ou Folclórico aparecer toda em minúscula, ou com maiúscula na inicial, estou sempre me referindo ao repertório de histórias populares, mitos e lendas amazônicas interpretados teatralmente na arena do bumbódromo de Parintins.

Nesta acepção, não estou tratando apenas das histórias contadas ao longo das gerações, o que, no sentido mais comum, imediatamente se associa a esta palavra, mas sim de como elas são interpretadas e reinterpretadas na arena e de que forma contribuem para a manutenção dessa manifestação secular que é o boi-bumbá de Parintins. Já que a encenação destas não se trata apenas da evocação de uma memória social pura, mas também um conjunto de representações. Talvez possamos dizer que é essa memória social que desloca o interesse para um passado metamorfoseado.

O boi-bumbá amazônico, nascido da promessa a São João Batista, o santo católico, tem raízes profundas na religiosidade de matrizes africanas, também elas reinventadas na Amazônia, além de trazer marcas cruciais da presença negra na sua musicalidade. As populações indígenas ganham espaço nestas manifestações assumindo, progressivamente, seu lugar de protagonistas. Resistência, luta, morte, ressurreição, ressignificação, relatos do cotidiano, são sempre temáticas que acometem o boi dentro das tramas das festas de boi, dentro dos seus autos. E então, quase que como em um convite metafísico e ontológico, de alguma forma somos convidados aquela vivência, que é o que desperta em nós, pesquisadores, entusiastas e brincantes das festas de boi, a identificação. É uma festa de rua, festa de todos e para todos. Cada um com seu Boi a celebrar uma parte importante do que lhe define como indivíduo neste lugar, espaço dos seus pertencimentos, de histórias que conheceremos mais a frente nesta pesquisa.

A partir disso, e do desenvolver das manifestações culturais populares, das relações de poder, das influências e confluências que o encontro das culturas indígenas, europeias e negras (me refiro as tais no plural, pois considero que cada povo possui muitas culturas) proporcionou, a nível de Brasil, a figura do boi como sabemos, foi tomada como símbolo principal de diversos folguedos e brincadeiras primeiramente no Nordeste e que depois acabariam se espalhando por todo Brasil. Sob diversos roteiros, enredos e perspectivas as festas de boi foram se desenvolvendo nos meios urbanos e rurais, cada um com as suas características próprias, e as vezes até semelhantes. Mas o ponto pertinente a ser aqui levantado é o fato de que, em algum momento, alguma manifestação cultural dentro da sua lógica de operação, a figura do boi acaba aparecendo com características humanizadas.

Segundo Gilberto Freyre (1937), a figura do boi, aparece primeiramente nos engenhos de açúcar do nordeste quando este animal é trazido para auxiliar no desenvolvimento da agricultura e da pecuária do Brasil Colônia. Na lógica que operacionalizava sobre o cotidiano das fazendas era o boi, o animal que acabava convivendo com os escravos e assim criando com este uma relação quase que simbiótica de troca tanto na parceria de trabalho, pois o boi e o

homem escravo eram submetidos a enormes jornadas de trabalho e sofrimento, e nas trocas iminentes e do devir.

Para além das significações pessoais, existem os elementos simbólicos que acabam se adentrando nas festas de boi, como personagens representativos da região em que se apresenta, a escolha de cores específicas que fazem alusão a algum santo do catolicismo, ou nos casos mais comuns onde o sincretismo é quem opera na parte religiosa das festas, as cores dos bois têm a ver com orixás e deuses aos quais os bois são ofertados.

É nessas vivências das festas populares que a vida e a cultura acontecem. Como rememora Darcy Ribeiro (1995, p. 269) “é aí, dentro das linhas de crenças coparticipadas, de vontades coletivas abruptamente ericadas, que as coisas se dão”, as lógicas que operacionalizam nas culturas populares são mais do que os olhos podem ver. São subjetividades e linhas de força que compõem e recompõem o cotidiano, e o ser humano. O boi, nessas festas, acaba sendo então o expressar dos elementos, desejos e vontades do homem, do povo parintinense. Não mais folclore, mas existência e história. E esta é a história da minha gente.

O caminho que me trouxe até esta pesquisa começou há muito tempo, com minha avó brincando com o Boi Garantido pelas ruas da baixa do São José, bairro tradicional de Parintins. Nascida em 1913, suposto ano de criação do Boi Garantido, ela chegou a acompanhar a saída tradicional do Boi Garantido pelas ruas de Parintins quando menina. Em 1933, ela se casou e veio morar em Manaus, trazendo em seu peito o amor que como diz a toada: “Garantido meu brinquedo de infância, para sempre vou te amar.”⁷

O tempo passou. Minha avó teve 05 filhos. Sou filha da sua caçula. Como minha mãe precisava trabalhar, acabei sendo criada por minha avó. Meu primeiro contato com o Boi Garantido seria em 1983. Nessa época, era comum os moradores de Parintins virem a Manaus, em busca de tratamento médico, já que Parintins não tinha estrutura hospitalar. É costume na região amazônica, presentear nossos conhecidos com miniaturas dos Bois de Parintins. Meu primo, sobrinho da minha avó, veio trazer a filha pequena para operar o braço e me trouxe uma miniatura do Boi Garantido. Ele falou da evolução do Boi Garantido e da criação do Festival para minha avó. Nessa época, o Festival era no tablado Tupi Cantanhede e contava com tribos⁸ indígenas, alegorias em menor proporção do que é apresentado hoje, sempre retratando a temática indígena e o imaginário amazônico. Imaginário este que me foi apresentado desde a mais tenra idade. Foram essas histórias que minha avó começou então a me contar antes de dormir. Ela,

⁷ Trecho da toada “Eterno Campeão” de Emerson Faria Maia.

⁸ O uso deste termo para o item em questão está abordado no capítulo 2.

descendente de indígenas da etnia Parintintins⁹, era o que chamamos na região amazônica de benzedeira, uma espécie de curandeira, que domina o poder e conhecimento das ervas e das rezas.

Nessa senda, a cultura amazônica é resultante da miscigenação racial de integração cultural, onde a experiência da vida dos habitantes foi gerando, por sincretismo de elementos indígenas e europeus, uma cultura em que o devaneio do imaginário amazônico ganhou especial importância. Um devaneio que atua como ligação entre o real e o imaginário. Este último, atuando como o poetizante estetizador que é governado por um sistema de funções culturais.

Este trabalho representa a continuidade dos estudos^{10, 11} sobre o Festival de Parintins que desenvolvo desde a graduação em Artes Visuais iniciada em 2015 e finalizada em 2018. Para minha monografia, escolhi como tema a análise cromática da representação de Parintins, falando sobre a expressão da cor através da rivalidade e a influência da luz no espetáculo. Explicar o que representamos com a cor e por que representamos é um problema muito mais complexo do que se imagina. Maior ainda falar de cor no Festival de Parintins. De fato, a cor está amplamente relacionada com os nossos sentimentos, ao mesmo tempo que sofre influência da cultura tornando-se símbolo, além dos aspectos puramente fisiológicos.

A rivalidade expressa na representação cromática presente em Parintins é tão forte que influencia até mesmo produtos internacionais e nacionais. As cores dos bois, vermelho e azul, tomam conta da cidade. Para não perder a clientela, diversas empresas mudam de marcas apenas na cidade, como é caso da Coca Cola. (figura 01). Patrocinadora master do Festival de Parintins, a Coca-Cola decidiu adaptar seus produtos sob o pretexto de atender melhor a população local.

“Quem é azul não compra nada vermelho. Sendo assim, só chegávamos a parte da população. Obviamente teríamos que nos adequar à cor dos bois. Claro que jamais desrespeitaríamos isso colocando a cor normal da Coca-Cola, vermelha, em manifestações do Caprichoso. Para isso tivemos que ter uma autorização especial da rede internacional cuja sede fica em Atlanta. Parintins é o único local do mundo onde isto acontece.”

Marco Simões, vice-presidente da Coca-Cola Brasil.

Fonte: Internet. Site: <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2012/07/marcas-internacionais-mudam-de-cor-para-agradar-dois-bois-em-parintins.html>

⁹ Os Parintintins " foi um dos inúmeros povos que habitaram Parintins, dando nome à Ilha a partir de 1880. Hoje, habitam o Sudeste do estado brasileiro do Amazonas, entre os rios Madeira e Marmelos mais precisamente nas áreas indígenas Ipixuna e Nove de Janeiro. No passado, eram chamados também de bocas-pretas. Os Parintintins se autodenominam Kagwahiva palavra que significa "nós", "a gente

¹⁰ Trabalho PIBIC nº PIB-H/0023/2017, título: “Referenciais indígenas no contexto do boi bumbá de Parintins”.

¹¹ Trabalho Final de Curso, título: “Contrários – uma análise cromática da representação dos bois de Parintins.

Figura 1 - Coca cola azul em respeito a tradição do boi Caprichoso



Fonte: Internet. Site: <http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2012/07/marcas-internacionais-mudam-de-cor-para-agradar-dois-bois-em-parintins.html>

Contudo, esse caminho não foi fácil já que meus professores na graduação acreditavam que o Festival de Parintins não era um tema interessante para pesquisa, por estar enquadrado como um produto da indústria cultural. O Festival de Parintins é considerado um dos maiores festejos populares do Brasil, onde o investimento de quase R\$ 30 milhões em 2022, são em grande parte oriundos de projetos da *Lei Rouanet* em parceria com várias empresas que buscam maior visibilidade aliando suas imagens ao Festival de Parintins, chegando ao ponto de alterar seus logotipos, conforme já explicado. Nos últimos anos, contudo, inúmeras críticas têm surgido em desfavor do sistema de mecenato cultural. A principal delas reside na aparente criação de novas zonas de exclusão social, uma vez que a maioria dos projetos culturais financiados a partir desse mecanismo volta-se mais à lógica de mercado do que ao interesse coletivo. Uma prova disso foi que o documentário “O festival é a vida do povo que vive” feito pelos patrocinadores do Festival para justificar a execução do mesmo em novembro de 2020, quando o mundo agonizava em meio à pandemia de Covid-19. Quando o melhor seria se os patrocinadores que lucram tanto com a festa, tivessem destinado verbas para criação de um auxílio para os artistas que se encontravam desamparados.

A tradicional brincadeira de rua transformou-se em um acontecimento midiático que envolve rede de televisão, interesse de grandes marcas de bebidas, dos políticos, do turismo e até dos pequenos comerciantes temporários, na maioria desempregados ou subempregados, que aproveitam a espetacularização da festa para obter alguma renda e reorganizar a economia familiar por algum tempo. Nesse processo de troca de valores simbólicos, os dois sistemas de produção cultural envolvidos nas negociações e articulações são paradoxais, porque os

interesses para a realização das festas são convergentes, mas os procedimentos para a sua celebração são opostos e conflituosos.

Parintins é a segunda cidade mais populosa do estado do Amazonas, o município encontra-se a 420 km a leste de Manaus por via fluvial e 325 km em linha reta, com área de 7 mil km². De acordo com as estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2018, o município conta com cerca de 115 mil habitantes, número que dobra na época do Festival. Segundo afirmam Mathieson e Wall (1982 *apud* Pires 2014), o turismo de massa está rodeado, mas não integrado na sociedade receptora. Ou seja, ele acontece, mas o turista não está interessado em conhecer a cultura da sociedade receptora, sendo assim, não respeitam ou conservam os patrimônios culturais dela. A rivalidade expressa na representação cromática é um problema para os turistas que precisam escolher um lado, mesmo sem conhecer o espetáculo. E o fato de não poder se manifestar durante a apresentação do boi contrário. Durante nossas conversas em campo, alguns turistas relataram que compram ingressos para os dois lados do bumbódromo para aproveitar melhor a festa. Levam a camisa do boi que se apresenta em segundo e trocam de lado sem problema algum.

O investimento milionário no Festival de Parintins, retorna na forma de ICMS recolhido, que beira cerca de 150 milhões de reais¹². Afinal bebidas, combustíveis, produtos de supermercados, mercados etc., todos recolhem o imposto. Prefeituras ganham, inclusive as demais 61 do Estado inteiro, porque o ICMS recolhido com o Festival de Parintins é rateado entre elas. Donos de portos em Parintins, que oferecem energia e água de poço para os barcos ancorados; Bares, lanchonetes, restaurantes, hotéis, pousadas, donos de suítes no projeto cama e café da manhã. Os recreios regionais, a jato¹³, todos ganham em cima de uma paixão movida pelas cores azul e vermelho. As companhias aéreas cobram o valor de uma passagem internacional por 40 minutos de viagem: R\$2.500,00. A falta de um serviço de qualidade de internet, faz com que a maior parte dos estabelecimentos não aceitem cartão de crédito/débito. E a cidade também não dispõe de Caixa 24 horas¹⁴ e nem casa de câmbio. E só 05 agências bancárias: Bradesco, Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil, Basa e Itaú.

Parintins dispõe de 900 leitos na rede hoteleira, nenhum com serviço 05 estrelas. Muitos turistas ficam hospedados em transatlânticos, barcos ou alugam casas de moradores, sendo essa, uma das principais fontes de renda do parintinense. O aluguel de uma casa com 02

¹² Considerando o período de ensaios que começa em março.

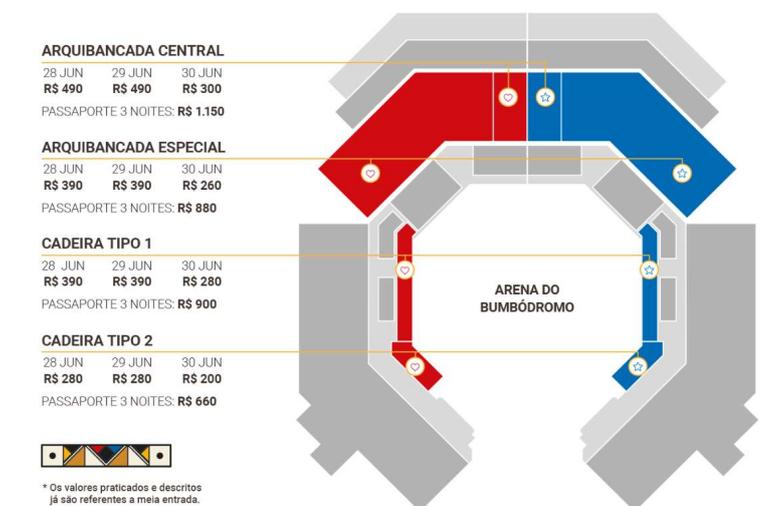
¹³ Espécie de lancha rápida. A viagem nesse tipo de transporte é de 08 horas.

¹⁴ Durante o andamento desta pesquisa, começaram a planejar a instalação de 01 caixa da rede banco 24 horas.

quartos custa por cerca de R\$ 10 mil reais por uma breve temporada de 03/04 dias. Para efeito de comparação, a diária do Four Seasons nas Ilhas Maldivas é R\$3.200,00.

Conforme a figura 02, podemos perceber os ingressos escolhidos pelo público que frequenta o Festival de Parintins. Os preços praticados nos referidos locais são para a classe média e alta. Somente os camarotes dispõem de serviços diferenciados como buffet exclusivo, open bar, camisetas e copos personalizados.

Figura 2 - Mapa de venda de ingressos para o Festival 2020¹⁵



Fonte: Internet. Instagram @amazonbest.

O evento encontra-se na sua 55ª edição e conta com massiva participação de turistas de vários estados brasileiros, como também de outros países, em menor número. Em 2020, pela primeira vez na história, o Governo do Estado do Amazonas adiou a realização do Festival Folclórico de Parintins, em função da Pandemia de COVID-19 no Brasil. No último final de semana de junho de 2020, nos dias em que seria realizado o Festival, o governo realizou uma Live simbólica. Contudo, ainda havia esperanças de que o Festival pudesse ser realizado em outubro, época do aniversário da cidade de Parintins. Porém, em 11 de setembro de 2020, durante reunião com os poderes e representantes de classe, o governador Wilson Lima anunciou o cancelamento da edição, devido a manutenção da pandemia. Os ingressos foram automaticamente remarcados para 2021.

No início de 2021, o Amazonas foi atingido por uma segunda onda devastadora, marcada pela falta de oxigênio na cidade de Manaus, e conseqüentemente, Parintins. Como a

¹⁵ Os ingressos de 2020 foram revalidados para 2022.

cidade não dispõe de UTI, os casos graves ficavam na espera de liberação de leitos de UTI em Manaus. As marcas dessa segunda onda fizeram com que os governos estadual e municipal não retirassem as restrições mesmo com casos em queda e início da vacinação em janeiro. Em junho, sob fortes restrições como toque de recolher, mais uma edição do Festival foi adiada e substituída por uma Live especial realizada no dia 26 de junho. O evento não teve a presença de público, participando apenas os colaboradores dos bumbás, todos devidamente testados e usando máscaras durante toda a apresentação.

Muito se questionava a respeito da edição do próximo Festival, já que a pandemia de covid-19, expôs as fragilidades de Parintins. Mesmo reconhecendo o valor cultural que esse evento representa para a população parintinense, muito questiona-se os benefícios para a melhoria das condições de vida da população, pois a cidade não dispõe de leitos hospitalares suficientes e sequer UTI, apesar do orçamento milionário do Festival.

Graças ao avanço da vacinação, os números de casos de covid-19 caíram drasticamente. As negociações para um possível festival começaram em setembro de 2021, as conversas internas entre bumbás e governo do estado era de um festival com metade do público e exigência de passaporte vacinal. Os dirigentes dos bumbás animaram-se e anunciaram seus temas. Do lado do Boi Caprichoso em 28.10.2021 com “Amazônia, nossa luta em poesia”, do outro, o Boi Garantido em 11.11.2021 com sua “Amazônia do Povo Vermelho”.

Com a pandemia sob controle e a estabilização de casos de covid-19, o governo do Estado do Amazonas em 11 de março de 2022 anunciou o 55º Festival Folclórico de Parintins. O evento ocorreu nos dias 24, 25 e 26 de junho. O investimento do governo do Estado do Amazonas dobrou: 6 milhões para cada bumbá. Com mais 08 milhões de empresas privadas através da Lei Rouanet, perfazendo um total de 14 milhões para cada bumbá. Em face disso, o evento ganhou o apelido de “O maior Festival da história”. Era o pontapé que faltava para cair em campo com esta pesquisa.

Foi durante meus estudos sobre a temática do Festival que algo começou a me incomodar: Quem de fato pensa, prepara e executa o boi de arena, acaba não participando do espetáculo. Muitas regras são ditadas pelos patrocinadores do evento, que conta com participação massiva da população local para construção do espetáculo, talvez este seja o ponto que em que acreditamos que o processo de invisibilidade dos fazedores tem início. Neste contexto, essa categoria acaba fazendo parte das classes populares marginalizadas ou subalternas, invisibilizadas em uma região rica em recursos naturais e na manifestação cultural construída por eles mesmos. Muitos acabam assistindo o Festival em casa, já que os ingressos são caros e a parte da plateia que é gratuita precisa enfrentar um dia inteiro na fila. Os artistas do Boi

Garantido ganharam credencial nível D. Esse ano de 2022, como além de artista, eu fazia parte do projeto financeiro, a minha foi nível A, nível da diretoria. Todos os artistas só podem estar na arena no dia que sua obra será exibida. E nos dias seguintes, ele não ganha ingresso e nem camisa para entrar na arena. Os trabalhadores do galpão de fantasia também não ganham nada, além do pouco pagamento. Com o exaustivo trabalho dos dias que antecedem o festival, muitos acabando assistindo de casa para descansar. Já no Boi Caprichoso, os artistas de ponta responsáveis pelas alegorias ganham camisa para os 03 dias de espetáculo, além das credenciais nível A. Muitos moradores de Manaus, Santarem, Juruti interpretam os personagens principais, com isso, muitos brincantes de Parintins são excluídos sob a égide do “profissionalismo”. Sendo assim, afinal, o que fica para a população parintinense?

Nossa proposta vem problematizar essas relações nos bastidores do processo criativo do Festival de Parintins, para responder ao seguinte problema: Quem de fato desenvolve o Festival folclórico de Parintins? De que forma esses invisibilizados participam? Como as relações entre os sistemas culturais no festival de Parintins contribuem para o Festival como é hoje? O mergulho nessas discussões se torna um modo de explicitar as trajetórias dos agentes responsáveis pela construção do espetáculo a fim de provar que o festival de Parintins não é apenas um produto da indústria cultural, mas também contribuinte das culturas populares. Deste modo, pretendemos como objetivo principal, problematizar os bastidores do Festival usando como recorte temporal, o estudo das transformações no período de 1988 a 2022.¹⁶ Ao dar voz para os agentes culturais que assim como minha avó, foram e são, parte integrante e importante da manutenção deste espetáculo, pretendemos através deste trabalho, contribuir para as pesquisas no campo das Culturas Populares sobre o Festival de Parintins.

A engrenagem que pensa, prepara e executa o espetáculo de arena é de cerca de 6 mil trabalhadores em cada bumbá. Porém, a visibilidade maior é dos personagens do espetáculo: Os itens individuais, dentre eles: Apresentador, Levantador de toadas, Porta Estandarte, Amo do Boi, Sinhazinha da Fazenda, Rainha do Folclore, Cunhã Poranga, Boi-bumbá evolução, Pajé. Também fazem parte do julgamento, os itens coletivos: Galera, Tuxauas, Vaqueirada, Tribos indígenas¹⁷, Coreografia, Alegoria e Organização do conjunto folclórico e os momentos mais esperados pelo público de cada parte do espetáculo que culminam sempre na aparição de um item individual: Figura típica regional, Lenda Amazônica e Ritual Indígena.

¹⁶ Esse período foi ampliado devido a confirmação do 55º Festival Folclórico de Parintins

¹⁷ O uso do termo tribo foi objeto de forte oposição por parte dos jurados no ano de 2019, que fizeram uma carta de recomendação sugerindo a alteração para grupos étnicos.

Todavia, existe um universo de personagens por trás disso tudo, entre eles: Artistas de ponta, artistas plásticos, pintores, desenhistas, escultores, soldadores, eletricitas, costureiras, aderecistas, coreógrafos, empurradores de alegoria. Como entrevistar milhares de trabalhadores, brincantes, dançarinos? Foi aí que veio o convite que mudaria tudo: Djane, você aceita ser nossa artista de ponta e confeccionar o vestido de uma das noites da personagem Sinhazinha da Fazenda? Aceitei. Neste sentido, segundo o que preconiza (Haesbaert, 2009, p. 393-419), caberia aprender com vivências, imaginações, significados e representações que estavam implicadas nas práticas socioculturais, em mútuo engendramento com os componentes ecoambientais e os condicionantes sócio-históricos.

Toda tarefa requer um modo de fazer, um caminho a seguir, uma forma de abordar o objeto, em outras palavras, uma metodologia. A etimologia do termo metodologia remonta ao francês *méthodologie*, derivado de método, do latim, *methodus* e este do grego, *méthodos*, de *meta-* e *hodós*, que significa via, caminho, para alcançar um fim determinado, no sentido de investigação científica (Da Cunha, 1986, p. 517). Assim, tentei construir uma proposta metodológica, desenhar um caminho, um mapa exploratório, que possa ser percorrido depois por outros pesquisadores com propósitos semelhantes.

Minha avó se foi em 2012. Ela que tinha remédio para tudo, não me ensinou nenhum remédio para lidar com sua partida aos 99 anos. Não me viu entrar na universidade federal, nem pôde estar no meu baile de formatura, tampouco, estará no dia da minha defesa de mestrado. Mas ele está sempre lá. O Boi Garantido. Por isso, escrever sobre sua história, sua gente, sua cultura, foi a forma que encontrei de mantê-la viva perto de mim. Para chegar ao nosso objetivo geral, usamos como fio condutor, as histórias de minha avó, como teoria e método, e as minhas próprias histórias agora como artista do Boi Garantido, para produção de conhecimento, e assim chegar ao objetivo geral que é problematizar os bastidores do processo criativo do Festival de Parintins. Como objetivos específicos, contextualizamos os sistemas e subsistemas da Semiosfera do Festival de Parintins e assim, identificamos os personagens que compõe esta pesquisa. Ao revelar esses personagens e suas falas, podemos analisar a contribuição desses sistemas e seus personagens para a manutenção do Festival enquanto manifestação da cultura popular.

Aprender que pesquisa é reflexão, mas também é um processo de autoconhecimento, relação, construção de afetos, um processo gestacional. Por isso, nosso ponto de partida para esta dissertação foi a pesquisa qualitativa participante a partir de arquivos pessoais que mantenho desde 2016 quando iniciei meus estudos sobre essa temática. Também analisamos documentos institucionais a partir dos acervos das instituições Boi Garantido e Boi Caprichoso,

além de matérias em jornais, correspondências, além de produção intelectual de pesquisadores também ligados ao tema. Através desse material, utilizei a análise semiótica para mapear a semiosfera do festival de Parintins com seus sistemas e subsistemas.

Abordar semioticamente os bastidores do processo criativo no Festival de Parintins, me permitiu compreender a semiose entre os sistemas de signos identificados e a identificar os personagens principais e secundários desse processo, sobre os quais aplicamos o método da observação participante, através da imersão na qual, onde enquanto como autora me coloquei simultaneamente, tanto como observadora dos bastidores e sujeito atuante nos mesmos, como artista de ponta do Boi Garantido. Apesar de frequentadora assídua do festival como torcedora, era a primeira vez que iria à cidade com o objetivo de conhecer seu contexto, através de uma observação participante e livre. Foi um momento (vários, na verdade) em que me libertei de tudo para estar totalmente aberta, deixando-me impregnar de informações, coletando, provisoriamente, indícios relevantes ao objetivo geral desta pesquisa. Também utilizamos entrevistas semiestruturadas, seguindo todo protocolo de segurança em função da pandemia de covid-19 e as normas do Conselho de Ética em Pesquisa – CEP.

Foram entrevistados parte dos membros do Boi Garantido, sendo eles: Antônio Andrade, presidente do Boi Garantido e filho de mestre Venâncio; Allan Rodrigues, pesquisador, membro da comissão de artes no ano de 2019 e 2022; Adan Renê, pesquisador, membro da comissão de artes no ano de 2022; Kelvyn Machado, artista do galpão de fantasias e Sorin Sena, artista do galpão de alegorias. Por parte do Boi Caprichoso¹⁸, entrevistamos Macoy Cardoso, artista de alegoria; Rainer Canto, ajudante de galpão; Lorena Rebouças, costureira; Oziel Lopes, compositor do Boi Caprichoso; Valentina Cid, Sinhazinha da Fazenda; Kaleb Aguiar, artista de figurino.

Para estabelecer a relação entre os diferentes sistemas de signos que configuram essa rede criativa e entender esse grande sistema semiótico gerador de signos, sistemas e subsistemas, usamos os conceitos de semiose, de Charles Sanders Peirce, e semiosfera, de Iuri Lotman, entre outros semioticistas. Tomando os conceitos de semiose e semiosfera, como teoria e método, aprofundamos nossos estudos para entender a organização de cada um desses sistemas.

¹⁸ Entrevistas feitas depois do Festival Folclórico de Parintins, em respeito ao contrato que a autora assinou com o Boi Garantido para confeccionar uma indumentária para a Sinhazinha da Fazenda como parte de sua metodologia cuja clausula proíbe qualquer tipo de contato com os artistas da agremiação contrária.

Para entendermos a dinâmica e a evolução dessa manifestação popular, recorreremos as bases teóricas e conceituais dos fundamentos da Etnocologia. Afinal, o que é o Festival de Parintins senão tal qual a tradução de Pradier:

“(...) O que o gênio da humanidade inventou para celebrar os deuses e a natureza, chorar os mortos, glorificar os vivos, dar prazer, provocar angústias ou admiração, convencer, seduzir, festejar o amor, aplacar instancias invisíveis, solenizar os reencontros, rir, zombar, recitar, curar e que têm todas uma característica comum: a de associar estreitamente o corpo e o espírito num acontecimento social espetacular?”
Pradier, 1998 p. 18.

Ao entrar para o programa de pós-graduação em Culturas Populares, percebi que nenhuma pesquisa ou livro trata da contribuição do Festival de Parintins para as culturas populares. Para investigar essa contribuição, fizemos uso dos fundamentos dos estudos culturais utilizando os conceitos de Burke, Hall, Babha e Canclini, que por sua vez abriu o campo da discussão sobre o Festival de Parintins na atualidade, para os quais usamos o conceito do lugar de resistência. Utilizando os conceitos de espetacularização, exploramos a construção do espetáculo a partir das falas dos que constroem o espetáculo, mas são invisibilizados pela indústria cultural. Também identificamos os processos de transculturação, entre os valores culturais locais presentes atualmente e seu elo com o imaginário indígena e caboclo e como essas culturas foram incorporadas na cena do festival de Parintins.

Essa é uma possibilidade de compreensão desse complexo cultural chamado Festival de Parintins. Uma mistura de “gentes”, costumes. “Gente” extremamente “bairrista”, que olha os forasteiros com ar de superioridade independente de qual seja sua titulação acadêmica, cientes e confiantes em seu talento nato e que constroem o maior espetáculo da terra ao ar livre. Esse “bairrismo” nos lembra muito o que Hall definiu como as identidades culturais:

“As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e história. Não uma essência, mas um posicionamento. Onde haver sempre uma política da identidade, uma política de posição, que não conta com nenhuma garantia absoluta numa lei de origem sem problemas, transcendental (Hall, 1996 p. 70)”.

A reflexão acerca da invisibilidade de parte dos agentes culturais no Festival de Parintins é de urgente e extrema importância. Os bois de Parintins, Garantido e Caprichoso, estão enquadrados como Patrimônio Cultural Imaterial do Amazonas, conforme Decreto nº33.684 de 26 de junho de 2013, assinado pelo então governador do Estado, sr. Omar Aziz. Dentre as justificativas apresentadas, uma delas é que os bois são figuras da essência e importância do festival de Parintins, evento que movimenta milhões de reais na economia local.

Na esfera federal, o festival de Parintins foi reconhecido como patrimônio cultural junto ao Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional. Constam do dossiê que embasou o processo de reconhecimento, diversas sugestões para a manutenção da memória dessa importante manifestação, entre elas, um centro de documentação e memória. O processo de reconhecimento segue para a Unesco, para fins de reconhecimento como Patrimônio da humanidade. Mas, qual a verdadeira importância do festival?

Para os agentes locais, a celebração continua tendo os significados lúdico, mítico, mágico e religioso, mas, desde a inauguração do bumbódromo e a entrada em cena da Coca Cola, também passaram a existir os interesses dos negócios. Para esses agentes externos o interesse é prioritariamente econômico, transformando o Festival em produto de consumo de escala global. Para a mídia e esses grupos econômicos, a cultura tradicional não deve ser apenas popular, mas popularesca, consumida por maior número de pessoas e espetacularmente exibida. Ou seja, quanto maior o seu consumo, melhor será o resultado e, portanto, a espetacularização é estratégia para o consumo desses produtos culturais. Os contratos dos artistas principais têm cláusula que os mantém a disposição dos patrocinadores durante os dias que antecedem o Festival e nos dias de Festival, numa rotina completamente exaustiva e insana.

O festival em si e seus símbolos representam a memória coletiva da região Norte e não apenas do caboclo, como também do indígena, ao formar-se enquanto um território simbólico de representações da cultura e um elo vivo com o passado. Patrimônio é a valorização de lugares e sujeitos perante a sociedade e a preservação do festival de Parintins é a manutenção da memória coletiva e da representatividade histórica temporal do evento. Pensar no Festival de Parintins é ligá-lo diretamente a uma memória coletiva e à história do lugar. O fazer histórico é um processo permanente, vivo, que diz respeito a todos. A narrativa histórica transmite valores e visões de mundo e ajuda a compreender o que se vive hoje e o futuro que se deseja, e essa narrativa histórica apresenta um potencial valioso no desenvolvimento social. Contudo, é importante que se abra esse tipo de espaço para que as vozes desses invisíveis de todos que fazem parte deste processo, sejam ouvidas e conhecidas nos ambientes de poder, como a academia.

Entendemos a importância de patrimônio como um caminho para o passado que se inter-relaciona com o presente, carregado de sentidos simbólicos. Para Funari *apud* Pelegrini (2006, s/p) a noção de patrimônio tem origem etimológica em “herança paterna”. Esse termo deriva do latim *patrimonium* e faz alusão à “propriedade herdada do pai ou dos antepassados” ou “aos monumentos herdados das gerações anteriores”, essas expressões fazem menção a *moneo*, que em latim significa “levar a pensar”. Nesse contexto, este trabalho pretende

justamente isso: Nos levar a pensar. A pensar o papel dos que constroem esse espetáculo maravilhoso.

Para Alberti *apud* Lopez (2008, p. 17), a memória pressupõe registro – ainda que tal registro seja realizado em nosso próprio corpo. Ela é, por excelência, seletiva. Reúne as experiências, os saberes, as sensações, as emoções, os sentimentos que, por um motivo ou outro, escolhemos para guardar. Já segundo os ensinamentos de Le Goff *apud* Lopez (2008, p. 17), podemos inferir que “Uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na ‘realidade histórica’ ou puramente imaginária – pode ser uma narração histórica ou uma fábula.” Toda história é sempre uma narrativa organizada por alguém em determinado tempo e implica uma seleção. Essa construção ocorre, invariavelmente, no presente, por um ou mais autores.

Além destas lacunas que deram início a esta pesquisa, existe a motivação pessoal, já que sou descendente de uma indígena parintinense e admiradora incontestável de todo o rico material cultural enraizado na história amazônica presentes na oralidade do povo parintinense. Como um incentivo a mais que ratifica a importância desta pesquisa: Ela é pioneira em abordar a contribuição do festival para as culturas populares, o que pode incentivar outros pesquisadores e pesquisadoras a explorarem mais esse tema.

O Amazonas não dispõe de um programa de pós-graduação específico para as culturas populares, embora suas cidades sejam repletas de festejos tradicionais não apenas no mês de junho. A contar, Festibal¹⁹ de São Gabriel da Cachoeira, Festival do peixe ornamental de Barcelos, Ciranda de Manacapuru, Tefé. Por esse motivo, encarei a ponte aérea Manaus-Aracaju-Manaus como aluna especial. Em seguida fui aprovada no processo seletivo regular, mas infelizmente, em função da pandemia de Covid-19, tivemos que ficar de forma remota. Nunca esqueci as palavras do professor avaliador da banca na entrevista: Caso você seja aprovada, será um grande intercâmbio cultural.

As inspirações e os motivos que me trouxeram até aqui, alguns ainda permanecem ocultos. Esperava que me fossem revelados até o fim da pesquisa, mas ainda não é a hora, assim me foi dito durante minha ida a campo. Todo mundo ri quando falo que converso com gente morta, mas hoje não sinto mais medo. Levei muito tempo para entender quem tanto conversa comigo. Não ria. Há algo de muito mágico naquele lugar. Dizem que é o objeto de pesquisa que escolhe você e hoje tenho certeza disso. E eu me sinto muito lisonjeada por essa escolha, pois aprendi a respeitar e honrar a minha ancestralidade.

¹⁹ Nome alusivo aos grupos étnicos presentes na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

Essas histórias que eu gosto de contar são do antigamente. Mas o povo entendido deu de chamar isso de lenda. São essas histórias, nascedouros vivos das encantarias, que são cantadas e decantadas em verso e prosa no bumbódromo e que eu te convido para conhecer. Uma história moldada no mito que recriou e transfigurou a vida amazônica em realidade. Muito mais do que uma festa, são histórias de vida com vários legados. Por isso, eu convido você a ouvir a história do meu povo e conhecer a minha cultura. Eu te convido a viajar no encantado que habita a Ilha Tupinambarana, minha Parintins. A terra dos meus ancestrais.

A partir dessas orientações, esta dissertação está dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo intitulado “Histórias de gente grande para curumim dormir”, abordo minhas memórias afetivas de caráter individual e coletivo. Foi aqui que sem saber exatamente o porquê, que tudo começou. Minha relação com o objeto de pesquisa começou a ser plantada em mim desde a mais tenra idade, assim como acontece com todo parintinense. E é através das histórias que minha avó contava que avalio como o imaginário do caboclo amazônida contribuiu para a construção do espetáculo como conhecemos hoje. Através dos sistemas e subsistemas da semiosfera do Festival, identificamos os personagens desta pesquisa.

No segundo capítulo intitulado “Viva a cultura popular”, apresenta-se o Festival de Parintins compreendido como manifestação da cultura popular e suas contribuições para ela. Para tanto, exploro os bastidores do Festival, trazendo breves relatos de algumas transformações ao longo dos anos e sua versão atual, tendo como fio condutor, a observação participante dos bastidores do Festival, incluindo alguns invisibilizados. Artistas de base, soldados, pintores, eletricitas, ajudantes, empurradores de alegoria, costureiras, músicos, dançarinos, vaqueiros. Desvelo, assim, as mãos humanas que dão vida ao maior espetáculo da terra a partir da minha experiência como artista de ponta no espetáculo Amazônia do Povo Vermelho, temática para o Boi Garantido no ano de 2022 e da minha vivência na Ilha Tupinambarana para análise do Boi Caprichoso, construindo sua “Amazônia, nossa luta em poesia”, tema de 2022.

No terceiro e último capítulo, “Auto da Resistência Cultural”, trazendo o conceito dos estudos culturais abordamos as definições de identidade, analisando o papel do festival na atualidade a partir dos artistas, moradores da cidade de Parintins e de outros estados, e que interpretam os papéis principais para saber como os protagonistas, Boi Garantido e Boi Caprichoso, se apropriam das novas tecnologias para reinventarem os seus produtos culturais. Aplicando a percepção referente ao sentido de intercruzamento ou hibridização entre as diferentes/semelhantes culturas, mostramos como essa cultura centenária resistiu/resiste ao tempo.

CAPÍTULO I - HISTÓRIAS DE GENTE GRANDE PARA CURUMIM DORMIR

*“Nossos contos e lendas, histórias da terra
Que eu conto aqui, no meu boi bumbá”²⁰*

Minha avó curava diversas doenças com as ervas que mantinha no jardim: gripe, tosse e até poliomielite a vi curar usando quinino. Em diversos lugares do Brasil e do mundo, existem homens e mulheres que dispõem desses saberes ancestrais para resolver todos os tipos de problemas do cotidiano, ou que conhecem os segredos das ervas para produzir remédios. Elas também realizam partos fora de hospitais, conhecem estratégias de sobrevivência no interior das florestas. Essas pessoas vivem desse simbolismo que esse ambiente oferece e repassam esses saberes e costumes geração a geração.

No interior da floresta Amazônica está localizada a cidade de Parintins uma distância de 369 quilômetros da capital Manaus em linha reta e a 420 quilômetros por via fluvial com aproximadamente 113.832 habitantes. É neste conjunto de águas, ventos, fauna e flora que o palpável e o imponderável acontecem o tempo todo. E foi aqui que minha avó, Iracilda Martins nasceu em 13.04.1913. Quem nunca ouviu falar das histórias dos ribeirinhos? Pois é, quanto mais se adentra na floresta amazônica, mais ricas ficam suas narrativas sobre o imaginário. Para Maffesoli (2001) o imaginário é o estado de espírito de um grupo, de uma comunidade de um país ou nação que estabelece vínculo, que se mistura e se une, que produz imagem e não pode ser individual. E foi neste contexto que fui educada.

O desejo de contar histórias é um aspecto fundamental da condição humana. Quando ele se junta à necessidade inata de dar sentido ao ambiente que nos cerca e de entender as origens das coisas, o resultado é o que os estudiosos chamam de mitologia. Isso não significa dizer que a humanidade seja o foco principal dos mitos; seu verdadeiro atrativo está nos deuses vívidos, fantásticos, que criam mundos, moldam montanhas, organizam as estrelas e enchem os oceanos. Depois de criar o cenário, eles o povoam com seres humanos e outros animais, concedendo à humanidade os benefícios da civilização e estabelecendo as leis naturais básicas do nosso mundo.

²⁰ Trecho da toada “Quimera Cabocla” de Murilo Maia e Vanilson Oliveira

Que essas histórias são universais e atemporais é evidente pelo nosso contínuo interesse em mitologia. Geração após geração, a *Iliada* de Homero segue fazendo sucesso. Thor protagoniza filmes em Hollywood e a lenda do Rei Arthur gerou toda uma indústria que arrasta multidões. Uma das razões desse interesse é que as mitologias estão repletas de emoções bem humanas: amor e ódio, coragem e estupidez, maldade e bondade. D.H. Lawrence descreveu o mito como sendo "a tentativa de narrar toda uma experiência humana, cujo propósito é demasiado profundo, indo fundo demais no sangue e na alma, para uma explicação ou descrição de natureza psicológica". Como Lawrence sugere, mitos raramente são apenas uma forma de entretenimento. Eles são mais urgentes, mais importantes do que a mera narrativa: incorporam elementos que conduzem a humanidade de volta às suas origens.

Uma parte importante da mitologia é a cosmogonia, ou a explicação de como o universo passou a existir. Assim como o Antigo Testamento, que começa com as palavras "No princípio", a maioria das mitologias admite uma época em que o mundo não existia, de desordem antes da ordem. No coração de todas as mitologias do mundo existe a crença em um reino sobrenatural, além de nossas vidas cotidianas e prosaicas.

Para Carvalho (2014, p. 273), é possível afirmar que a construção das bases que sustentam o espetáculo do Festival de Parintins coincide com um discurso esteticamente formulado de maneira a evocar uma consciência temporal baseada em fragmentos de momentos indeterminados de um imaginado passado ancestral, propondo-se a reconstruir significados de lendas e mitos seletivamente recuperados. A estrutura envolve, principalmente, aspectos épicos. Por exemplo, a vitória do herói, o Pajé da tribo, o qual, na cena do Ritual, derrota uma força identificada com o "mal", salvando o seu povo. Esta força maligna é sempre personificada por uma figura lendária, selecionada da mitologia amazônica. Outras vezes, englobar narrativas que pretendem retratar um cotidiano - do qual apenas restam elementos residuais na memória coletiva, cotidiano esse a ser ressignificado e reconstruído. E em outras, retratar lutas contra o branco invasor, destruidor.

Os bois de Parintins vêm também para defender o "Eu" amazônico, negro, índio, caboclo e enfatizar a singularidade de identidades e (re) existências culturais ancestrais - "[...] reconhecimento de si, que desafia de diferentes maneiras e em diferentes formatos, a sujeição imposta, ainda materializada no racismo, nos preconceitos e discriminações" (Souza, 2011, p. 37). Uma revisão constante das formas comportamentais da sociedade tradicional, um diálogo sem medo do desconhecido e do novo. Fazer este "boi" "bumbá" é ter o novo convivendo historicamente com o antigo, um reforçamento de identidades locais revitalizadas e o impacto

da compreensão espaço temporal dos diversos Brasis. E perceber o fenômeno artístico manifestado no boi-bumbá como inter-relações onde arte e a vida não têm distinção.

Para Nakanome, (2017, p. 73) são diversas referências para a construção do olhar de determinada coisa, objeto ou indivíduo. Para o estudioso, artesãos e artistas construíram o personagem “índio” dentro da festa do boi bumbá a partir de um diversificado referencial que ultrapassa os fundamentos da cultura brasileira, a educação tanto sistemática quanto vivência e a mídia e seu imenso universo de informações “verdadeiras” ou espetaculares. Usando o imaginário indígena capaz de enriquecer seus mitos através da arte, até a extraordinária habilidade artística para criar embarcações, cestaria, panelas e vasos de barro e os adornos de pena, o caboclo parintinense usa essa herança ancestral geralmente recebida na infância e aperfeiçoa no grande ateliê que é a construção da brincadeira de boi, que elegeu o elemento ameríndio como o herói trágico do romantismo literário brasileiro – o “dono do país” antes da invasão portuguesa para contar as histórias que aprendemos ainda crianças.

Para nós amazônidas, é comum crescer neste ambiente de mistérios da floresta, ouvindo de nossos avós e pais, essas histórias fantásticas sobre a cobra grande, matinta, mãe da mata, boitatá, yara, curupira, boto e outros seres das águas e da floresta e ficávamos assombrados e não dormíamos a noite toda. Em Parintins, esse imaginário se mistura à realidade, as imagens que criávamos em nossas mentes e que nos fazia nos esconder debaixo da cama ou sequer sair de casa, ganham vida no último final de semana de junho.

1.1. Essa é a história indígena que vem sendo contada de avô para neto, geração a geração

“Meu filho acredite na história que eu vou te falar
Eu vi com meu pai e agora eu vou te contar...”²¹

O universo amazônico explorado pelos Bois Garantido e Caprichoso relembra o que Loureiro (2015) identificou como um grande signo modulado pelo tempo, um universo repleto de seres, signos, e os mais variados significados. Um conjunto de relações culturais com o mundo, reguladas pelo poético que emana da liberdade do imaginário amazônico. Uma poética que se revela não somente nas criações dos diversos campos da arte, mas que também estabelece

²¹ Trecho da toada “Quimera Cabocla” de Murilo Maia e Vanilson Oliveira

a forma de uma ética das relações dos homens entre si e com a natureza. Uma poética em ação que se instaura no cerne de uma cultura governada pela função estética do imaginário.

A festa alcançou considerável complexidade, fruto de intensa produção textual, resultando em letras de toadas que levam o espectador a uma mistura de poema com batuque. Alegorias recriam as lendas amazônicas e rituais indígenas, resultantes de um paciente trabalho de pesquisa, com referência no imaginário indígena. Segundo Braga (2002, p. 22), “a consulta a fontes escritas e visuais tem adquirido importância crescente entre artistas, compositores, músicos e membros das comissões de artes dos bumbás”. Com toda sua magnitude, a festa fez com surgisse um novo olhar sobre a Amazônia e sua cultura, construindo e reconstruindo histórias.

Nesse contexto a cultura mantém sua expressão mais tradicional, principalmente a ribeirinha. Ela está mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história e está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada, refletindo dessa forma, a relação do homem com a natureza e se apresentando imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural. Desse modo, a cultura amazônica onde predomina a motivação de origem ribeirinha é aquela na qual melhor se mantêm vivas as manifestações decorrentes de um imaginário unificador refletido nos mitos, na expressão artística propriamente dita e na visualidade que caracteriza suas produções de caráter utilitário. Para Eliade (2010, p.11) é difícil achar uma definição de mito que seja aceita universalmente. Por outro lado, será realmente possível encontrar uma única definição capaz de cobrir todos os tipos e todas as funções dos mitos, em todas as sociedades arcaicas e tradicionais? O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares.

Assim, o mito seria a história sagrada, um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabulosos do princípio. Graças as façanhas dos entes sobrenaturais, o mito seria uma realidade que passou a existir, o cosmo, ou ainda apenas um fragmento. Através dessas narrativas, as gerações mais jovens puderam compreender o tempo primordial e trazer para si como realidades, fazendo viver, na imaginação, os acontecimentos que lhe foram narrados. Isso contribui para a formação da identidade do homem como e onde ele vive, claro que isso só é possível com a aceitação e identificação desse homem com todos esses valores transmitidos e com o lugar onde vive.

No caso peculiar da Amazônia, muitos mitos indígenas foram se transformando em lendas ao longo dos anos, ou seja, as relações entre mitologia indígena e a lenda cabocla são muito próximas. Se compararmos o conceito de lenda com o de mito, os dois se confundem,

portanto, tem uma relação porque a lenda retrata o mito. As histórias da região amazônica, quanto mais conhecidas e exploradas, surpreendem com aspectos característicos, oferecendo uma visão de mundo mais ampla, embora numa cultura heterogênea e complexa como a da Amazônia.

O festival de Parintins é repleto de personagens e elementos imaginários oriundos da amálgama que gerou o caboclo amazônida. Do boto sedutor das águas que corre em liberdade pela margem do rio em noite enluarada, do Ypupiara que amedronta o vaqueiro da várzea, do Curupira que passeia nas veredas amazônicas, do assobio estridente da Matinta. O doce canto da Iara, a lendária Boitatá que incendeia as florestas para afugentar os caçadores, as brigas dos irmãos Honorato e Caninana da lenda da Cobra Grande²². Ou ainda a preparação dos jovens através do Ritual da Tucandeira, e a celebração da morte através do Ritual Kuarup do povo Xinguano.²³

Essas foram as histórias que ouvi quando cunhantã²⁴. Histórias que gente grande conta para curumim dormir. E que ganham vida através da arte parintinense. Rendida aqui estou, na tentativa de contar coisas indizíveis, de despir lembranças, dores e encantamentos com olhos de criança que se misturam aos olhos da mulher que já conheceu a morte das pessoas amadas e que teve que achar formas de lidar com essas perdas dolorosas. Escrever sobre a história de minha avó, de sua gente, da sua cultura foi a forma que encontrei para lidar com minhas dores. A propósito, sugiro que este trecho desta dissertação seja lido ouvindo a toada “Mapinguari”, do Boi Garantido. Aguardarei enquanto vocês procuram as notas e colocam seus fones. Não há pressa, há apenas a necessidade do ritual, e essa toada é parte dele.

Minha avó conquistou meu coração para o boi Garantido em 1983, mas somente em 1994 tive a oportunidade de conhecer o Festival pessoalmente. Era ali, tão somente uma aprendiz, sem nenhuma experiência. Tudo era novo e eu basicamente apenas deixava meus olhos beber toda a beleza que passava diante deles. Nos dois anos seguintes fui sendo encantada mais e mais por tudo que via e a cada fim de junho eu tinha mais um ano de formação na universidade do folclore.²⁵ Até então via a alegria das pessoas, o carisma dos itens, o poder do

²² As lendas escolhidas configuram como narrativas orais do imaginário amazônico e representam a diversidade cultural brasileira.

²³ Os bois de Parintins utilizam a floresta amazônica como base para seus discursos e que corresponde aos países: Colômbia, Equador, Bolívia, Guiana, Guiana Francesa, Peru, Suriname e Venezuela. No Brasil, a floresta é chamada de Amazônia Legal e abrange os Estados do Amazonas, Amapá, Mato Grosso, oeste do Maranhão, Pará, Rondônia, Roraima, Acre e Tocantins.

²⁴ Cunhantã significa menina na língua Tupi.

²⁵ Os Bois têm sua escolinha de artes, no entanto, por conta da rivalidade evita-se um nome igual. Por isso, o nome da escolinha de artes do boi Garantido é “Universidade do Folclore”.

peçoal da galera²⁶ e admirava a grandiosidade das alegorias. Veio 1997 e o Boi Garantido trouxe o tema Parintins para o mundo ver. Vi a encenação da luta dos cabanos contra os poderosos que exploravam pretos, caboclos, indígenas. A toada “tempos de cabanagem” traduzia o genocídio de proporções amazônicas (vivemos de novo nestes tempos sombrios).

Quando de repente sou sacudida pela Lenda Amazônica Mapinguari²⁷: “Surgiu da floresta o monstro maldito. Um bicho enviado por Jurupari...’ uma alegoria gigantesca que parecia um King Kong amazônico com uma boca na barriga representava o mitológico Mapinguari. Começou o enfrentamento dos índios da tribo comandados pelo Pajé e a Cunhã Poranga²⁸ Valéria da Carbrás. Ninguém conseguia piscar, todos completamente em transe assistindo quase um “*pas-de-deux*”²⁹ em que a Cunhã Poranga girava em torno do Mapinguari. Com um arco, ela lançava flechas em direção à boca do ser mitológico. Lembro que um dos últimos pensamentos lógicos q me vieram a mente foi: Já pensou se esse macaco gigante tomba ferido pela flecha? Mal tive tempo de concluir o pensamento, e o imenso macaco começa a tombar em 3 ou 4 movimentos enquanto ouvia... “e o monstro estranho termina afogado, nas trevas do lago mal-assombrado”.

Um misto de êxtase, uma catarse, perplexa, eu só conseguia proferir muitos palavrões, olhando para o lado como que procurando outros que também tivessem visto o que eu vi, como uma forma de tentar entender o que tinha acontecido e se tinha acontecido mesmo. Foi um momento mágico! Parecia que tinha testemunhado um apocalipse, um “ragnarok”³⁰.

O Mapinguari é uma entidade do imaginário indígena que se projetou entre os caboclos que vivem na floresta. Para índios e caboclos que vivem na floresta, o Mapinguari é um gigante peludo com um olho na testa e a boca no umbigo. Alguns índios acreditavam que ao atingirem uma idade mais avançada evoluiriam e transformar-se-iam em Mapinguari e passariam a habitar o interior das florestas passando a viver apenas no seu interior e sozinhos. Há também quem diga que seus pés têm o formato de uma mão de pilão.

O Mapinguari emite uns gritos semelhantes ao grito dado pelos caçadores. Os ribeirinhos amazônicos contam muitas histórias de grandes combates entre o Mapinguari e

²⁶ Item nº19 segundo o regulamento do Festival Folclórico de Parintins.

²⁷ As lendas escolhidas configuram como narrativas orais do imaginário amazônico e representam a diversidade cultural brasileira.

²⁸ Cunhã Poranga significa moça bonita na língua Tupi.

²⁹ Pas de Deux é um termo do ballet clássico que, em francês significa "Passo de dois". Como o próprio nome sugere, é um dueto de dança em que dois dançarinos, geralmente um homem e uma mulher, executam passos de ballet juntos. Também comum em espetáculos teatrais.

³⁰ Apocalipse na mitologia nórdica.

valentes caçadores. Trata-se de uma lenda que já foi tema de muitas reportagens e pesquisas de cientistas que tentaram encontrá-lo na floresta sem êxito. Para o cientista norte-americano David Oren, ex-diretor de pesquisa do Museu Goeldi, de Belém do Pará, a lenda do Mapinguari pode estar associada a possíveis contatos com remanescentes das preguiças gigantes que existiram na Amazônia.

Foi assim que o Boi Garantido me tocou a alma pela primeira vez. A primeira de muitas vezes que testemunhei a capacidade das criações parintinenses em proporcionar momentos inexplicavelmente emocionantes. Os artistas parecem ter um toque divino que bole com a nossa alma. Em Parintins, costumamos dizer que não é você que escolhe para qual boi você irá torcer, mas o Boi que escolhe você. Um exemplo disso, era que admirava demais o contrário³¹. Minha avó inclusive vinha de uma família predominantemente azul. Com sua mudança para Manaus, ficou fácil converter seus descendentes para o Garantido. Lembro de sua cara de espanto quando mencionei a beleza do contrário. Ouso dizer que se não fosse a influência de minha avó, teria sido torcedora do contrário. Contudo, que bom que o Garantido me escolheu.

Quando o Boi Garantido escolheu para sua segunda noite de apresentação no ano de 2018, a lenda amazônica Matintaperê³², parecia que estava escutando minha avó falando: “Corre, menina. Pega a tesoura, um crucifixo e uma chave, senão alguém vai morrer.” Quando a rasga mortalha, como a da figura 03, uma espécie de pássaro que pousa nos telhados ou nos muros das casas emitindo um assobio alto e estridente para que os moradores deem conta de sua presença, minha avó mandava buscar a tesoura, uma chave e um crucifixo para quebrar o encanto da Matintaperê, pois se não o fizéssemos, alguém da casa iria morrer. A toada já diz: “Oferendas e rezas para a proteção, é preciso escapar. Leve o tabaco, mas poupe minha vida, sussurram caboclos em superstição.”³³

³¹ Termo associado para mencionar o outro boi. Um torcedor nunca menciona o “nome” da agremiação rival.

³² As lendas escolhidas configuram como narrativas orais do imaginário amazônico e representam a diversidade cultural brasileira.

³³ Trecho da toada Matintaperê de Eneas Dias, João Kennedy Souza e Marcos Moura.

Figura 3 - Conjunto alegórico Lenda Amazônica Matintaperê



Fonte: Foto Wigder Frota, 2018.

Na segunda noite do Festival de Parintins em 2018 coube ao artista Roberto Reis, retratar a lenda da velha senhora (figura 04) que se transforma em rasga mortalha, uma coruja agourenta (figura 03) e que tem origem na herança indígena, repassada pela tradição oral, que alimenta o imaginário não apenas do povo amazônico, mas de todo Brasil.

Figura 4 - Conjunto alegórico Lenda Matintaperê



Fonte: Foto Wigder Frota, 2018.

De assobio assustador e arrepiante, a Matintaperê causa medo, assombração e pavor, sobretudo, nas crianças que vivem nas palafitas ribeirinhas ou nos tapiris das comunidades rurais. Com conhecimentos repassados por velhos curandeiros, para quebrar o encanto da

Matintaperê recomenda-se enterrar uma tesoura, um crucifixo e uma chave por onde ela passa. É preciso também oferecer tabaco a ela e esperar o dia amanhecer, quando ela virá atrás do fumo, revelando assim a identidade da velha e assombrosa senhora. Invisível e em metamorfose no meio da noite, a Matintaperê também pode se manifestar através numa grande ventania, provocada pelas suas asas, que varre a copa das arvores e o chão da floresta.

Em Parintins, a lenda da Matintaperê é conhecida simplesmente como *Matin* e foi muito recorrente na cidade até o advento do desenvolvimento e da modernidade, lá pelos anos 70. Com o passar do tempo, a lenda acabou se mantendo apenas nas comunidades rurais, onde a superstição ainda prevalece e falar da Matintaperê é sempre uma forma de amedrontar, especialmente as crianças para não saírem a noite, porque podem ser levadas pela senhora metamorfoseada em Matintaperê.

Do lado de nossa casa em Manaus, minha avó fez “sua floresta”. Crajiru, cuia mansa, cipó alho, unha de gato, entre outras. Para adentrar nesse espaço sagrado, era preciso pedir licença. Minha avó falava que a floresta tinha vida. Que as arvores podiam nos escutar. E quem fizesse mal à floresta seria castigado. Foi aí que me contou a história do Curupira³⁴. O menino do cabelo de fogo e pés para trás, para quem os índios deixavam agradinhos antes de entrarem na mata, rogando para que o Curupira não lhes faça mal algum. O Curupira é um vigilante. Inimigo daqueles que caçam por lazer, matam as fêmeas, em especial as prenhas. Ele assume a forma de caça para que o encalcem, mas nunca se deixa pegar, levando-os mais para dentro da mata, apaga a trilha, fazendo com que os caçadores fiquem perdidos por muito tempo. Vovó dizia que ele é conhecido também como o mestre dos sinais falsos, das mentiras e dos enganões, capaz de transformar parentes dos caçadores em caça, para atormentar os caçadores ao abaterem a caça.

Através da sabedoria ancestral indígena, o Curupira nos ensina como sobreviver sem degradar o que a natureza oferece para a humanidade. Curupira é uma das lendas indígenas mais antigas do folclore brasileiro, que remonta à Amazônia pré-colombiana e tem origem nos relatos orais dos índios *Nawa*, que habitavam o Vale do Juruá, no Acre. E dos índios *Tembé Tenetehara*, que habitam o Maranhão e o Pará e que se autodenominam “Povo verdadeiro”.

Apesar de ter sido retratada diversas vezes na arena, tanto pelo Garantido, quanto pelo Caprichoso, irei me ater à apresentação do Boi Garantido na primeira noite do Festival em 2019. Mais uma vez quem assinou o conjunto alegórico que retratou a lenda “Sete espíritos” (figura

³⁴ As lendas escolhidas configuram como narrativas orais do imaginário amazônico e representam a diversidade cultural brasileira.

05) foi o artista Roberto Reis e sua equipe. O artista nos apresentou um Curupira incorporado em seis outros espíritos, o da onça, do gavião, do jacuraru, do camaleão, da cobra e da própria “mãe natureza”, para proteger a fauna e a flora dos ataques de caçadores e depredadores.

Figura 5 - Conjunto alegórico Sete Espíritos



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2019.

Presente na cosmologia dos povos Tupinambá, Maraguá e demais povos tupis, Kurupyra é um nome duplo que vem da língua tupi passando pelo nheengatu e maraguá, que ganhou a adaptação para Curupira, que vem de curu, menino, abreviação de curumim, e pira, quer dizer corpo. Pequeno, ágil, alegre e extrovertido, o curupira é um espírito que se transforma em gigante para proteger a natureza. Dono de uma força descomunal, protege a fauna e a flora de atentados criminosos, inclusive rompimentos de barragens e poluição dos rios, estão hoje no cotidiano de proteção do Curupira.

Tão antiga quanto a lenda do Curupira é a lenda do Boto,³⁵ usada por minha avó e tantas outras mulheres para manter as cunhantãs, longe dos rios e das festas noturnas a fim de protegê-las de estupros. Nas noites enluaradas de agosto, os amazônidas costumemente reúnem-se para divertirem-se nos “bailes dos barracões”, ocasiões festivas onde o espírito de comunhão comunitária é reavivado, as caboclas chegam de diversas partes dos beiradões, com

³⁵ As lendas escolhidas configuram como narrativas orais do imaginário amazônico e representam a diversidade cultural brasileira.

suas coloridas e brejeiras roupas, exalando o inebriante perfume do “Patchouli”, tornando a noite, um prelúdio mágico para a vivência da “mística sedução do boto”. Vestindo seu traje de encanto, todo em linho branco, com seu enigmático chapéu na cabeça, surge o boto, ávido para dançar e seduzir e conquistar nas madrugadas, as caboclas desavisadas.

De conversa mansa, postura sedutora e galanteadora, o “boto homem”, ao deixar as águas assovia, fazendo brotar uma aura de encantamento, demarcando o território e em seguida percorre o salão da festa, conversando, outrora dançando, como realizando a dança de conquista, para ao fim da madrugada escolher, aquela, que será convidada a cruzar o portal da encantaria, para conhecer como homem e animal, o senhor das águas, o boto. Alguns dizem que ele mora em um palácio, edificado no fundo das águas, adornado em cristais cintilantes, guarnecido e habitado por mulheres arraias, homens crustáceos e muitas outras criaturas encantadas. Dali, a cabocla encantada, voltará à superfície, marcada para sempre, como a mãe do filho do boto, destino desafiador, instigante, surreal muito presente no emaranhado de mistérios lendários amazônicos.

Figura 6 - Conjunto alegórico Lenda Amazônica Boto Romanceiro



Fonte: Foto Wigder Frota, 2018

O Boi Caprichoso escolheu o artista Márcio Gonçalves, 43 anos, para dar vida a lenda amazônica O Boto Romanceiro em sua terceira noite de Festival no ano de 2018. Márcio trouxe para a arena os dois universos: O beiradão dos rios (figura 06) e o mundo aquático (figura 07)

Figura 7 - Conjunto alegórico Lenda Amazônica Boto Romanceiro



Fonte: Foto Wigder Frota, 2018.

Ele trabalha há 26 anos como artista plástico, todos no Boi Caprichoso. Dos artistas entrevistados³⁶, esse foi o mais organizado, pois dispõe de arquivos de seus trabalhos tanto na forma digital, como em papel, o que possibilita uma análise mais aprofundada do seu processo de criação. Sua documentação vai desde os croquis as maquetes, vídeos e fotos de galpão.

De todas as lendas que ouvi de minha avó, a lenda da Vitória Régia,³⁷ bem como da Iara, foram as que mais me despertavam curiosidade. A lenda da vitória régia nos conta a história de perseverança da índia Naiá, nascida e criada em uma aldeia tupi-guarani. De rara beleza, Naiá encantava a todos por onde passava. Um dia, apaixonou-se pela lua, que todos da aldeia acreditavam ser um guerreiro chamado Jaci, que vinha à terra em noites de lua cheia para desposar as mais belas índias e levá-las consigo, tornando-as lindas estrelas no céu. Naiá, assim como eu, cresceu ouvindo essa história, e acreditando que a Lua era o deus Jaci, desejou morar com ele no céu.

³⁶ Entrevista feita seguindo todas as normas de segurança relativo a pandemia de covid-19, como uso de máscara, álcool em gel e distanciamento.

³⁷ As lendas escolhidas configuram como narrativas orais do imaginário amazônico e representam a diversidade cultural brasileira.

Figura 8 - Conjunto alegórico Lenda Amazônica Sissa, a flor dos aimarás



Fonte: Wigder Frota, 2018.

Assim, Naiá subia as colinas todos os dias, depois que seu povo dormia, na esperança de ser notada. Sem perceber, o amor de Naiá transformava-se em obsessão. Em uma de suas muitas noites de clamor, Naiá percebeu que a luz da Lua refletia nas águas do lago, bem perto da colina. Pensando que o senhor do seu coração estava a banhar-se ali, tão perto, Naiá mergulhou no lado em busca daquele que seria, conforme ela acreditava, responsável por sua felicidade. Ela nadou tão fundo que não conseguiu mais voltar a superfície. Tupã comovido pelo sacrifício da bela índia, transformou-a em uma linda estrela das águas, única e perfeita. A linda índia era agora a Vitória-Régia, a flor das águas, cujas pétalas perfumadas mudam de cor conforme o horário do dia — brancas ao cair da noite e rosadas ao raiar do dia, como lindamente retratado na figura 08, conjunto alegórico Lenda Amazônica Sissa, a flor dos Aimarás do artista Algles Ferreira.

E assim é o boi bumbá. Essa festa longeva que ocorre na Amazônia há várias gerações, marcada pelas mudanças do tempo e ressignificada em diversos aspectos de modo continuado. As histórias que minha avó contava continuam sendo as mesmas sendo sempre outras, renovadas e reinventadas de modo sistemático. Hoje, os bois de Parintins adotaram o discurso político para construir suas narrativas. As toadas com os mesmos gêneros discursivos tal qual o que o samba-enredo do Rio de Janeiro vem fazendo, mostram-se interessantes para estudos das áreas humanas e servem como registro histórico e cultural, como também valorizam as

camadas desprivilegiadas da população, pois representam sua voz e refletem sua ideologia. Mas convivendo com tantos artistas invisibilizados nesse processo de construção, creio que isso fique muito mais no discurso do que na prática. Afinal, vivemos o jogo político e econômico.

No centro disso tudo está a floresta amazônica, palco e pauta central dos bois de Parintins. O desmatamento e a Covid-19 avançaram sobre a floresta e os povos que vivem nela e dela foram encenados nos espetáculos de 2022. Junior Yanomami, um dos principais líderes de seu povo, diz que a floresta tem mais valor viva, de pé: “Os garimpeiros destruíram tudo. As comunidades estão sem água. Estão bebendo água suja, contaminada. Animais se afastaram. Tem muitas comunidades que não conseguem mais caçar, porque por 24 horas os motores dos garimpeiros estão funcionando. Nós defendemos a floresta.”. A Covid-19, lamentavelmente, chegou aos povos indígenas, guardiões por excelência da floresta, sem a qual não será possível vencer a outra emergência que ameaça a humanidade – a climática: (...) “Um homem do mato que firmou um pacto com duplos invisíveis da floresta -, com os xapiris que transmitem os recados cifrados da mata. Um recado ominoso, um aviso, uma advertência”. (Viveiros de Castro, p.41)

Assim como minha avó me ensinou, os povos indígenas também ensinam que há uma força sobrenatural que criou a terra e tudo que nela habita, os seres místicos, encantados, com seus mitos e lendas. Exploram outros modos de viver e fazem participar de uma sabedoria milenar: A sabedoria da floresta. Esse imaginário indígena reforça as histórias que cresci ouvindo e que todo amazônida ouve na infância. O mundo moderno não tem tempo para a ecologia espiritual assim como a cultura. Os povos indígenas inspiram e se preocupam em honrar as realidades do espaço sagrado em que vivemos. Atualmente muitos vivem com uma sensação de separação, isolamento, um sentimento de que deva existir um sentido maior na vida. O sonho em si aqui é um vernáculo de possíveis. Habita o âmago de uma vida sem fim, já na dimensão do sonhado há uma espécie de sobre/real. As culturas orais do ouvido são também as do tato e trânsito permanente entre o real, o sonho, o transe. É completamente surreal ver essas histórias ganharem vida no bumbódromo de Parintins pelas mãos de pessoas simples como Sorin Sena, artista do Boi Garantido e Macoy Cardoso, artista do Boi Caprichoso. Trata-se do trans/possível dos Tristes Trópicos que Lévi-Strauss (1952) captou com tanta propriedade. Uma certa melancolia, bafejando uma tristeza profética em ondas sonoras vindas de Lévi-Strauss, numa frase:

“das inúmeras brechas, sobreviventes isoladas da destruição do tempo, jamais darão a ilusão de um timbre original, lá onde ressoam as harmonias perdidas.” Na sua língua, os brancos falam em proteger a natureza. Na nossa que é a dos espíritos, falamos do poder mental de Omama. (...) sem ele a terra desapareceria e seus

habitantes com ela. O alerta que se grita é para evitar que ocorra uma nova queda do céu. (Kopenawa, p.496)

Os bois de Parintins reafirmam esse trânsito, do transe ao sonho e, as lutas da vida consciente sem uma separação de níveis, mas, uma dinâmica de um poro ao outro, em fluxos comunicantes. O transe e o sonho ambos têm, intuito de fazer perceber a grandeza do cosmo. Do transe ao sonho, o que importa é o fluxo entre eles, como parte da ampliação da consciência vívida. A consciência de que somos apenas um "microcosmo", que somos parte de "algo maior", filhos da Terra, filhos de uma Amazônia, onde um povo vermelho luta em poesia.

1.1.1. Os itens Figura Típica Regional, Ritual Indígena e Lenda Amazônica

Na festa de boi bumbá, de acordo com Batalha (2010, p. 100), são muitas as etnias indígenas referenciadas: Tucano, Carajá, Tupí-Guarani, Kamayurá, Saterê-Maué, Munduruku, Tupinambá, Kaxinauá, Apinayé, Mehinakus, Yanomami, Xavante, Makú, Tarian, Wari, Zuruahá, Tapajós, Baniwa, Marubo, Ashsninka, Deni, Katukina, Kulina, Mukaya, Ikolen, Mayoruna, Matis, Waimiri-Atroari, Apurinã, Issé, Ingaricó, Hixkariana, Taulinpang, Juruena, Caiapó, Tikuna, Macuxi, Teneterara, Jarauara, Javaé, Bororo, Matsé, Nambikuara, Parintintin. Estas e outras etnias estão entre as muitas mencionadas no festival de Parintins.

Nesse contexto, três itens ganham força dentro do espetáculo: Figura Típica Regional, Lenda Amazônica e Ritual Indígena. Não apenas pelas belíssimas e gigantes alegorias, como também pela história a ser encenada, as mesmas que minha avó contava. Neste ato, se evidenciam elementos potencializadores do espetáculo como efeitos de aparição, pirotecnia, guindaste e sonoplastia. No caso peculiar da Amazônia, muitos mitos indígenas foram se transformando em lendas ao longo dos anos, ou seja, as relações entre mitologia indígena e a lenda cabocla são muito próximas.

1.1.1.1. Figura Típica Regional

A Figura Típica Regional, como sugere o nome, traz esse lado regional da Amazônia. É a retratação dramaturgicada do dia a dia do caboclo amazônico, da lida nas dificuldades da vida na floresta, da sua luta contra a natureza indomável; das suas festas, da sua religiosidade. É o folclore, o cotidiano, a fé, o imaginário e todo o universo cultural, rico e amplo, do caboclo ribeirinho, do caboclo da Amazônia. Em representações alegóricas e poéticas, entram em cena

personagens tipicamente da região amazônica: pescadores, agricultores, carpinteiros, artesãos. Farinheiros, parteiras, benzedeadas, tacacazeiras.

Cresci cercada de ervas medicinais, usadas para curar doenças, atrair sorte, afastar azar, atrair bons fluídos, limpar as energias negativas. Com minha avó aprendi rituais de cura, benzimento, nem percebia que estava sendo preparada para um dia suceder minha amada avó. As benzedeadas são mulheres detentoras de conhecimentos tradicionais, de técnicas e do respeito dado por outras mulheres e suas comunidades. Aprenderam com suas mães velhas a reconhecer o poder da natureza e das divindades; a utilizar as ervas e as rezas; a exercer a caridade e irmandade ao estarem disponíveis a qualquer hora do dia ou noite, a qualquer distância para cuidar das mulheres em processo parturitivo; a ter paciência e esperar o momento da mulher e da criança darem o sinal de que “chegou a hora” e que precisarão dela; a ensinar às mulheres como se cuidarem durante o resguardo e da criança. Lembro como achava engraçado minha avó banhar um bebê recém-nascido: Com muitas ervas para dar sorte e o cuidado com o coto umbilical para que a criança seguisse um bom caminho em sua vida.

As tacacazeiras de Parintins são personagens pitorescos, espalhados por ruas e praças da cidade. Minha avó me ensinou que o ritual da escolha dos ingredientes começa bem cedo na feira, entre aromas e sabores. Assim como me falou do ponto certo da fervura do tucupi, onde o erro pode ser fatal. É costume de todo morador e visitante, consumir um tacacá ao entardecer, onde as conversas rolam soltas e despreocupadas. O tacacá é oriundo do sumo da mandioca, o famoso tucupi, fervido. Servido em cuias com folhas de jambu, goma de tapioca e camarões.

O item Figura típica regional nos traz muito dessa herança indígena, seja na culinária, seja nos costumes. Como as técnicas de pesca e caça, como o parí, a gaponga, o arpão ou zagaia, o pindá siririca, o cacurí, o puçá, a tarrafa, a tinguijada, a maxerá, o espinhel, o camorim e o muirapirá. A figura 09 nos traz a figura típica Mateiro da Amazônia, etnicamente e brutalmente miscigenado, o Mateiro da Amazônia é herdeiro dos saberes tradicionais. Domina a caça, a pesca, sabe produzir os artefatos necessários para sobreviver na mata e retira dela o sustento de sua família, seja por meio da coleta de alimentos ou através da exploração em pequena escala de produtos com algum valor comercial. Vive, geralmente, em construções modestas, à beira de rios ou lagos, com os quais estabelece uma dinâmica harmoniosa. Conhece as plantas medicinais e, não raro, sabe manuseá-las em processos de cura que colocam em contato a rica farmacopeia nativa e recurso às forças sobrenaturais. Tem sido um colaborador indispensável em todas as expedições que ao longo dos últimos séculos palmilharam a Amazônia, guiando missionários, indigenistas, botânicos e antropólogos em áreas ainda pouco exploradas. Mais

recentemente, tornou-se um ícone da preservação ambiental, associado ao manejo sustentável de produtos naturais.

Figura 9 - Conjunto alegórico Mateiro da Amazônia



Fonte: Wigder Frota, 2019.

Segundo o Regulamento atual³⁸ do Festival Folclórico de Parintins, este item se configura como:

DEFINIÇÃO: Símbolo da cultura amazônica, na sua soma de valores a partir dos elementos que compuseram a sua miscigenação.

MÉRITOS: Homenagem às raízes da terra, beleza e originalidade.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Fidelidade ao item, acabamento, estética, porte e encenação.

Fonte: Regulamento do Festival de Parintins, 2022.

1.1.1.2. Lenda Amazônica

Machado (2003) informa que traduzir certo setor em uma das línguas da cultura, transformando-a em uma informação codificada, ou seja, em texto, é o que introduz a informação em memória coletiva. O item 15 - Lenda amazônica explica acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais, misturando realidade e fantasioso, que vão se modificando através do imaginário popular, através da oralidade pelo caboclo ou, pelo índio da região. Exaltando o imaginário amazônico, desconhecido para muitos, com tanta grandiosidade e imbuída de harmonia, que chega a nos transportar para o universo místico e fantástico que se descortina-se a nossa frente, revelando um mundo de seres encantados, entes da floresta, ora protetores, ora

³⁸ Regulamento aprovado em 2022. Geralmente, existem modificações de 03 em 03 anos.

guardiões e heróis do imaginário indígena-caboclo. São eles que protegem a floresta e fazem dela um lugar mágico e onírico.

A imaginação que ilustra a ficção da cultura dos povos da Amazônia em sua cenografia e encenação faz com que o acabamento, originalidade e desenvolvimento sejam quesitos de julgamento do item. É na apoteose do item Lenda Amazônica que a índia mais bela da tribo faz sua performance. A Cunhã Poranga. Segundo o Regulamento atual do Festival Folclórico de Parintins, este item se configura como:

Definição: Ficção que ilustra a cultura dos povos da Amazônia dentro do contexto folclórico do boi bumba de Parintins.

Méritos: Imaginação, envolvimento, porte cenográfico e encenação.

Elementos comparativos: Acabamento, encenação, originalidade e desenvolvimento.

Fonte: Regulamento do Festival de Parintins, 2022.

Ela é a moça bonita, a sacerdotisa, a guerreira, a guardiã que expressa sua força através da beleza. É a mulher mais bonita das tribos do Boi que tem na sua essência a garra, o mistério e o espírito guerreiro das lendárias Amazonas. É o personagem feminino, que representa a beleza e a valentia das mulheres indígenas, detentora de uma dança rústica, forte e marcante a cunhã- poranga apresenta-se envolvida em temáticas lendárias, épicas que exaltam o imaginário mítico e ancestral dos povos tradicionais da floresta. Marciele Albuquerque, (figura 10), indígena da etnia Mundurukú, é a Cunhã-Poranga do Boi Caprichoso, suas aparições traduzem a força de todas as mulheres indígenas, que através dos tempos, vem resistindo bravamente contra as forças estranhas que tentam esmagar a cultura de seus ancestrais.

A figura 10 traz sua aparição na exaltação folclórica da primeira noite do Festival de Parintins de 2018 como Naruna, a Rainha das Icamias, as lendárias guerreiras Amazonas, ou ainda, as mulheres sem marido. Marciele Albuquerque é militante de causas sociais em defesa dos povos indígenas e levou seu item cunhã poranga para além da beleza estética, transformando-se num símbolo de empoderamento e resistência.

Figura 10 - Cunhã Poranga Boi Caprichoso Marciele Albuquerque



Fonte: Wigder Frota, 2018.

No Boi Garantido este item é representado pela exuberante Isabelle Nogueira, 25 anos, manauara, cuja beleza é realçada por longos cabelos negros e que traduzem toda a singularidade da mulher nativa da Amazônia, inspirando a poesia e os sonhos do versador. Ela expressa em sua dança, sentimentos de amor e paixão, com movimentos suaves como o remanso dos igarapés e fortes como os banzeiros do grande rio Amazonas.

Figura 11 - Cunhã Poranga do Boi Garantido Isabelle Nogueira



Fonte: Foto: Xavier Pernée, 2018.

Dona de uma dança forte e marcante, a cunhã poranga representa a força, beleza e a valentia das mulheres indígenas através dos tempos, a figura 11 traz a índia mais bela do Boi Garantido em sua performance no ano de 2018, representando a etnia Marupiara.

1.1.1.3. Ritual Indígena

Da antropofagia do povo Tupinambá, conforme relatos de Hans Staden, aos mistérios dos índios morcegos Kuep-Dyep da serra do Roncador; da guerra dos Tariana no rio Uapés ao Couro dos Espíritos. Assim, os bois de Parintins encenam e recriam rituais indígenas para desvendar cenicamente o rico universo e cosmologia desses povos indígenas, dentro de um campo apoteótico, em três atos na arena do Bumbódromo, daí seu apelido de opera cabocla. Foi a partir de 1996, que os bois sentiram a necessidade de dividirem seus espetáculos para melhor entendimento do público e dos jurados. Surgia assim o Conselho ou Comissão de Artes³⁹ com o intuito de pensar, roteirizar e executar todo o espetáculo. Os artistas plásticos se debruçam junto o Conselho ou Comissão de Artes para entender as pesquisas antropológicas a fim de recriar os rituais através de imensas estruturas alegóricas e retratar diversos ambientes das crenças dos povos indígenas do Brasil. O espetáculo ganha o suporte essencial através de toadas específicas para esses dois grandes momentos.

O Ritual Indígena, um dos momentos mais esperados da noite, é a culminância apoteótica, geralmente o ato final da festa, mas não necessariamente o último, podendo raramente ser representado no início das apresentações. Carregando diversos signos do universo mítico indígena, este item retrata não somente o simbolismo fantástico da mitologia desses povos, mas abrange de forma complexa e ampla, seus conhecimentos e sua maneira de se perceber no mundo, sua fé, e suas relações sociais nas mais variadas dimensões. Segundo o regulamento atual do Festival Folclórico de Parintins este item se apresenta como:

Definição: Recriação de rito xamanístico, fundamentado através de pesquisa, dentro do contexto folclórico do boi bumbá.

Méritos: Teatralização, criatividade, beleza, originalidade e efeitos.

Elementos comparativos: Fidelidade à toada cantada na apresentação do ritual, desenvolvimento, beleza e encenação, observada a sua fundamentação (pesquisa/referências) dentro da folclorização do boi bumbá.

Fonte: Regulamento do Festival de Parintins, 2022.

³⁹ A rivalidade dentro do festival é tão grande que os bois optaram por nomes diferentes para suas equipes de criação. O Boi Caprichoso tem seu Conselho de Arte e o Boi Garantido, Comissão de Artes.

A apoteose do Ritual traz o grande xamã, o curandeiro, o pajé. É ele que conduz a cerimônia indígena em forma de alegoria artística e dramatização. Fidelidade à toada, cantada na cerimônia, desenvolvimento, beleza e encenação são os elementos comparativos em julgamento deste item. A aparição do pajé é um dos momentos mais aguardados da noite do festival folclórico. O pajé interpreta em sua apresentação o feiticeiro, o curandeiro, o mago das transmutações, fascinando todos pelos cantos, rezas, danças e rituais.

Figura 12 - Pajé Boi Caprichoso Netto Simões



Fonte: Foto: Daniel Brandão, 2019.

Segundo o Regulamento atual do Festival Folclórico de Parintins, este item se configura como:

DEFINIÇÃO: Curandeiro, hieforante, xamã, sacerdote, ponto de equilíbrio das tribos.

MÉRITOS: Expressão corporal e facial, movimentos harmônicos, domínio de espaço cênico.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Indumentária, originalidade, expressão, segurança, domínio de arena, encenação e coreografia.

Fonte: Regulamento do Festival de Parintins, 2022.

O pajé é o personagem que reverencia os chefes religiosos indígenas brasileiros, apresentando-se na arena do bumbódromo envolvido em momentos cênicos e coreográficos que retratam os rituais ancestrais, onde o pajé é o elo entre o mundo real e o mundo metafísico. Com indumentária criativa, o pajé rememora com incorporações cênicas as danças ancestrais de cura, viajando a mundos estranhos, afugentando o mal, reordenando o equilíbrio espiritual de seu povo. O parintinense Netto Simões (figura 12) é o pajé do Boi Caprichoso, e com sua enigmática forma de dançar, venera com altivez a memória ancestral do pajéismo brasileiro.

Um guerreiro guiado pela força dos espíritos ancestrais, com o poder da cura, capaz de reger um mundo de mistérios, controlador de forças que ameaçam o corpo e a alma. Com o poder mágico das ervas, repete o gesto de invocar os espíritos sagrados pedindo proteção aos ancestrais para expulsar o ser maléfico, como o dançarino Adriano Paketá faz na figura 13. Ele é o atual representante do personagem no Boi Garantido.

Figura 13 - Pajé Boi Garantido Adriano Paketá



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

Durante o Ritual, podemos entender e sentir alguns mistérios da selva, como: seres fantasmagóricos, danças, lutas, mortes, animais, a natureza, e algumas vezes, a chegada da mulher mais bela da tribo, a Cunhã Poranga contracenando com o pajé. A visão trazida pelo Festival de Parintins é expressar o mais próximo possível da realidade da natureza amazônica. Segundo Jair Mendes, o mugido do boi, os animais se mexendo, o cotidiano dos indígenas e caboclos traz uma carga emocional muito forte aos torcedores e fortalece o processo de construção de identidade regional.

Os itens Figura Típica Regional, Lenda Amazônica, Ritual Indígena, são os momentos mais esperados do espetáculo, pois é neles que os seres da floresta ganham vida e caminham na arena, piscam e se movimentam com realidade. Na Figura Típica Regional, temos a retratação do dia a dia do caboclo ribeirinho, de suas crenças, culinária, costumes. Na lenda, os entes da floresta tornam-se heróis amazônicos e guardiões da floresta. No ritual, a cosmogonia, etiologia e a escatologia indígena são apresentadas numa recriação apoteótica do universo indígena no boi-bumbá de Parintins.

1.2. Bumba meu boi agora é boi bumbá, tem a raiz do povo nordestino

*“Vem pra nossa festa, de índio, caboclo
De negro, do povo, de aldeias, quilombos e ruas
Do amado chão brasileiro”⁴⁰*

O espetáculo de arena é pautado a partir do auto do boi, ato que reúne todos os personagens do auto-do-boi: Pai Francisco, Catirina, Gazumbá, Padre, Pajé, Amo do Boi, o próprio boi, figuras que passaram a ser meras reminiscências, aludindo ao que um dia figurou no âmago do folguedo, onde ocorre a morte e a ressurreição do boi, e que passa a ser o motivo da comemoração, por conseguinte, desenrolar da trama que será encenada no bumbódromo. Porém, conforme Carvalho (2014, p. 205) alguns participantes começaram a achar que o Auto do Boi tomava muito tempo da apresentação e quebrava a harmonia. Em entrevista (*ibidem*, p.206) Fred Góes, membro da comissão de arte do Boi Garantido disse:

O boi ressuscita, ali mesmo. (...) no compacto, a gente não faz a morte do boi, porque é o seguinte: a festa, ela é muito para cima, e a morte ela é muito densa, como toda a morte, (risos) é um momento denso, então a gente já tentou colocar, mas aí (...) há uma reação muito grande... “mêrmão tu ‘vai’ matar o público tu ‘leva’ pra uma coisa muito densa.

Porém, em 2015, Menciús Melo, então membro da comissão de artes do Boi Garantido, deu um toque de protagonismo a esses personagens dando inclusive “voz” ao Pai Francisco, interpretado por João Paulo Faria, cantando o Auto do Boi dentro da Celebração Folclórica:

Amo: Diga, Pai Francisco
Por que matou meu boi?

Pai Francisco: Não quis matar
Eu só queria a língua tirar
Pra desejo saciar
E Catirina não me apurrinhar
Dizendo que o nosso filho com cara de boi ia chegar

Amo: Olha, seu cabra, paciência acaba
Tiro vida, sangue e ponta de barba
Caso não dê jeito no mais afamado touro do lugar

⁴⁰ Trecho da toada “Nós, o povo” de Adriano Aguiar, Enéas Dias, João Kennedy e Marcos Moura.

Pai Francisco: Não se apoquente, meu patrão
Vou resolver essa questão
Vou chamar o curador poderoso pajé

Rufa tamurá!
Balança maracá!
Rufa tamurá!
Balança maracá!

Amo: Urrou o meu novinho
Meu amado garantido
O meu povo está em festa
Viu meu boi ressuscitar

(Toada Auto do Boi Garantido. Composição: Enéas Dias / João Kennedy / Marcos Boi)

Devido à ótima repercussão e ao fato de contribuir para as notas da personagem Sinhazinha da Fazenda, tendo em vista a carga dramática da encenação, o Boi Caprichoso acabou adotando também o novo (antigo?) formato. Assim, o espetáculo do Festival de Parintins ficou dividido em 05 atos: Celebração Folclórica; Figura Típica Regional; Momento Tribal; Lenda Amazônica e Ritual Indígena, compondo um total de 21 itens para julgamento, tendo como pano de fundo uma temática definida de antemão pelo conselho e comissão de arte dos bumbás, onde trabalha-se a construção do discurso dos bumbás, sempre inspirado em mitos selecionados e apropriados pela temática dos bumbás.

Para Carvalho, na narrativa central, esses mitos são recontextualizados, na medida em que o discurso do evento consigna à festa popular o papel de uma manifestação herdeira direta e veiculadora de uma suposta essência ancestral, mítica. Para Carvalho (*ibidem*, p. 273), é possível afirmar que a construção das bases que sustentam o espetáculo coincide com um discurso esteticamente formulado de maneira a evocar uma consciência temporal baseada em fragmentos de momentos indeterminados de um imaginado passado ancestral, propondo-se a reconstruir significados de lendas e mitos seletivamente recuperados. A estrutura envolve, principalmente, aspectos épicos.

Em 1976, o artista Jair Mendes inseriu as artes plásticas no universo folclórico do Boi Garantido, de acordo com Tenório (2016, p. 192) criando a robótica, técnica responsável pelos atuais movimentos das gigantescas alegorias. Essa técnica foi sendo aperfeiçoada ao longo dos anos e outras novidades foram sendo introduzidas, e isso permitiu que os bois fizessem experiências a cada edição para chamar a atenção do público. Em 1978, o poeta Tonzinho Saunier inseriu os contos e lendas e Jair Mendes modificou a forma de fazer a estrutura do boi, antes feito com paus de igapós e talas de palmeiras, passaria a ser feito de

fibras e esponjas. Em 1979, o artista Vandir Santos inventou e inseriu as alegorias em módulos. Foi a partir da década de 90, que surgiram as famosas alegorias articuladas.

Os artistas parintinenses são mestres na arte de criar alegorias de tirar o fôlego literalmente de suas respectivas torcidas. O espetáculo é cuidadosamente guardado a sete chaves para que o impacto seja ainda maior. São três dias que Parintins vive sob os holofotes da mídia e de uma plateia externa ávida por saber o que os bois reservam para cada noite. Turistas de todas as partes do mundo e cobertura de imprensa do país e do exterior, mostram o crescente investimento financeiro para a organização do festival e para a produção artística dos bumbás, bem como na qualidade do que se exhibe. Isso mostra que o espetáculo é, de fato, grandioso, constituído por enormes alegorias, luxuosas fantasias e efeitos de luz e de som cada vez mais sofisticados. A magnitude do espetáculo, aliado ao lugar onde se realiza, são elementos relevantes nas manifestações de estranheza e espanto presentes em avaliações de parte da mídia sobre Parintins.

1.2.1. Associação Folclórica Boi Bumbá Garantido

*“... Da promessa do poeta menino, surgiu meu boi,
Meu boi Garantido ...”⁴¹*

Segundo Silva (2007, p. 24), existem divergências quanto a uma data específica para a criação do boi-bumbá Garantido. Estima-se que ele tenha sido criado em 1913, conforme relatos orais, nessa época, o curumim Lindolfo brincava pelas ruas da baixa da Dona Xanda com seu boizinho de curuatá. Em 1919, acometido de grave enfermidade, Lindolfo Monteverde fez uma promessa a São João Batista: Caso vencesse a enfermidade, sairia com o seu boizinho de curuatá todos os anos pelas ruas, para brincar nos festejos de São João. Essa promessa perdura até a data de hoje, com o “pagamento da promessa” no dia de São João Batista, 24 de junho, onde o Boi Garantido sai em cortejo pelas ruas da baixa do São José, bairro onde o Boi Garantido teve origem, em direção à Catedral de nossa senhora do Carmo.

O Boi Garantido é conhecido como “O boi do povão”, possui um coração vermelho na testa (figura 14) e defende as cores vermelha e branca. Sagrou-se campeão no ano do centenário dos bumbás em 2013, e é o atual campeão totalizando 32 títulos.

⁴¹ Trecho da toada “Meu Eterno Garantido” de Enéas Dias.

Figura 14 - Boi Garantido



Fonte: Foto: Wigder Frota, 2019.

A cor padrão do Boi Garantido é vermelha. Segundo Pedrosa (2000, p. 107) vermelho é cor primária, portanto, indecomponível, tanto em cor-luz como em cor-pigmento. Possui elevado grau de cromaticidade e é a mais saturada das cores, decorrendo daí sua maior visibilidade em comparação com as demais. É a única cor que não pode ser clareada sem perder suas características essenciais. Vermelho foi a cor de Dionísio para os pagãos e é a cor do amor divino para os cristãos. Na maioria das lendas europeias e asiáticas, o espírito de fogo é sempre representado com roupas vermelhas. É a cor de Marte, dos guerreiros e conquistadores. Era a cor distintiva dos generais romanos e da nobreza patriciana, tornando-se a cor dos imperadores. O vermelho é o símbolo do amor ardente.

O maior desafio do Boi Garantido está em não poder usar nenhum tom de azul, incluindo alguns tons de verde, muitos próximos do azul. A ação de cada cor isolada é a base sobre a qual diversos valores são harmonizados. Kandinsky (1996) afirma que a cor exerce uma influência direta. A cor é o toque, o olho, o martelo que faz vibrar a alma, o instrumento de mil cordas. O artista é, assim, a mão que, com a ajuda do toque exato, obtém da alma a vibração correta. Para produzir seu espetáculo de arena, o Boi Garantido dispõe de um time de 12 artistas de ponta, assim chamados porque são os que encabeçam cada projeto que lhes é confiado, mas cada artista de ponta, dispõe de uma equipe grandiosa a sua disposição, composta por desenhistas, soldados, pintores e ajudantes.

1.2.2. Associação Folclórica Boi Bumbá Caprichoso

Segundo a folclorista Odinéia Andrade, o Boi Caprichoso surgiu em 20 de outubro de 1913, também de uma promessa feita, desta vez, pelos irmãos Cid: se tivessem sucesso na nova terra (Parintins), colocariam um boi para dançar nas festas de São João. O Boi Caprichoso é conhecido como diamante negro, (figura 15) em razão deste ser todo na cor preta - ou o Boi de Parintins e possui na testa uma estrela, mas as cores que predominam são o azul e o branco. Possui 23 títulos e sagrou-se campeão no ano do jubileu de ouro do festival em 2015.

Figura 15 - Boi Caprichoso



Fonte: Daniel Brandão, 2019.

A cor padrão do Boi Caprichoso é azul. Por ser a mais escura das três cores primárias, o azul tem analogia com o preto. Curiosamente, o Boi Caprichoso é revestido com veludo preto e chamado carinhosamente por seus torcedores de “touro negro”. É indecomponível tanto em cor-luz como em cor-pigmento. Nas luzes coloridas, sua cor complementar é o amarelo. Misturado ao vermelho, produz o magenta. Em cor pigmento, sua complementar é o laranja, sendo esta a maior arma do Boi Caprichoso contra o seu rival.

Todas as cores que se misturam ao azul, esfriam-se. O azul é a mais profunda das cores – o olhar o penetra sem encontrar obstáculo e se perde no infinito. É a própria cor do infinito e dos mistérios da alma. Uma superfície pintada de azul dilui-se na atmosfera, causando a impressão da desmaterialização, como algo que se transforma do real em imaginário. Diante do azul, a lógica do pensamento consciente cede lugar à fantasia e aos sonhos que emergem dos abismos mais profundos do nosso inconsciente e pré-consciente. Segundo Kandinsky, o azul

atira o homem para o infinito e desperta nele o desejo de pureza e de sede do sobrenatural.

É a cor das roupas de Odin, deus supremo dos povos Nórdicos. O deus hindu Vishnu era azul. É a cor das roupas de Nossa Senhora. Azul era a cor sagrada dos Druidas. No norte da Europa, por volta de 1600, um pano azul era usado no pescoço para evitar doenças. Culturas asiáticas acreditam que vestir ou carregar algo azul afasta o mau olhado. Nas culturas orientais o azul é conhecido como o envelope áurico que contém e sustém a vida. As noivas usam algo azul no dia do casamento para dar sorte.

No Boi Caprichoso, o processo criativo parte tanto da escolha das toadas que irão compor o cd do bumbá, como do projeto artístico elaborado pelo Conselho de Artes. Depois desse processo e escolhidas as toadas, os desenhistas elaboram os croquis que irão nortear os artistas, tanto de fantasias de itens individuais e coletivos, como dos conjuntos alegóricos. O Boi Caprichoso dispõe de um time de 12 artistas de ponta, assim chamados porque são os que encabeçam cada projeto que lhes é confiado, embora muitos não gostem desse termo, pois ao ver deles, desmerece os demais membros da equipe.

1.3. A grande maloca da semiótica cultural.

*“Vem conhecer o meu boi-bumbá,
o imaginário te convida para brincar na festa cabocla...”⁴²*

Há entre os(as) moradores(as) das cidades do Baixo e Médio Amazonas a crença nos “encantados”⁴³. Seres com poderes sobrenaturais com os quais essas populações mantêm uma relação de ambivalência. Muitos(as) moradores(as) de comunidades e cidades distribuídas ao longo do rio Amazonas asseguram que os encantados moram na cidade do fundo ou encante cuja localização exata podem determinar, mas asseveram que há, em diferentes pontos da topografia amazônica portais de acesso a esse cosmo. Em Parintins, esses seres incorporam o nome de bichos do fundo e vivem na cidade do fundo, um local encantado. Esses seres podem se iniciar em qualquer ser vivo, e até os elementos não animados, perceptíveis ou não pelos olhos das pessoas, para visitar uma cidade de cima Parintins - onde passam despercebidos. Esses antigos seres - detentores de conhecimentos dos múltiplos mundos e imanentes ao sistema

⁴² Trecho da toada “A poética do imaginário caboclo” de Adriano Aguiar

⁴³ Chamarei de ancestrais.

cosmológico do Baixo Amazonas são uma chave de acesso à potência da cura, da doença, da morte e da vida em Parintins. (Cordeiro, p.12)

Para Boaventura de Sousa Santos (1997), o modelo de racionalidade que preside a ciência moderna, configurado a partir do século XVI e desenvolvido nos séculos seguintes “nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não se pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas (Santos, 1997, p.11).

Para muitos dos moradores de Parintins, esses seres encantados, os bichos do fundo, sobem nos meses de abril, maio e junho e dão vida ao Festival de Parintins. Dizem também que cada família tem um encantado. Minha avó desde muito cedo me falava: “Você herdou meus dons. Suas mãos são abençoadas e sua reza tem muita força.” Ela se foi deste plano em 2012 e ao se despedir de mim, falou: “Não fique triste, minha filha. Você nunca estará sozinha. Você é a continuação da minha história neste plano.” Eu nunca entendi muito o que tudo isso queria dizer. Até a minha primeira reunião de orientação de mestrado.

Devastada pelas perdas causadas pela pandemia de covid-19, relatei à minha orientadora minha dificuldade em produzir. Muito emocionada, ela tentou me acalmar e começamos a conversar amenidades. E assim, em determinado momento, falei que estava triste também porque sempre foi a vontade de minha avó que eu encontrasse um caminho na vida e que era muito triste que eu tivesse encontrado este caminho quando ela não estivesse mais aqui para presenciar. Minha orientadora retrucou: Mas quem lhe disse que ela não está? E foi ali, que tudo fez sentido. Lembrei de todos os momentos juntas, e principalmente, lembrei dos meus ancestrais, apelido carinhoso que dei aos espíritos que conversavam comigo desde a infância.

Hoje tenho certeza de que o que me trouxe até aqui, foi a energia simbiótica desses Ancestrais. Contudo, faltava desvelar o que eles queriam de mim. Por isso, urgia ir para campo. Viver e sentir essa morada de contos, reino das encantarias e panteão de deuses. Um encontro de povos, dos nordestinos que trouxeram o bumba meu boi do Maranhão em busca de prosperidade, de fé, aos membros da JAC que decidiram criar o festival folclórico para acabar com as brigas de rua quando os cortejos se encontravam em frente ao terreno que hoje abriga a catedral de nossa senhora do Carmo. Uma festa baseada na recriação, vida, crença, da aldeia e do terreiro, tendo como pano de fundo, a majestosa imensidão verde que cerca a Ilha Tupinambarana, a bela cidade de Parintins. Foi ali que o imaginário amazônico transcendeu as fronteiras da floresta e se vê nascer uma variedade de encantarias que guardam, abençoam, reverenciam e convivem harmonicamente com os caboclos e os ciclos da natureza. É na formação deste território plural que se condensam sujeitos e histórias que de certa forma

mantêm um elo com todo o seu povo e a sua história, sustentado por um grande universo semiótico.

Loureiro (2015) nos apresenta uma análise da cultura amazônica sob o ângulo dominante de uma poética advinda desse imaginário cultural nela inserida ou proveniente. Cultura esta que no sentido ético e estético que o próprio chamou de *paideia*⁴⁴, de *Bildung*⁴⁵ amazônica, constituída por indivíduos formados segundo um modo de relação profunda com a natureza e dos homens entre si. O mais importante conceito formulado, além do imaginário como norteador da cultura amazônica, é o da conversão semiótica, isto é, o processo de mudança na qualidade do signo e ou símbolos na narrativa de uma história, mito, conto ou similares através da linguagem. Só a partir da compreensão do Festival de Parintins como um grande espaço semiótico, e de como esse sistema é produtor de outros textos, gerando assim, uma continuidade semiótica, de modo que a cultura produz ininterruptamente cultura. Esta, por sua vez, quer seja escrita, falada ou interpretada.

Assim, para entender esse grande sistema semiótico gerador de signos e subsistemas, usamos os conceitos de semiose, de Charles Sanders Peirce, e semiosfera, de Yuri Lotman, entre outros semioticistas, para identificar os agentes culturais que constroem o espetáculo e estabelecer a relação entre esses diferentes sistemas de signos que configuram essa grande rede criativa-sistêmica-semiótica. Contudo, já deixo claro que a análise semiótica não é o foco de nossa pesquisa. Após uma breve introdução teórica, usarei a SC tão somente como um instrumental de análise para a identificação dos sistemas e subsistemas e por conseguinte, dos sujeitos invisibilizados.

A semiótica lotmaniana tem como objeto de estudo prioritário a análise dos textos artísticos. Já naqueles de sua fase estruturalista, como “A Estrutura do texto artístico”, Lotman (1978) dava especial atenção à poesia. Ela era, em sua opinião, uma das formas mais poderosas de criação, condensação e produção de informação devido à sua complexidade estrutural. A rima, o ritmo, a semântica, a iconicidade da linguagem, todos esses aspectos colaboravam para a constituição de um texto capaz de gerar novos textos (releituras, reescrituras, interpretações) de forma ilimitada.

⁴⁴ *Paideia* (παιδεία) é um termo do grego antigo, empregado para sintetizar a noção de educação na sociedade grega clássica. Inicialmente, a palavra (derivada de *paidos* (pedós) - criança) significava simplesmente "criação dos meninos", ou seja, referia-se à educação familiar, os bons modos e princípios morais.

⁴⁵ É a tradução alemã para o termo grego *Paideia*, o qual traduzimos – sem que tenhamos algo com sentido equivalente – por “formação” ou por “cultura”, mas carrega consigo o sentido de uma formação harmônica do todo da personalidade, em suas variadas possibilidades, de modo a viabilizar a realização da obra de arte

Pensar a cultura a partir da ideia de estrutura que organiza diversos outros sistemas de códigos só é possível por entender que cada codificação em cada sistema não acontece independente da sua relação com outros sistemas. O texto garante a noção de uma leitura contextualizada, isto é, relacionada a outros sistemas de código e interdependente deles. Mesquita (2016, p.72) afirma que só podemos compreender a dinâmica da cultura, a partir dos textos culturais, conceito esse imprescindível para os estudos semióticos da cultura, pois trata a cultura a partir de sua semiose, de seus processos semióticos e do funcionamento dos textos culturais na formação do tecido da cultura em estudo.

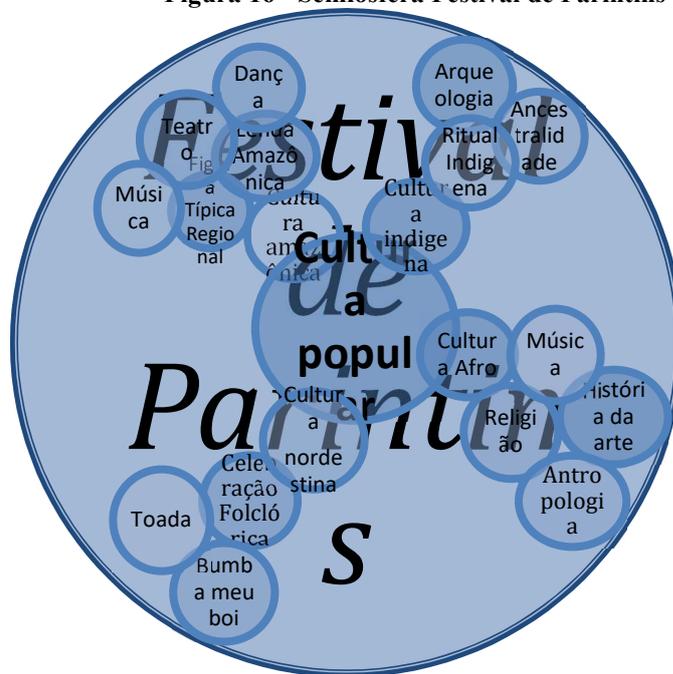
No universo teórico de Lótman, o paralelo entre o texto e a cultura é crucial. É aqui que chegamos ao conceito de semiosfera. Semiosfera é o espaço das semioses e de todas as dinâmicas inclusas, até mesmo as de tensionamento que serão trabalhadas posteriormente em *Cultura e explosão* (Lótman, 1999). Ao trilhar o caminho já consolidado por Bakhtin, o semiótico investiu na compreensão da dinâmica dos encontros entre diferentes culturas, ou seja, como se encontram, que tipo de diálogo travam entre si e como criam experiências capazes (explosivas) de reconfigurar o campo das forças culturais em todos os níveis da conjuntura social, visando a construção de uma teoria crítica cultural. No que diz respeito ao caráter delimitado, encontramos o conceito de fronteira. A fronteira para Lotman, é uma parte indispensável da semiosfera.

Ao definir a semiosfera como um “espaço semiótico” abstrato, Lótman dá a entender que são as trocas efetivadas entre diferentes sistemas modelizantes que delimitam e qualificam a semiosfera como espaço de relações. Sendo que ela possui vários traços distintos. Essa ideia garante outro aspecto importante da SC: a tradução da tradição. A tradução da tradição pode ser assim compreendida como um encontro entre diferentes culturas a partir do qual nascem códigos culturais que funcionam como programas para posteriores desenvolvimentos. Nesse caso, os códigos culturais são fontes de gestação da memória não-hereditária, tal como a entendeu Lótman, que se encarrega de formatar os sistemas semióticos da cultura (Machado, 2003, p. 30). A tradição persiste, mas sempre diante da possibilidade de ser reconfigurada, gerando novos signos, novos textos e novos sentidos. Para Lótman, [...] cultura é uma acumulação histórica de sistemas semióticos (linguagens).

Todas outras manifestações culturais, seus produtos ou ritos, são, portanto, organizados como uma linguagem (texto), logo de segundo grau. Esses pressupostos colocam a cultura como dinâmica, em mudança a partir da sua relação com novas fontes de informação, que se estrutura em múltiplas gerações a partir da língua e cria modelos culturais de significação que organizam as relações humanas.

Só a partir da compreensão da cultura como um grande espaço semiótico, de como esse sistema é produtor de outros textos, gerando assim, uma continuidade semiótica, de modo que a cultura produz ininterruptamente cultura, podemos entender a semiosfera do Festival de Parintins. O conceito de texto da cultura pressupõe: relações sistêmicas, modelizações de linguagem e estruturalidade. Somente nesse sentido o texto da arte pode ser apreendido em linguagens modelizadas e estruturadas culturalmente. Assim, apresento o espaço semiótico do Festival de Parintins, (figura 16) onde identifiquei os sistemas de signos existentes no espaço do Festival de Parintins e as relações entre eles, para em seguida, partir para a identificação dos agentes culturais.

Figura 16 - Semiosfera Festival de Parintins



Fonte: Criação da autora. Djane Sena, 2020.

Nessa abordagem, a semiose é o que possibilita focalizar as instâncias dessa linguagem como lugar de produção de mensagem, de transformação da informação em signo, de geração e circulação de sentido, de construção de campos de significação. Podemos dizer então que o auto do boi deu início a essa geração de novos textos. Ou mesmo o próprio ritual indígena, constituído da fusão sincrética e poliglota de textos gestuais, orais e visuais. Acredito que o Festival seja dotado de sistemicidade, interagindo na semiosfera, compartilhando do dinamismo que tanto fascinou Lótman e a Escola Tártu-Moscou, contudo, reitero que meu objetivo aqui não é a análise semiótica desta semiosfera.

O Festival de Parintins articula num único texto as imagens em movimento (lenda/ritual), as imagens estáticas (alegorias), as falas (diálogos), a música, (toada), a dança (itens individuais). A partir do auto do boi no Festival de Parintins, desenvolveram-se vários textos, por conseguinte, novos códigos. Um texto que, além da codificação geradora de seu sistema semiótico, é codificado pelo contexto ambiental de sua produção. Para Lótman, todo texto deve estar codificado, no mínimo, duas vezes: pelo código que apreende a informação e a transforma num conjunto organizado de signos; pelo contexto sistêmico da cultura historicamente constituído. A brincadeira do auto do boi que se iniciou nas ruas de Parintins e anos depois, fícou raízes fecundas na arena do bumbódromo, explicita um processo que envolve planejamento, produção e execução. O Festival de Parintins constitui-se, assim, um espaço semiótico onde interagem vários outros textos/códigos e a consequente formação de um *continuum* de relações significantes de inteligências. Lótman insistia em que a arte, em oposição ao saber técnico e científico, era a forma de comunicação humana mais densa devido ao seu caráter híbrido, denso, complexo e criador de mensagens. Todas essas formas cooperam para a constituição de um texto criativo e denso, gerador de novos sentidos.

Para identificar os agentes culturais presentes no processo criativo objeto desta pesquisa, estruturamos os sistemas semióticos do Festival de Parintins a partir do estabelecimento do *continuum* dessa grande rede criativa-sistêmica-semiótica, tendo como ponto de partida inicial, a semiosfera como um todo e os processos envolvidos. O ponto de partida inicial é a construção do projeto macro. Vejamos:

REDE CRIATIVA / SISTÊMICA / SEMIÓTICA – CONSTRUÇÃO DO PROJETO MACRO

Figura 17 - Rede de construção do projeto macro



Fonte: Criação da autora. Djane Sena, 2021.

Nessa etapa, identificamos os agentes culturais responsáveis pelo desenvolvimento do processo criativo anteriormente mencionado. Vejamos:

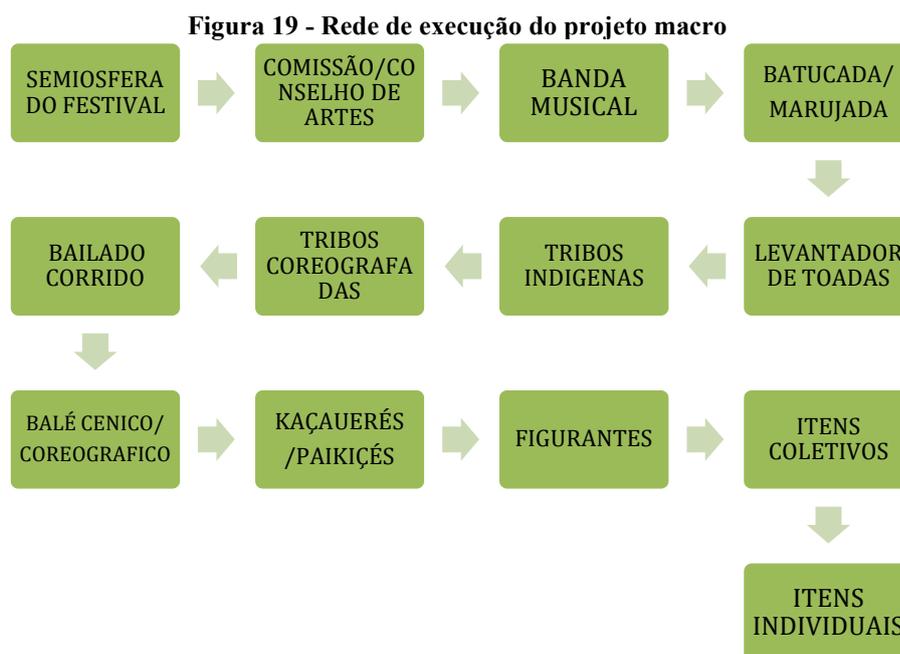
REDE CRIATIVA/SISTÊMICA/SEMIÓTICA – DESENVOLVIMENTO PROJETO MACRO



Fonte: Criação da autora. Djane Sena, 2021.

Já nessa etapa, identificamos os agentes culturais responsáveis pela execução do processo criativo anteriormente mencionado. Vejamos:

REDE CRIATIVA/SISTÊMICA/SEMIÓTICA – EXECUÇÃO DO PROJETO MACRO



Fonte: Criação da autora. Djane Sena, 2021.

Dessa maneira, percebemos a concepção dinâmica que se tem sobre o Festival de Parintins. Assim, identificamos os agentes culturais responsáveis por cada etapa do processo criativo e as identidades neles construídas, definidos em seus ritos, personagens, imaginários e práticas – configuram-se dentro dessa noção, pois realizam um intercâmbio dialógico entre seus textos e códigos.

Cada bumbá levou para a arena no ano de 2022, cerca de 5 mil brincantes e usou para a construção desse espetáculo cerca de 2 mil pessoas, o que tornou inviável a entrevista individual. Mas relacionamos ao final desta pesquisa, todos os colaboradores das agremiações. Ajudantes, eletricitas, soldadores, pintores, empurradores de alegoria, brincantes de tribos, figurantes, todos os trabalhadores do Boi Garantido e Boi Caprichoso. Dessa vastidão, selecionamos 12 pessoas para responder a 04 questões. No intuito de favorecer o entendimento sobre o papel exercido por cada agente cultural, dividimos em 03 (três) setores a saber:

- **Núcleo Contadores de histórias:** Trazendo os griôs da ilha Tupinambarana: Antônio Andrade, Jair Mendes.
- **Núcleo Cultura Popular:** Desvelando as mãos invisíveis: Artista de alegoria (Sorin); Desenhistas (Iran), escultores (Rainer), ajudantes, soldadores, costureiras (Mariane, Lorena, Ana), artistas de fantasia tribal (Kelvyn), kaçaueres/paikicés, batuqueiros/marujeiros, dançarinos, vaqueirada, figurinistas e figurantes.
- **Núcleo O Brasil que a gente quer reinventar:** Trazendo a lume a discussão sobre espetáculo dos Bois de Parintins como lugar de resistência, temos: Edilene Tavares, Adriano Simas, Rainer Canto e Giovanna Mendonça.

Na minha primeira ida à campo no dia 02.04.2022, fui convidada para almoçar na casa do presidente do Boi Garantido Antônio Andrade, meu primeiro entrevistado. Já havia sido alertada por meus primos, parentes que ainda moram em Parintins, a nunca recusar convites para comer, por mais exótico que fosse o prato. Deve fazer parte de algum tipo de ritual que faz com que as pessoas estejam mais abertas ao diálogo. O prato que me foi ofertado neste almoço foi uma caldeirada de tambaqui (deliciosa por sinal) mas com um ingrediente especial: a farinha passada nas tripas do peixe. (figura 20). Olhei e meu estomago quase revirou, mas lembrei do conselho do meu primo: “Coma e diga que está delicioso.” Assim o fiz.

Figura 20 - Conceição Guimarães preparando caldeirada de tambaqui



Fonte: Foto Djane Senna, 2022.

Quando perguntada pela minha origem em Parintins, respondi que era neta de Iracilda Martins, afilhada de Raul Góes⁴⁶, o pai. Em réplica, ouvi: “Ah, então você não é uma qualquer. É uma de nós”. E assim fui “aceita”. Minha avó indígena me ensinou nossa história e essa plataforma genética me fez cidadã de Parintins. Fui longe e agora quero voltar. Hoje digo: Ancestrais, eis-me aqui. Me mostrem os caminhos que devo seguir.

CAPÍTULO II - VIVA A CULTURA POPULAR

*“Sou a arte, a fé dessa gente
A essência de brincar de boi
Sou a cultura popular”⁴⁷*

O Festival Folclórico de Parintins tem um papel relevante na economia e no desenvolvimento da região amazônica e é considerada como um dos Polos Indutores de Desenvolvimento Turístico pelo Ministério do Turismo, além de configurar como principal atração da região Norte. Podemos dizer que os Bois de Parintins carregam a carga de patrimônio cultural do povo amazônico, não sendo hoje apenas um evento isolado, mas como uma interação entre sujeitos, lugar, história, memórias e ancestralidade, uma interlocução com o passado e a

⁴⁶ Ex presidente do Boi Garantido.

⁴⁷ Trecho da toada “Viva a cultura popular” de Adriano Aguiar, Geovane Bastos e Guto Kawakami

formação de simbologias e sentidos nesse vasto território cultural. Parintins se destaca atualmente como um polo promissor da cultura popular, do saber fazer artístico em função do seu famigerado Festival Folclórico. A região onde o município se localiza, era conhecida como o Vale da Pobreza e Vale da Miséria, hoje destaca-se pelas belezas naturais e pela exuberância da floresta amazônica que cerca a Ilha Tupinambarana. Cavalcanti (2001, p.75) nos traz uma perspectiva antropológica sobre a cultura popular a partir de algumas manifestações e aponta que:

“O sentido da festa alterou-se, tornando-se também lugar de memória, de construção e atualização de um passado que não pertence mais apenas a seus cidadãos, mas mostrou-se capaz de atribuir identidade a setores amplos da sociedade. A cultura popular interpreta as noções de tradicional e moderno dentro de seu próprio universo de relações. Estabelece assim distinções internas, nunca absolutas ou imutáveis, que buscam controlar e refletir sobre as mudanças sociais em curso com as quais inevitavelmente se depara.”

O artista de Parintins foi forjado nas várzeas da floresta, onde ganhou asas dos deuses antigos e voou longe, espalhando sua arte pelo Brasil. Transformando a herança de nossos antepassados indígenas, negros bantos, nagôs e yorubás, portugueses e espanhóis, japoneses e judeus em arte. Um povo feito no território da luta. Luta ritmada pela fé, concebida em espetáculo da liberdade, da diversidade, do encantamento na versão mais coletiva onde rostos e peles de vários tons sonoros se completam. Assim, defino o Festival de Parintins após esses 04 meses de imersão em campo.

A herança artística de matriz ancestral é moldada na geografia amazônica e na poética multicultural, presentes desde as incisões sagradas das cerâmicas kunduri e tapajônica, das pirografias sateré e dos *sfumatos* pictóricos que estão até hoje presentes na cenografia do maior espetáculo a céu aberto do mundo. Minha orientadora sempre me alertou para não usar tantos superlativos. Contudo, em que outro lugar você vê um pássaro de 10 metros sobrevoando sua cabeça? Ou uma cobra (ou melhor, duas) de 15 metros.

Em Parintins, o cortejo era a forma de representação que os brincantes dos bumbás se utilizavam para expressar os elementos constitutivos de seu teatro: saindo pelas ruas da ilha, seus amos entoavam cantos, versos e “desafios” ladeados pelo som forte dos batuques. Minha avó me contava que esperava na janela pelo cortejo do seu boi preferido. De uma família predominantemente Caprichoso, ela era a única encarnada. Por isso, ela ficava em casa já que não podia acompanhar o cortejo do seu boi. E era de lá que via Lindolfo Monteverde passar com o cortejo do Boi Garantido, cantando:

“Acorda morena bela vem ver,
O meu boi serenando no terreiro
É assim mesmo que ele faz lá na fazenda
Quando ele avista o vaqueiro”
Trecho da toada “Acorda Morena Bela” de Lindolfo Monteverde

E ao mudar para Manaus, fez com que todos seus descendentes adotassem o seu boi como preferido. Fomos educados com os “desafios” típicos dos parintinenses. Os “desafios” eram compostos por versos ou cantos de afronta, sempre enaltecendo um boi e rebaixando o outro, onde, segundo as histórias de minha avó, muitas vezes se chegavam às vias de fato. Com o surgimento do Festival Folclórico de Parintins, as contendidas se arrefeceram dando espaço à luta pelo belo, pelo primor estético, mas não só; o que importava era ser “mais bonito” que o contrário, “mais empolgante” que o outro, ter “as melhores toadas” e danças e ritmo. Do cortejo ao espetáculo, o que veremos a seguir é a representação dramática de um povo simples e altaneiro.

2.1. Nós, o povo

*“...Nosso povo brasileiro se apresenta na festa do meu boi-bumbá
Nossa arte é guerreira, é pulsante, altaneira
É o espelho do povo, é cultura popular...”⁴⁸*

Essa é a festa que a plateia vê, mas o que há nos bastidores dessa festa? Quantas toneladas de ferro cada boi gasta? Como são os ensaios? Quais grupos participam? Uma festa que apesar da forte presença da indústria cultural é construída por pessoas simples que só querem poder mostrar sua arte. Minha vontade era trazer fala de todos aqui, mas era algo inviável.

Figura 21 - Galpão de costureiras do Boi Garantido



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

⁴⁸ Trecho da toada “Nós, o povo” de Adriano Aguiar, Enéas Dias, João Kennedy e Marcos Moura

Foi nas vivências com essas pessoas, atuando como artista que pude perceber que a maior vontade ali é contribuir para o seu boi ser campeão. E para isso, ninguém mede esforços. Como Mariane, costureira do Boi Garantido:

Sou costureira há mais de trinta anos. É a minha profissão. Criei e sustentei minha família com esse ofício que aprendi desde nova com minha mãe. Quando chega a época do festival eu venho trabalhar no meu boi. É uma forma que eu tenho de contribuir com a festa da minha cidade. Tenho uma grande paixão pelo meu boizinho. Por isso eu faço tudo com gosto. O pagamento nem sempre é aquilo que a gente espera, mas, fazer o quê, né? É o que tem, né? O importante é preparar tudo o que foi encomendado e é determinado pela diretoria, por isso não tenho hora para acabar. Começo as 8h da manhã e entro pela tarde, noite, de madrugada e por aí vai... O importante é finalizar tudo para que no dia da arena, esteja tudo de acordo com o que foi pedido. Muitas vezes chamo parentes meus para ajudar porque fico com receio de não dar conta. Aí a família se une e a gente trabalha em regime de mutirão para vencer o tempo que muitas vezes é curto para tanta demanda.

Mariane Garcia – Chefe da equipe de costureiras do Boi Garantido.

Garcia, Mariane: depoimento [junho, 2022] Entrevistador: Djane Sena; Parintins, AM; 2022.

Figura 22 - Mariane Garcia - Chefe da equipe de costureiras Boi Garantido



Fonte: Djane Sena, 2022.

Figura 23 - Costureira Boi Garantido - Festival 2022



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

A equipe de 20 costureiras sob comando de Mariane foi responsável por mais de 8 mil figurinos: Figurinos da batucada, figurinos da vaqueirada, além dos figurinos dos grupos cênicos. Na figura 24, temos o grupo de bailado corrido do Boi Garantido na 1ª noite do Festival de Parintins.

Figura 24 - Grupo de bailado corrido 1 noite Festival de Parintins 2022



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

Achei incrível como essas pessoas não esperam compensação financeira. Claro, o dinheiro sempre é bem-vindo, mas não é o principal motivo de elas estarem ali. Dia e noite. Trabalhando exaustivamente. Em Parintins, festejamos muito e não apenas pelo prazer, mas pelo dom da vida e de transformar vidas através da arte. Vira-se as noites trabalhando. Soldando ferros, esculpindo, pintando, empurrando alegorias. Como eu virei as noites colando pedrinhas, bordando. As vezes ajudando. As vezes sendo ajudada. “Tô precisando de cola pano. Alguém tem aí?”; “Tô precisando de pena de faisão?”. Ali no galpão, entre os artistas, não vi ninguém querendo ser melhor que ninguém. A vontade que nos movia era uma só: Fazer o Garantido campeão. Em meio uma pandemia global que ceifou milhões de vidas, que nos levou verdadeiras bibliotecas ancestrais como Paulinho Faria, o primeiro apresentador do Boi Garantido; Emerson Maia, o primeiro levantador de toadas do Boi Garantido, também compositor. É de autoria dele uma das canções que minha avó cantarolava ao me embalar para dormir:

“Sentei junto ao pé da roseira
Lembrei minha infância, fogueira e balões
Lembrei de meu pai, meu amigo
Esperando ansioso o meu boi Garantido

Tempos que ficaram pra trás
Gente que partiu pra ficar
Mas deixaram isso bem definido
Que o boi campeão da Terra
Sempre será o boi Garantido”

O ano corrente para os bumbás começa em agosto e termina em julho com a morte do boi. Ele morre para renascer no próximo ano. Em agosto, os bois elegem suas temáticas para o ano seguinte, os compositores iniciam suas pesquisas sobre os respectivos temas a fim de concorrer no edital de toadas, suporte lítero-musical do espetáculo de arena dos bumbás. Conselho e Comissão de Artes⁴⁹ respectivamente, debruçam-se sobre suas temáticas para construir as narrativas das 03 noites de espetáculo. Nada escapa aos olhos atentos desses colegiados. A partir de cada temática, trabalha-se 03 subtemas, um por noite. Em seguida, o diretor de galpão faz o levantamento do almoxarifado, acerca do que cada boi ainda tem de estruturas em ferros, esculturas, roldanas, bases de alegorias, penas, tecidos. De base disso, os colegiados de cada boi elaboram seus desenhos e respectivas listas de materiais. Os números

⁴⁹ Em 2022, o Boi Garantido trocou o nome de sua comissão de artes para Direção Geral do Espetáculo, tomando como cerne norteador, a cultura do espetáculo. Após a derrota de 2022, a galera vermelha e branca exigiu a volta do termo comissão de artes.

aqui também impressionam, conforme podemos conferir na planilha de materiais fornecidos pela Associação Folclórica Boi Bumbá Garantido (Tabela 01)

Tabela 1 - Lista de Materiais do Boi Garantido 2022

ISOPOR 3mx2mx50cm	300
POLIURETANO TIPO A (KG)	600
POLIURETANO TIPO B (KG)	600
COLA EM GALÃO	500
LUVA RASPIA CANO LONGO	360
LUVA PANO	2.550
SACO FIBRADO 60X40	40.000
STARRET 12X ½ X 0.024	2.500
METALON 50X30 - 1,20	1.000
METALON 30X20 - 1,20	2.400
TUBO INDUSTRIAL 5/8 – 090	7.000
TUBO INDUSTRIAL 5/8 - 1,20	1.000
TUBO INDUSTRIAL 3/4 - 1,20	1.000
TUBO INDUSTRIAL 1 CH. 2,00 (7,08KG)	1.000
TUBO INDUSTRIAL 1 1/4 CH. 2,00 (9,09KG)	1.000
TUBO INDUSTRIAL 1 1/2 CH. 2,00 (10,83KG)	1.000
TUBO INDUSTRIAL 2 CH. 1,20MM (8,82KG)	600
TUBO INDUSTRIAL 2 CH. 2,00MM (14,39KG)	1.000
TUBO INDUSTRIAL 2 1/2 CH. 2,00 (18,88KG)	400
TUBO INDUSTRIAL 3 1/2 CH. 2,0	100
TUBO QUADRADO 80X80 CH. 2.0	50
VERGALHÃO 4,20MM 12M CA-60 (1,98KG)	7.000

Fonte: Associação Folclórica Boi bumbá Garantido, 2022.

Esse material é apenas uma parte de uma lista ainda maior e que se faz necessária para a construção das quase 12 estruturas alegóricas que o Boi Garantido apresentou na arena no Festival de 2022. Vale ressaltar que o Boi Garantido não dispõe de galpão com pé direito com altura suficiente para que as alegorias sejam construídas “inteiras”. A solução é construí-las por módulos (figura 25), tal qual o brinquedo Lego, facilitando assim também o transporte já que a Cidade Garantido⁵⁰ para a dispersão do bumbódromo é complicado devido a distância.

⁵⁰ Complexo que envolve galpões de alegorias, de fantasias, área para shows, área administrativa.

Figura 25 - Pintura de módulo referente ao momento tribal



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

Assim, o Boi Garantido “sai” de seus galpões 10 dias antes do festival para finalizar suas alegorias na área de dispersão do bumbódromo.

Figura 26 - Kaçauerés⁵¹ transportando alegorias para a concentração.



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

⁵¹ Nome dado aos trabalhadores do Boi Garantido que transportam as alegorias do galpão para a concentração no bumbódromo. O nome dos trabalhadores do boi Caprichoso é Paikicés.

Na figura 27, temos um exemplo de como o módulo fica depois de montado já na arena. O Boi Caprichoso dispõe de galpão com pé direito de quase 08 metros e sua localização é a menos de 5min do bumbódromo. A saída das alegorias de ambas as agremiações é um momento extremamente emocionante para os parintinenses que ajudam a construir o espetáculo e por aqueles visitantes que chegam antecipadamente à Ilha.

Figura 27 - Módulo Tribal Fogo de Paraponera na arena

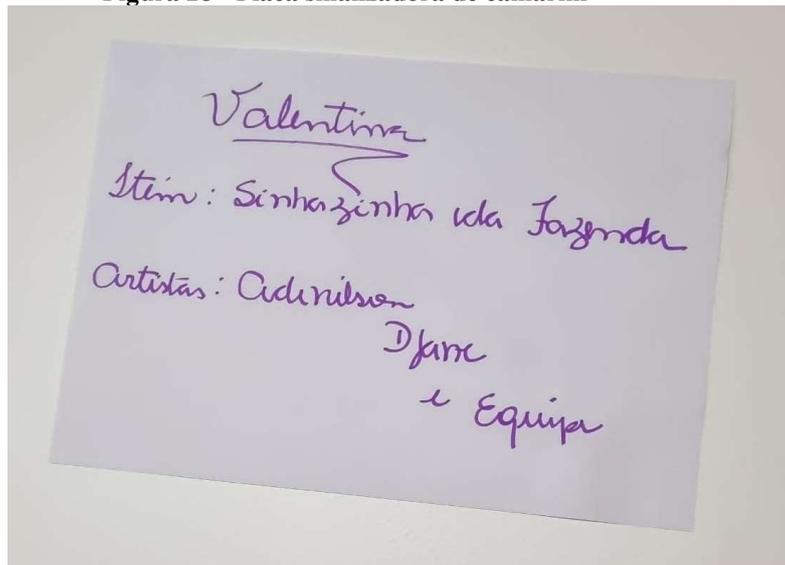


Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

Após a elaboração das referidas listas de materiais para as estruturas alegóricas, é hora de elaborar as fantasias que os personagens principais irão usar. Cada figurino é estudado minuciosamente seguindo a fundamentação do quadro cênico dos espetáculos a serem desenvolvidos nas noites do festival, passando pelas mãos de artistas, costureiras e aderecistas. Cada lantejola, pena, cada metro de tecido, cola, pedras, representa o sentimento do artista que transporta para o estético tudo o que foi previamente estabelecido e desenhado pelos colegiados dos bois. Os elementos estéticos, usados por cada artista, ampliam e adequam o figurino ao contexto do momento, contribuindo para o julgamento de cada item do Boi.

Eu mesma chorei no camarim da festa da Alvorada. Naquele dia, a coordenação de itens colocou uma plaquinha singela: “Sinhazinha da Fazenda: Adenilson Ribeiro e Djane Senna.”

Figura 28 - Placa sinalizadora de camarim



Fonte: Foto Djane Sena, 2022.

Antes de descermos com as meninas arrumadas, fizemos uma oração. E na minha cabeça passava um filme, do quanto sonhei com aquele momento. Não me importava nem em estar totalmente descabelada e desarrumada. Estava ansiosa para saber se a exigente galera vermelha e branca gostaria do vestido. Quando acordei, meu celular estava repleto de mensagens. Uma em especial, do presidente Antônio Andrade: “Parabéns pelo belíssimo trabalho. Aprovada com louvor para fazer sozinha um figurino de arena”

O figurino confiado a mim como artista de ponta foi ‘Devota da Fé’, (figura 29) que viria na segunda noite do Festival Folclórico de Parintins 2022. Para o traje principal, elegemos a cor Branca pois simboliza: pureza, paz, serenidade e tranquilidade. Com um modelo inspirado na moda francesa da década de 1860, especialmente nas peças costuradas pelas Casa Worth, usadas pelas imperatrizes Eugenia de Montijo e Sissi, o figurino misturava realidade com elementos típicos dos contos de fadas, tais como cristais, bordados de flores e borboletas.

Figura 29 - Valentina Coimbra, sinhazinha da fazenda do Boi Garantido



Fonte: Foto Jordy Neves, 2022.

Cada artista de ponta tinha direito à 02 ajudantes. Se a indumentária em questão tivesse transformação, 03. Assim, convidei para embarcar comigo nessa empreitada, 03 amigos: Jhonatan Freire, Felipe Souza e Juvenilson Sousa. (figura 30). Os ajudantes em geral são como pequenos aprendizes que guiados pelo “mestre”, sonham em um dia, ascender ao cargo máximo: Artista de ponta, tanto na construção das estruturas alegóricas como nas de fantasias de itens individuais.

Figura 30 - Equipe Djane Sena



Fonte: Foto Djane Sena, 2022.

Eu mesma fui posta à prova para saber se estaria à altura de executar um figurino de arena. E assim nasceu minha obra “Linda flor” (figura 31), indumentária feita para a festa da Alvorada do Boi Garantido que ocorreu no dia 30.04.2022.

Figura 31 - Valentina Coimbra na Alvorada do Boi Garantido



Fonte: Foto Junior Moreira, 2022.

Em meio a produção desta pesquisa, rabiscando minhas anotações de campo, acabei por me acostumar a batizar minhas obras. Sim, porque mesmo um vestido é uma obra de arte.

E assim, referenciei minha obra, encorajando os demais colegas do grupo de figurinos a fazerem o mesmo. Expliquei que isso agregava valor às suas obras. E lá estava eu, dando palpites em meio à costumes seculares. Uma “forasteira” metida a besta, sempre repetindo o mesmo discurso: *Sou neta de Iracilda Martins, parintinense*. Curiosamente, eu estava no meio do fogo cruzado já que a personagem que eu vestiria é de Santarém. Ela enfrentaria a veterana, herdeira da dinastia Cid⁵², Valentina Cid. Diversas rugas surgiram desse embate. No entanto, deixemos essa questão para mais a frente, no capítulo 03.

O percurso desta pesquisa revelou-se por tantas vezes doloroso, mas também um reencontro com a minha história, com o legado da gente simples como minha avó, indígena, analfabeta, lavadeira e de tantos outros artistas populares que me permitiram chegar até aqui. Revisitei nossas origens, debatemos nossas identidades, buscando o passado através de tudo aquilo que resistiu ao tempo. Revisitei a trajetória de folguedo feito de muitas mãos e gerações, como as mãos que vi tantas e tantas vezes cortando, colando. (figura 32). Essa brincadeira que foi se tornando nesse percurso algo muito sério e grandioso. Espaço de sociabilidade e lazer para milhares. Fonte de renda e vitrine para centenas de pessoas.

Figura 32 - Detalhe do trabalho no galpão tribal



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

⁵² Trecho alusivo a toada criada para a Sinhazinha da Fazenda Valentina Cid, “Bela Valentina”, de autoria de Sinny Lopes / Caetano Medeiros/ Rodrigo Bitar / Serginho Cid. E que foi usada a exaustão para desgastar a imagem de sua rival, vista pelos parintinenses como uma “forasteira”.

Após quase 02 anos enfrentando uma pandemia global, é a hora de reconhecer que a vida é feita na miudeza do cotidiano e que foi esta maioria de anônimos que construiu o que é hoje, o maior espetáculo da terra. Os bois Garantido e Caprichoso entraram em seus respectivos galpões em final de março. De lá, só saíram na semana que antecedeu o festival. De um lado, a “Amazônia, nossa luta em poesia” do Boi Caprichoso e no outro, “Amazônia do povo vermelho” do Boi Garantido.

Figura 33 - Transporte de módulo para a concentração



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

Os trabalhadores dos galpões de alegorias e do tribal, são em sua maioria do sexo masculino, e demonstram compartilhar experiências de vida semelhantes, tais como baixa escolaridade, instabilidade financeira e origem, geralmente o pai era artista e ele começou cedo como ajudante, como Sebastião de Jesus Cardoso, o Sabazinho, artista do Boi Caprichoso:

“Meu primeiro contato com trabalhos artísticos no boi foi através do Artista Neto Menezes, aos 12 anos de idade, na Associação Folclórica Boi-bumbá Garantido. Em 1989 assinei meu primeiro contrato profissionalmente falando com a Associação Folclórica boi-bumbá Caprichoso. Todos os anos eu e minha família íamos para festival apenas assistir, porém sempre tive o sonho de estar mais próximo participando dos feitos artísticos e mostrando o dom divino que recebi, pois trabalho com arte desde a adolescência e fui aprendendo e desenvolvendo o dom com os artistas aos quais trabalhei. Reconheço que pude construir minha vida profissional graças ao boi. Foi nos galpões de alegoria que desenvolvi um trabalho a qual posso dizer que sou reconhecido. Toda a minha vida profissional é voltada para a arte. Quando não estou no Festival de Parintins trabalho também para o carnaval, festivais de outros municípios dentre outras atividades artísticas. Além de atuar como artista no Festival de Parintins eu emprego pessoas que fazem parte da minha equipe. Trabalho atualmente com seis pessoas. A elas proporciono o pagamento combinado e ainda ingressos para os eventos durante os ensaios além, é claro, das camisas para entrar na arena. Mesmo

com avanços, acredito que ainda é preciso valorizar os artistas parintinenses. Atualmente os contratos estão com valores muito inferior ao que já foi oferecido em anos anteriores. E isso é injustificável já que esse é um dos maiores Festival do Brasil, que a cada ano cresce em patrocínios e apoios financeiros. O sucesso do festival é tamanho que hoje temos pessoas de fora ajudando a construir a festa. Eu acredito que isso é positivo porque por meio deles podemos ajudar uns aos outros no sentido de mostrar ao mundo que temos artistas em todos os municípios do nosso Estado.”

Cardoso, Sebastião: depoimento [junho, 2022] Entrevistador: Djane Sena; Parintins, AM; 2022; 01 arquivo mp3 (06 minutos).

O trabalho no boi é feito por contrato por obra certa e tempo determinado, sem reconhecimento de vínculo empregatício, o que impossibilita que esses artistas se aposentem ou sequer tenham acesso a quaisquer benefícios da seguridade social. Mestre Jair Mendes, figura lendária do Festival, ele criou a robótica, técnica que revolucionou o espetáculo, tem hoje cerca de 80 anos e não pode mais trabalhar no galpão devido a sua saúde debilitada, contudo, não recebe nenhum benefício formal oriundo de seus mais de 40 anos de trabalho no boi. Vale ressaltar que as associações são devidamente constituídas como empresa formal para recebimento de recursos. A legislação também proíbe que impostos sejam pagos com verbas públicas e o quadro atual de sócios tem cerca de 95% de inadimplência. Atualmente, as referidas associações devem ao erário cerca de 30 milhões de reais em impostos previdenciários e ações trabalhistas onde diversos artistas pedem reconhecimento do vínculo e demais direitos.

Figura 34 - Trabalhadores cortando tecido no galpão tribal do Boi Garantido



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

Quando a festa acaba, a cidade fica com pouquíssimo movimento. Inúmeros transatlânticos aportam ao longo do ano em Parintins, contudo, a cidade não dispõe de museu, biblioteca. As associações improvisam um show para os turistas com alguns materiais e

pequenos módulos alegóricos. Os artistas passam o resto do ano vivendo de pequenos bicos. Alguns investem seu dinheiro em pequenos comércios. Outros viajam e prestam serviço no circuito Rio/Sp de carnaval.

Figura 35 - Trabalhadora do galpão tribal arrumando ráfia para as tribos de arena



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

Muitas vezes e aqui me incluo, os espectadores das festas esquecem de quem trabalha nos bastidores. Quantos torcedores não vibram com os personagens principais, como a cunhã poranga, a porta estandarte, a rainha do folclore e sequer sabem o nome do rapaz que carrega a lança da vaqueirada? Outrora vistos apenas como bêbados, a turma da vaqueirada (figura 36) desse ano de 2022, resolveu mudar esse estereótipo. Ensaiavam sóbrios, tanta dedicação e seriedade, cativou o membro da comissão de artes do Boi Garantido, Allan Rodrigues que resolveu apadrinhá-los. Fez camisas, organizou feijoada e sobretudo e o mais importante, organizou uma apresentação na Cidade Garantido. Sonho de todo artista, brincante, torcedor do seu boi: subir no palco da Cidade Garantido. Para o Sr. Everaldo, a ocasião foi um marco histórico. Ele manteve-se sóbrio, vestiu sua camisa da vaqueirada e esperou o momento de subir ao palco. Sua família lhe esperava ansiosa na plateia. “Pela primeira vez, fui visto como um artista do meu boi. E não apenas como um bêbado. Minha família me viu como artista”. Trecho de conversa informal com Allan Rodrigues, então membro da comissão de artes do Boi Garantido. disse Adeilson de Souza em conversa informal pela cidade Garantido.

Figura 36 - Celisvaldo Garcia (frente) Adeilson de Souza (atrás)



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

O Festival de Parintins para quem vê de fora é tão somente um belo espetáculo. Mas para quem vive os bastidores, é algo inimaginável. Eu mesma arrisco dizer que esta pesquisa não seria a mesma se não passasse pelo processo imersivo de produzir um figurino. Foi graças à esses homens e mulheres que Parintins tornou-se um laboratório permanente de descobertas de matérias primas, de criatividade, de ousadia, de qualidade artística que ultrapassou a fronteira da floresta e ganhou espaço em outros lugares, contribuindo, de forma significativa, para o avanço estético das manifestações das culturas populares pelo Brasil.

2.2. Folclore do povo é a festa da cultura popular

*“Pela arte que deslumbra os olhos de quem vem me ver
De cada canto do mundo, para sentir essa emoção”⁵³*

Os folguedos do boi, registrados em nossas terras nas primeiras décadas do século XIX, é desde sempre diverso, maleável, descentralizado, fragmentado, aberto a influências do seu contexto de existência (Cavalcanti, 2000). No contexto do festival, as ideias de moderno e tradicional funcionavam, sobretudo, como sinais de diferenciação. Designavam aspectos de um processo único no qual a estabilização de novos padrões estéticos requeria também a construção de diferenças de estilo. São João é a celebração da mistura das tradições europeias, indígenas e africanas, que deram origem aos folguedos brasileiros. Introduzida pelos jesuítas, se espalhou pelo país, assumindo características de cada região. Misto de religiosidade, saudosismo, lutas e celebração da vida simples do Brasil, a festa de São João surge do culto a Adônis, mito grego que o cristianismo associou ao nascimento de São João Batista. O cristianismo associou a fogueira ao nascimento do santo. Sua mãe, Santa Isabel, teria acendido uma fogueira para anunciar o nascimento do filho.

Os bois de Parintins também têm sua origem na fé a São João.⁵⁴ Ambos nascidos de promessas ao santo católico. Lindolfo Monte Verde, fez uma promessa ao santo pedindo intercessão por sua saúde e, por ter alcançado a graça, criou o seu boi em louvor a São João. Essa promessa é paga até hoje pelos seus descendentes vivos na véspera de São João. O Boi Garantido sai as ruas, as pessoas acendem a fogueira esperando que ele dance na frente de suas casas. Revivendo mais uma vez a tradição dos cortejos, as pessoas brincam boi e comemoram a vida do fundador Lindolfo Monteverde. Os irmão Cid recém-chegados de Crato – CE, clamaram ao santo católico por prosperidade em sua nova morada e, por ter alcançado a graça, criou o seu boi em louvor a São João e por isso, o Boi Caprichoso também sai às ruas em cortejo, chamado de “boi de rua”, onde as crianças (figura 37) revivem e brincam a tradição centenária.

⁵³ Festa de um boi brasileiro de Adriano Aguiar/Geovane Bastos

⁵⁴ Sugestão de livros sobre o tema: “Os bois-bumbás de Parintins” de Sérgio Ivan Gil Braga; “A cultura do boi-bumbá em Parintins” de Basílio Tenório; “O espetáculo do boi-bumbá” de José Maria da Silva; Boi-bumbá evolução de Allan Rodrigues; “Boi-bumbá – Espectáculo e Imaginário na Amazonia” de Wilson Nogueira.

Figura 37 - Isabela Tupinambá no boi de rua



Fonte: Foto Djane Senna, 2022

A robótica, técnica exclusiva de Parintins está por trás da fantástica movimentação dos conjuntos alegóricos que dá vida aos espetáculos de Garantido e Caprichoso é a responsável pelo sucesso desse espetáculo cênico coreográfico. Todavia, a presença da mídia e das grandes marcas, trouxe um impressionante processo de expansão para o Festival de Parintins. Então, o que ainda é folclore? E o que é cultura popular? Nessa senda, Cavalcanti nos ensina que os carnavalescos das escolas de samba elaboram, numa outra linguagem, temas eruditos; e a composição de sambas-enredo abarca tanto aspectos tradicionais como aspectos mercadológicos.

Os fatos da cultura são sempre processos sociais totais, isto é, abarcam e imbricam diferentes aspectos da realidade em sua realização (aspectos econômicos, sociais, políticos, jurídicos, morais, artísticos, religiosos entre outros), e são capazes de articular em seu interior valores e interlocutores muito diferenciados. As formas de “arte popular” implicam um fator de autoafirmação e uma possibilidade política de resposta à sociedade. Consideramos a “arte popular” como o conjunto das formas sensíveis e das expressões estéticas dessa cultura enquanto sejam capazes de revelar suas intenções socioculturais, ainda que estejam conectadas com outras culturas e carregadas de diversas funções, usos e valores sociais próprios.

Um simples olhar sobre os bastidores do festival de Parintins me conduziu a um universo de alternativas e possibilidades pelas instituições sociais que trazem à tona diversas trajetórias de vida e concepções de mundo de quem realmente o produz. Para além dessa

pesquisa, o estudo desses elementos caracteriza uma forma de extrair o entendimento dos aspectos simbólicos e materiais que viabilizam a formulação de um saber fazer eficaz para a permanência dessa manifestação artística. Como as tradicionais festas do Boi Garantido: Alvorada vermelha, todo dia 30 de abril. (figura 38); Ladainha do Dia dos Namorados, dia 12 de junho, véspera de Santo Antônio; Pagamento da promessa a São Joao Batista todo dia 24 de junho. Curiosamente esse ano o Festival começou no dia 24 e a reza que é o efetivo pagamento da promessa foi feito normalmente as 18hs e o Boi Garantido iniciou sua apresentação as 20hs. Nos anos 2020 e 2021, devido ao isolamento social e o fato que quem reza a missa é a filha de Lindolfo Monteverde, D.Maria Monteverde, uma senhora de 86 anos, o evento foi feito em forma de live.

Figura 38 - Torcida do Boi Garantido em cortejo tradicional no alvorecer do dia 01 de maio.



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

E foi com um Monteverde a minha conversa mais emocionante deste trajeto, o famoso Rheck Monteverde, o tambor nº01. É ele que rufa o tambor para a contagem tradicional que o boi Garantido faz antes de cada espetáculo. Além do questionário, ele me falou que desistiu de cursar nível superior porque sentia a necessidade de continuar com a missão de seu vô.

“Estou no Garantido desde 1983. Toco no Garantido desde essa época. Não foi um sonho não. Foi algo que aconteceu e foi acontecendo. Hoje trabalho com uma equipe de oito pessoas no universo de trezentos e sessenta batuqueiros. Isso me deu um ganho no meu fazer artístico. Posso dizer que

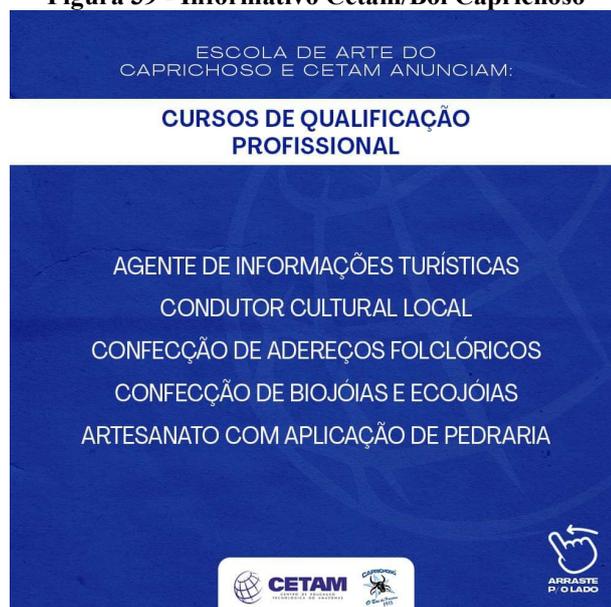
participar da batucada do Garantido me deu um ganho na área musical que eu jamais imaginava. Cada vez mais aprendo e experimento novos conhecimentos. Quanto ao retorno econômico temos algum ganho financeiro, além disso temos camisas de arena e ingressos para o bumbódromo. Acho também que o festival precisa de mudanças para melhorar, mas, isso é uma discussão entre as diretorias dos bois, a prefeitura de Parintins e o governo do Estado. Quanto a participação de artistas de fora, vejo com naturalidade. Se tem talento pode participar.”

Monteverde, Jucimar: depoimento [junho, 2022] Entrevistador: Djane Sena; Parintins, AM; 2022; 01 arquivo mp3 (05 minutos).

Rheck não teve acesso ao ensino formal de música. Bem como muitos em Parintins. Todo aprendizado é quase como que um dom. Rainer Canto, artista do boi Caprichoso me contou emocionado em conversa informal que desde os 04 anos já gostava de esculpir, mas muitas vezes, sua mãe batia nas mãozinhas pois o isopor sujava a casa. Com isso, ele migrou para a massinha de modelar, mas aí manchava. E ele também apanhava. Quando atingiu a maioridade, foi para a capital cursar Artes.

É inacreditável que as instituições Boi Caprichoso e Boi Garantido não pensem em maneiras de salvaguardar esses conhecimentos. Na ocasião do reconhecimento dos Bois de Parintins como patrimônio cultural do Brasil, as associações receberam recomendações do Iphan para a manutenção da escolinha de artes e criação de museus ou centros de documentação e memória como formas de salvaguarda. Contudo, até o fechamento desta pesquisa somente o boi Caprichoso tinha anunciado a reabertura de sua escolinha e mesmo assim, sem cursos de dança, teatro ou performance. O boi Caprichoso também anunciou a abertura de um centro de documentação e memória. Enquanto a maior parte do acervo do Boi Garantido está nas mãos de pessoas físicas e a própria instituição não dispõe de nenhum tipo de arquivo.

Figura 39 - Informativo Cetam/Boi Caprichoso



Fonte: Foto, rede social Facebook Boi Caprichoso, 2022.

Durante minha estada em Parintins, pude contribuir com a formação do corpo de dança Garantido Show levando dois amigos do mestrado para uma oficina de dança e performance. Durante essa oficina, me surgiram diversas inquietações: Por que os patrocinadores do Festival não contribuem com as escolinhas de arte? Por que Parintins que é a capital nacional do boi-bumbá conforme Lei Federal não vira uma cidade universitária artística? Por que não oferecer cursos de formação para esses artistas visando não apenas o crescimento ou melhora do festival, mas sim a melhora da qualidade de vida desses artistas?

Figura 40 - Oficina de dança e performance oferecida em parceria com a Sec e Boi Garantido



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022

Tanto a escolinha de artes do Boi Caprichoso quanto a universidade do Folclore do Boi Garantido, contribuíram para o lançamento de grandes nomes do Festival. Atualmente, dois nomes do grupo de dança Garantido Show Parintins brilham na arena do bumbódromo: Adriano Paketá e Edilene Tavares. E dois nomes oriundos do corpo de dança Caprichoso brilham no lado azul: Cleise Simas e Erick Beltrão. Adriano Paketá, (figura 36) o pajé do Boi Garantido é um fenômeno entre a nação vermelha e branca. É visível em sua dança o amor, a entrega, a dedicação, o profissionalismo, e principalmente, o orgulho. Eu tive o prazer de acompanhá-lo desde quando era apenas dançarino, depois pajé substituto, e finalmente, item oficial.

“Comecei brincando literalmente no Garantido, no ano de 1996. Em 1997 passei a fazer parte do corpo coreográfico. Entrei como dançarino e hoje sou coreógrafo oficial do boi Garantido. Durante esses mais de 20 anos aprendi e cresci muito profissionalmente. Reconheço que o boi me deu ganhos que eu não imaginava. Hoje sou um artista ativo que trabalha com outros quatorze coreógrafos e com um corpo cênico de mais de 120

peessoas. Mas, apesar desse contingente e da entrega profissional e artística, pouco recebemos financeiramente e o que temos realmente garantido são camisas de arena. Isso me leva a crer que o festival e os bois deveriam valorizar mais seus artistas. Mesmo com tantas dificuldades a arena de Parintins é desejada por muitos artistas de fora. Eu particularmente prefiro os parintinenses, mas, reconheço que muita gente de fora é competente e isso de fato é positivo para o boi.”

Paketá, Adriano. Entrevista [junho, 2022] Entrevistador: Djane Sena; Parintins, AM; 2022; 01 arquivo mp3 (06 minutos).

Figura 41 - Adriano Paketá no palco da Cidade Garantido na noite do pajé



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

Foi inevitável pensar em quantos talentos estão escondidos ainda em Parintins esperando uma oportunidade. Durante o fechamento desta pesquisa, a dançarina santarena Daniela Tapajós entregou seu cargo de Porta Estandarte no Boi Garantido. A expectativa é que a parintinense e dançarina do Garantido Show, Livia Ribeiro, 21 anos, assuma como item oficial.

Figura 42 - Livia Ribeiro atuando como Porta Estandarte substituta



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

2.3. É Arte, Cultura e Revolução!

*“É o saber ancestral nascido de ventre África
Parido, plantado, roubado e negado
É o canto, é brado, manifesto
Que tremula o tambor
E pulsa, regando esse chão
É a festa de Cabanos
De terreiro, rua e quintal”*

Festa também é espaço de reconhecimento da luta de quem nos permitiu chegar até aqui e nos garantiu o fôlego para continuar. Parintins tornou-se um laboratório permanente de descobertas de matérias primas, de criatividade, de ousadia, de qualidade artística que ultrapassou a fronteira da floresta e ganhou espaço em outros lugares, contribuindo, de forma significativa, para o avanço estético das manifestações das culturas populares pelo Brasil. A festa ajuda a não deixar esquecer que o sonho pode ser real em algum momento. O tempo da celebração é sempre um tempo de revisitar narrativas, mas também é tempo de negá-las, porque a festa também é o lugar onde é possível questionar a ordem, enfrentar as sombras, desafiar o poder, desconstruir hierarquias. Celebramos juntos porque compartilhamos a dor e a luta de ser e estar no mundo. Para superar nossas desigualdades porque a festa tem a potência de reduzir

diferenças. No limite, a festa nasce da alegria e da tristeza. Para quebrar o silêncio do preconceito e da invisibilidade da diversidade dos povos que fazem a Amazônia, afinal “A festa não é somente boa para dela se participar, é também boa para pensar, pensar os fundamentos do vínculo coletivo, o que faz sociedade.” Peres (2002, p. 18).

Os povos indígenas no Brasil travam uma longa batalha contra a invisibilidade e o esquecimento. Estamos falando das lutas de mais 305 povos, falantes de 274 línguas e que ocupam, conforme dados recentes, 728 terras indígenas que correspondem a cerca de 13% das terras do país. Nem todas estão devidamente homologadas, isto é, com os procedimentos formais previstos em lei concluídos. A falta de reconhecimento legal das terras indígenas pelo Estado brasileiro, tal como diz a lei, resulta em insegurança para todos os envolvidos e coloca em risco a sobrevivência digna de populações inteiras.

Em muitos lugares, povos originários celebraram alianças com europeus em certos momentos e, em outros, moveram incessantes guerras em defesa de seus territórios e modos de vida. Como estratégia de defesa, aliançaram-se com populações africanas e formaram comunidades quilombolas em várias regiões, inclusive na Amazônia. Não há uma história única e linear para falar dessas inúmeras trajetórias históricas, mas entendê-las ajuda a explicar a complexidade da história do Brasil e, no presente, as diferentes demandas políticas dos indígenas. Importante defender a ideia de que povos indígenas são parte do presente do Brasil e, sem eles, não há como pensar um futuro digno e justo para todos e todas. A legitimidade das lutas é parte inseparável dos legados indígenas para o país.

Ancestralidade é raiz, é herança, é continuidade, é união, é testemunho. Tal qual uma árvore com raízes profundas, a ancestralidade traz a força do presente que busca substrato nas origens e referências de um passado, propagando um início, se adaptando a transformações sem, contudo, negar suas origens. Com a inserção do indígena no espetáculo do Festival de Parintins, este passou a ter mais visibilidade na região, além das aldeias e dos tratados antropológicos que circulam nas universidades. Para Nogueira (2014, p. 162) os bois-bumbás representam os modos de vida das populações indígenas dentro de um contexto artístico capaz de suscitar uma reflexão crítica e agir como veículo de comunicação e conscientização de aspectos culturais, manifestos e latentes, desses povos que viveram e vivem historicamente suas contradições. Os povos originários do Brasil falam diversas línguas, seguem costumes diferentes e têm, cada um, seus próprios encantados e entidades.

A representação do signo índio no festival se vale de inúmeras fontes nas quais a toada se destaca como um dos instrumentos mais difusores de pensamentos e ideologias, que reafirmam conceitos que passam a dominar o imaginário popular reproduzido em festas

regionais do norte amazônico, onde os artistas dos bumbás apresentam seus trabalhos, sejam alegóricos ou figurinos. Segundo Nakanome (2016, p. 73), esse índio construído no imaginário do artista parintinense é um possível promotor de uma nova consciência política e identitária. Como escreve Nogueira (2014):

“Os artistas colhem narrativas da vivência cotidiana dos cidadãos, dos caboclos e indígenas, principalmente em fontes primárias e secundárias, entre elas contadores de histórias, livros, e documentos religiosos e, assim realizam a interpretação artística da produção intelectual dos povos amazônicos é essa mistura de visões de mundo e experiências da vida nos rios e nas florestas que se manifesta na festa dos bois-bumbás de Parintins e nas demais festas que estão sob a sua influência, entre elas a Ciranda de Manacapuru, os Cordões de Peixes de Barcelos, a Dança das Onças de Tabatinga, no Amazonas; e o Festibal de Juruti e os Botos-Vermelho e Tucuxi, de Alter do Chão no Pará.” (NOGUEIRA, 2014, p. 171).

É a partir deste ponto de vista e através de uma diversificada teia de referências que se alinham as informações sobre o indígena, tecendo no imaginário da nação uma visão em torno do signo “Índio” pluralizada e abarrotada de leituras, lugar próprio da arte, base da formação cultural e educacional no Brasil. A construção do signo “índio” é consciente de que se trata de um olhar sobre o indígena e não a representação fidedigna deste.

Ao transformarmos a espiritualidade dos povos que habitavam nosso país antes da chegada dos portugueses em folclore e contos de fada, contribuímos com seu epistemicídio⁵⁵ e com a crença de que toda cultura original destas terras faz parte de algo primitivo, pronto a ser superada e substituída pela cultura europeia dos colonizadores. Também reforça o mito de que indígenas (e sua cultura e espiritualidade) são seres do passado, quando ambos estão vivos no presente hoje.

Muito do conhecimento agregado a cultura amazônica, hoje é o resultado da transmissão oral dos ritos desses povos. Uma vez que se torna cada vez mais evidente a potencialidade das fontes para a história indígena que jazem, empoeiradas, em centenas de arquivos no país, os levantamentos feitos pelos estudiosos do Festival Folclórico de Parintins podem em muito contribuir para salvaguardar a historiografia e o futuro desses povos indígenas.

Salvaguardamos este legado com tantas origens e especificidades, que singrou oceanos e rios com todas as suas influências, texturas e nuances para aportar em Parintins, uma brincadeira de boi, fábula pautada no tripé de desejo, morte e ressurreição que se consolida hoje como Patrimônio da Cultura Imaterial do Brasil. Tal construção simbólica passou por uma adaptação de fragmentos mitológicos, seletivamente pinçados do universo indígena e caboclo,

⁵⁵ Para Boaventura de Sousa Santos: A destruição de conhecimentos, de saberes, e de culturas não assimiladas pela cultura branca/ocidental

reconstruídos e ressemantizados, em prol da configuração de sentido de uma afirmação identitária. Carvalho (2014, p. 275) já havia nos falado sobre essa construção simbólica, e a evocação do mito de uma Amazônia “pura”, “intocada” e “sem mácula”. Essa imagem que transita no universo da criação artística do festival é a chave para compreender a construção do discurso ideológico presente no Festival de Parintins. Nas revistas oficiais, a maior parte dos trabalhadores foram excluídos. Como mencionado anteriormente, relacionamos ao final desta pesquisa, todos os envolvidos na construção do espetáculo Festival de Parintins 2022.

2.3.1 Boi Caprichoso 2022: Amazônia, nossa luta em poesia.

*“...A Amazônia é uma utopia cabocla,
outro gesto solitário faz da festa a poesia,
que do sonho nasce a arte sem saber o que é utopia...”⁵⁶*

Antes da paralisação do calendário turístico brasileiro, imposta pelas regras sanitárias em função da pandemia de covid-19, o Caprichoso trabalhava em função do tema “Terra: Nosso Corpo, Nosso Espírito”, e foi assim no decorrer das duas temporadas em que o Festival de Parintins deixou de ser realizado. Embora nunca defendido na arena, esse tema norteou as apresentações oficiais do bumbá no período de restrições, feitas em forma de *live*. Para 2022, de acordo o presidente do Conselho de Arte, Ericky Nakanome, a ideia não era abandonar a proposta anterior, pelo contrário, era fortalecê-la e torná-la ainda mais popular.

“A Terra assumiu de uma vez por todas a sua unidade e no desafio universal de vencer a Covid-19, percebemos o quanto este planeta forma um único corpo e uma só alma. A partir dessa proposta, o Caprichoso compreende que nós precisamos agora olhar o planeta sob a óptica dos caboclos, de dentro de nossa casa, a Amazônia”.

Fonte: Entrevista site. (completar)

Os grafiteiros Alziney Pereira e Kemerson Farias são os responsáveis pela concepção da marca temática do Caprichoso para 2022. Moldados na Escola de Arte Irmão Miguel de Pascalle, os artistas firmaram-se como referências na região e adotaram o codinome de “Curumiz”. Idealizada em parceria com o Conselho de Arte, a marca do tema traz o cancionista caboclo híbrido de arara, que canta a grande floresta, e ao cantar, ele se torna a própria

⁵⁶ Trecho da toada Utopia Cabocla de Augusto Lobato/Zé Renato.

Amazônia. Em seu painel de poesia, o cancionista apresenta o Boi Caprichoso, numa estética tradicional, compondo o cenário com as aves, peixes e demais animais amazônicos. Na arte, estão representadas todas as culturas da região, conectadas em raízes e cipós. Todos esses elementos formam a nova bandeira de luta do boi negro de Parintins, uma luta em defesa da Amazônia.

Enquanto aluno da Escola de Arte do Caprichoso Kemerson Farias já participou da revista do espetáculo “Um Canto da Floresta”, a qual foi entregue a jornalistas e jurados.

“Eu sou de uma família Caprichoso, tive uma infância no Curral Zeca Xibelão, então é como regressar a minha origem. Eu fui moldado aqui dentro, e agora ter meu trabalho valorizado no meu boi, é uma realização gigantesca, pessoal e profissional”.
Fonte: Entrevista site. (completar)

Alziney Pereira não escondeu a emoção de participar deste projeto oficial do tema do Boi Caprichoso.

“Eu estou realizado. Como artista, sempre quis participar dessa festa e agora tenho essa oportunidade. Sou filho da Escola do Caprichoso e hoje tenho a alegria de, por meio da minha arte, servir essa agremiação. Através desta marca, eternizada na história do nosso boi, sei que vou levar nossa cultura para outros lugares, no mundo todo”.
Fonte: Entrevista site. (completar)

O conselheiro de arte Márcio Braz comenta que todas as ações do bumbá constituem o brado em defesa da grande floresta.

“O Caprichoso quando canta, dança, esculpe, pinta, coreografa, encena a Amazônia, ele está lutando por ela. Ele ergue a bandeira que é mãe de todas as lutas, a luta pela Amazônia. A Poesia Caprichoso é isso, e quer conscientizar a Terra para um novo tempo, no qual a Amazônia é protagonista”.
Fonte: Entrevista site. (completar)

O espetáculo do Boi Caprichoso para 2022, contou com mais de 300 pessoas para a construção de seu espetáculo. Embora tenha trabalhado como artista na agremiação contrária, portanto, com acesso limitado às informações, usei aqui as informações de conhecimento público, como a revista Boi Caprichoso 2022.

“Eldorado, paraíso perdido, inferno verde, terra da promessa, pulmão do mundo, pátria das águas e espelho da vida. São muitas as referências e estereótipos sobre a mais importante floresta tropical do planeta. Resultados de expedições, excursões e de curiosos olhares sobre esta prodigiosa floresta. Tantos avanços e mistérios desvelados pela ciência e por inquietos navegadores na busca de curas para as doenças, de antigas fórmulas farmacêuticas, de novas descobertas científicas. Também na gana de explorar, saquear e se apropriar das nossas riquezas.

E assim, a Amazônia foi inventada, reduzida a dualismos, geografismos e biologismos, nos quais o critério para marcação de seu território deixou de lado a cultura dos povos e comunidades tradicionais da região, as relações entre as pessoas e a natureza, os pertencimentos dados pela terra, as autodefinições e a sua história social.

Entre a ciência e a exploração desmedida da Amazônia, existe um olhar mais profundo, verdadeiro e transcendental. Um olhar da própria floresta, de seus mitos e ritos, de seus povos originários: indígenas, ribeirinhos e caboclos, gente das águas e da floresta. Um olhar que fala, que observa, que se vê na terra; terra que é planta, bicho e gente, essa gente-floresta que nasceu nas cabeceiras e “centrões”, sobre as águas ou até mesmo debaixo delas. Essa gente-cunhantã que corria nas capoeiras e subia nas árvores para se jogar nos beiradões. Essa gente ribeirinha moldada de chão, esmaltada pelo sol. Gente-memória, que carrega em suas mentes tantas histórias... do seu povo, de seres e deuses. Mas principalmente gente-luta, armada de poesia, que de forma terna nos embevece entre trilhas e emoções. O poder da encantaria faz morada na mãe do corpo que se traduz na dança de terreiro, rua e curral, no bailar festivo do dois pra lá e dois pra cá, no sorriso da criança e no brinquedo de São João. Esse entrelaçar de corpos e vida forja a identidade Caprichoso, que em 108 anos de histórias sagrou-se detentor de uma arte de luta, resistência e revolução pelo saber popular, unindo cantos, danças e visualidades, poesias que se refletem nas gigantes alegorias, no traçado da indumentária, na paleta de cores a alegrar tecidos e formas - um milagre amazônico na ilha de Parintins, a ecoar pelo mundo a importância do seu cuidado e a defesa de suas tradições. Caprichoso... boi negro, preto, feito de pano e espuma, de esperanças e lutas, que mais uma vez, reforça sua identidade altaneira, nesse território que é nosso corpo e nosso espírito, nossa sede e vida... Amazônia, nossa luta em poesia.” Sinopse tema Amazônia, nossa luta em poesia. Conselho de Arte Boi Caprichoso, 2022.

Fonte: Revista Boi Caprichoso 2022.

O espetáculo Amazônia, nossa luta em poesia foi dividido em 03 noites, a saber:

- Noite A: Amazonia – floresta: o grito da vida
- Noite B: Amazônia – O brado do povo
- Noite C: Amazonia – O clamor da cura

2.3.1.1 Noite A: Amazonia – floresta: o grito da vida

O Boi Caprichoso trouxe um grito de socorro da fauna, flora, rios, lendas e mitos. Denunciando a horda de garimpeiros, pecuaristas, madeireiros e agentes do agronegócio. O Boi Caprichoso definiu essa noite como uma noite onde a vida e o imaginário formaram um corpo uno, um corpo floresta, uma gente-Caprichoso, unidos em defesa de nosso território, nossa morada, nosso ar. A luta dos seres-florestas. Um grito pela vida. Para isso, contou com o trabalho dos seguintes artistas:

Lenda Amazônica: Ka'aporanga, a guardiã da floresta

Artistas de ponta: Roberto Reis, Marialvo Brandão e equipe.

“Contam os Maraguá, do rio Abacaxis, no município de Nova Olinda do Norte, que para cada recanto da floresta existe uma entidade, com a missão de zelar pela vida. Esses protetores são mães/pais espirituais, que

cuidam das árvores, animais, águas e todas as demais formas de vida. Na regência suprema de todos esses seres encantados, está Ka'aporanga - tão verdejante como as samaumeiras, mas tão letal como as serpentes e os bravos felinos. Primogênita do grande Deus Monâ, ela tem a missão de proteger e guardar a Amazônia de todos os perigos. Quando a natureza está ameaçada, eis que surge das entranhas da mata a poderosa sentinela mítica, sempre acompanhada de outras criaturas sagradas: o Mapinguarí, o Juma, o Bicho-Folharal e o Curupira, que são capazes de enlouquecer para sempre aqueles que ousam desrespeitar e agredir o equilíbrio sagrado da natureza. Garimpeiros, biopiratas, navegantes desavisados, retratem-se das suas agressões ou a Ka'aporanga, que hoje o Boi Caprichoso traz como lenda amazônica, vai engoli-los!”

Fonte: Revista Boi Caprichoso, 2022.

Figura 43 - Conjunto alegórico Ka'aporanga, a guardiã da floresta dos artistas Roberto Reis, Marialvo Brandão e equipe.



Fonte: Foto Wigder Frota, 2022.

Celebração Indígena: A crueldade do conquistador – o roubo da terra

Artistas de ponta: Roberto Reis, Marialvo Brandão e equipe.

“O processo de invasão da Amazônia é um dos capítulos mais sangrentos e vergonhosos da história. Conquistadores de diferentes nomes e nacionalidades, como Vicente Pinzón, Diego de Lepe, Diogo Nunes, Francisco Pizarro e Francisco de Orellana aqui aportaram, fétidos, sedentos por tesouros, glórias e territórios. Armados com arcabuzes, com espadas e com a cruz, dominando sanguinários cães mastins e álanos, aterrorizaram e assassinaram incontáveis povos que tinham apenas dois destinos: a conversão forçada à nova fé e a obediência ao Rei ou o extermínio! Assim, a grande floresta testemunhou a edificação do Império Espanhol, símbolo do início do genocídio/etnocídio dos povos originários e da exploração predatória da natureza nas Américas. Nesse momento, o Boi Caprichoso retrata a primeira resistência à sede de destruição que os europeus fizeram aportar por aqui. Avançamos no tempo para mostrar a violência e o sofrimento que vieram com as grandes embarcações e que deixaram feridas, ainda abertas, sobre a Amazônia, o Brasil e todo o continente.

Nesses séculos, o que veremos são as trincheiras de luta, construídas pelos povos ancestrais. Seu desejo e teimosia de resistir ou (re)existir.”
Fonte: Revista Boi Caprichoso, 2022.

Figura 44 - Conjunto alegórico A crueldade do conquistador dos artistas Roberto Reis, Marialvo Brandão e equipe.



Fonte: Foto Wigder Frota, 2022.

Figura Típica Regional: O caboclo ribeirinho

Artista de ponta: Alex Salvador e equipe

“O processo de regionalização do Brasil consolidou representações e imaginários sobre os tipos sociais que vivem e trabalham em cada canto do país. E o Boi Caprichoso tem homenageado, ao longo dos anos, muitos desses sujeitos que habitam as áreas mais distantes da Amazônia. Hoje, saudamos o caboclo ribeirinho. Num extrato da sua própria experiência, Seu Ignácio Pereira, do rio Tapajós, nos conta que: "é do rio que tiro a comida pra sobrevivência da família. Aqui o rio anda na vida! O Tapajós é irmão de muitos outros rios: o Amazonas, o Madeira, o Purus, o Xingú. Lá bem no fundo deles moram a Yara e o Boto encantado. Mas o homem não quer saber disso. Quer saber do ouro que também tem na beira do rio e que dá muito dinheiro. É por isso que hoje a água do lago está avermelhada da cor da lama, por causas do mercúrio". Com sua voz já calejada, e tomado por uma grande tristeza, o ribeirinho relatou a sua experiência a um repórter na região de Alter do-Chão, quando no fim de novembro de 2021, as águas amanheceram tomadas por uma lama. A Amazônia é a mãe das águas e é nela que estão localizados 65% dos mananciais de águas doces do país - 20% da água potável do planeta. Águas que abraçam, nutrem e fertilizam tudo ao seu redor, tanto nas várzeas como nas terras firmes. Mas que correm perigo. É nesse ambiente líquido e onírico que o Boi Caprichoso mergulha para ecoar um grito em defesa das águas amazônicas, reverenciando o caboclo ribeirinho como seu principal guardião.”
Fonte: Revista Boi Caprichoso, 2022.

Figura 45 - Conjunto alegórico O caboclo ribeirinho do artista Alex Salvador e equipe



Fonte: Foto Wigder Frota, 2022.

Ritual Indígena: Tuparí, o tarupá da friagem

Artista de ponta: Algles Ferreira e equipe

“Os tarupás são entidades sobrenaturais maléficas que incidem sobre as questões climáticas para maltratar a humanidade. Na crença Tupari, o canto e o assvio do curupira são os prenúncios de que Sucaí - o tarupá que afugenta o sol e faz a temperatura baixar - está a caminho da floresta. Então, é chegado o momento de acender as fogueiras e celebrar o ritual onde serão repassados os ensinamentos que protegem o povo da ação letal da friagem. Somente o Pajé tem o poder de avistar o perigo e proteger o seu povo da morte. Na escuridão, iluminados apenas pelas chamas ardentes de uma fogueira, ele aspira o rapé (mistura feita de sementes de angico e tabaco) e inicia o cerimonial, entoando os cantos que clamam por proteção e bênçãos. Mas, no processo ritual, uma indígena Tuparí aculturada se insurge, negando a crença de seu povo, e se recusa a inalar o alucinógeno. O velho xamã a adverte que a negação à ciência da floresta, legada por seus ancestrais, a fará morrer precocemente. Mesmo diante da profecia, ela não recua. Então, em meio a ventanias e raios, o povo Tupari sente chegar as brumas e, com ela, um frio que castiga toda a floresta. A mulher em convulsão térmica devora partes do próprio corpo, iniciando sua jornada rumo a patokbiá: a aldeia dos mortos. O Pajé, em transe, vibra o seu maracá e afugenta o frio de Sucaí, livrando o restante de seu povo do morticínio, em um ritual que atualiza a centralidade do equilíbrio climático também para os povos originários.”

Fonte: Revista Boi Caprichoso, 2022.

Figura 46 - Conjunto alegórico Tupari, o tarupá da friagem do artista Algles Ferreira e equipe



Fonte: Foto Wigder Frota, 2022.

2.3.1.2. Noite B: Amazônia – O brado do povo

Figura Típica: O Caboclo Da Mata

Artista de ponta: Márcio Gonçalves e equipe.

“O caboclo da mata vive em simbiose com seu meio. Para ele, a floresta não é um recurso a ser explorado, mas um ente vivo com o qual as relações são recíprocas e fraternas. Ele aprendeu com seus antepassados uma ética do cuidado, que impõe também o respeito a tudo aquilo que vive. Seres humanos e não-humanos, mas que têm força e vontade, e que, por isso, não se pode controlar. Samuel Benchimol já assinalava em seus livros que a sociodiversidade dos povos que vieram para Amazônia produziu no seio da grande floresta caboclos muito peculiares: os quilombolas dos castanhais do Rio Erepecuru; os coletores de incenso do Pau-Rosa do Rio Parú e do leite da Sucuba, no Amapá; os caboclos paneiros do Mocambo, diferentes em seus fazeres e únicos na forma de tratar o barro e as águas que lhes presenteiam com a sua matéria prima; entre tantos outros. Todos acreditam que na mata vivem também milhares de seres encantados, aos quais se deve deferência e temor. "Ainda quando curumim, ia com meu pai, cedo, para as matas. E lá pude aprender que andiroba é bom pra inflamação, que a seiva do jenipapo é um santo remédio pra anemia, que a envira-taia serve pra defumar a casa pra espantar maus espíritos e o mau olhado contra os recém-nascidos. A floresta me dá tudo... é como uma mãe pra nós. Eu tenho medo que a ambição dos madeireiros, dos garimpeiros possa acabar com tudo isso, porque se a floresta morrer, a gente morre também". Quem nos fala aqui é o seu Antônio Conceição, um caboclo da mata, morador da Comunidade Sabina, no Rio Mamerú. Um caboclo da mata como os que o Boi Caprichosos homenageia hoje.”

Fonte: Revista Boi Caprichoso, 2022.

Figura 47 - Conjunto alegórico O caboclo da mata do artista Márcio Gonçalves e equipe



Fonte: Foto Wigder Frota, 2022.

Exaltação Folclórica: Boi De Quilombo

Artista de ponta: Paulo e Aldenilson Pimentel.

“Nesse momento, em seus rios de poesia, o Boi Caprichoso retrata o legado sociocultural dos povos africanos na Amazônia. Herança que foi por muito tempo renegada ou escamoteada, sob a alegação de que pequenos contingentes de escravizados não teriam deixado traços marcantes por aqui. Pesquisas mais recentes têm revelado, no entanto, que esse número está nas dezenas de milhares de negros embarcados para a região amazônica entre os séculos XVII e XIX. Eles vieram de Guiné-Bissau, de Angola e de Costa da Mina e trouxeram costumes, crenças, sabores, línguas e tradições que foram incorporados à vida amazônica de distintas formas. Atualmente, segundo dados da Fundação Cultural Palmares, existem 406 comunidades quilombolas nos estados do Amapá, Amazonas, Maranhão e Pará. Visibilizar essa contribuição nos parece fundamental, tanto para uma melhor compreensão da identidade cultural dos povos-floresta, quanto para fazer justiça àqueles que abraçaram esse novo território como sendo seu. Em nossa viagem onírica, o Boi negro de Parintins, como tantas outras manifestações culturais, chega à floresta numa barca-quilombo, onde é saudado pela pororoca do Rio Amazonas. Ao som de atabaques e agogos, Yemanjá (a rainha do mar) se reconhece em Yara e entrega as sementes culturais de seu povo a Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Manaus, que também é Oxum nos muitos terreiros de candomblé, mina e umbanda presentes na capital e no interior do estado. Essas sementes culturais germinadas brotam como flores mistas, onde tem de tudo um pouco: gente preta, guerreira e bela, de canto nagô e fala iorubá. Dor, sofrimento e saudades, mas também a alegria e o colorido dos Boi-Bumbá, do carimbó, do tambor de crioula, do lundu e da capoeira. O gosto do vatapá e do caruru e a devoção a São Benedito, padroeiro do quilombo urbano da Praça 14 em Manaus, onde o nosso Boi Caprichoso foi batizado. Um viva à afro-Amazônia! Viva os quilombolas de Manaus, de Barreirinha e de Oriximiná! Viva o Boi-Bumbá Caprichoso: Boi de negro!”

Fonte: Revista Boi Caprichoso, 2022.

Lenda Amazônica Os Trilhos Da Morte

Artista de ponta: Gereca Pantoja e equipe.

“É nesse cenário alegórico que apresentamos, como lenda amazônica, "Os trilhos da morte". A narrativa resulta do processo de construção da ferrovia Madeira-Mamoré (1907-1912), que fez permanecer no imaginário das populações do Vale do Guaporé, no estado de Rondônia, impressões sobre o desastre humano que ela representou e histórias de visagens que nunca abandonaram os batentes da estrada de ferro engolida pela mata, transformada em cemitérios para abrigar os restos mortais dos infelizes aventureiros, que nunca retornaram para suas casas. Não à toa, quando inaugurada, ela recebeu o título nada honroso de "ferrovia do diabo". Com o colapso da economia da borracha, a estrada de ferro foi esquecida e transformou-se em sinônimo de abandono e fracasso. A floresta foi, de novo, reocupando tudo. Conta a lenda que, em noites de luar, nos trechos que ainda restam dos 360 km de ferrovia, ouvem-se brados, gemidos e sussurros. É a agonia das almas dos operários, gritos de pavor ressoando da multidão de fantasmas que marcham atormentados por entre os trilhos da Mad Maria. Presos aos dormentes, as visagens tentam achar uma saída daquele inferno verde e debatem-se em vão para se protegerem das nuvens de insetos que sobrevoam o lugar, dando origem a uma procissão de espectros errantes com bolsas e malas nas mãos. O silêncio só se restabelece ao fim da madrugada, quando surge, deslizando sob os trilhos, iluminada apenas pelas chamas de fogo que flamejam das suas rodas, a "Maria fumaça" enfurecida! Os mais antigos não hesitam em afirmar que "não é apenas um trem, é uma quimera de ferro, de corpo sinistro, que lança fumaça de enxofre no ar, para mais uma vez tragar a vida daqueles espíritos de homens e mulheres que a esperam", ainda esperançosos de encontrar algum descanso.”
Fonte: Revista Boi Caprichoso, 2022

Figura 48 - Conjunto alegórico Gereca Pantoja e equipe



Fonte: Foto Gereca Pantoja e equipe.

Ritual Indígena Wayana-Apalai

Artista de ponta: Kennedy Prata e equipe.

“Os Wayana e os Apalai são povos de língua karib que habitam a região de fronteira entre o Brasil (Rio Parú de Leste, Pará), o Suriname (rios Tapanahoni e Paloemeu) e a Guiana Francesa (alto Rio Maroni e seus afluentes Tampok e Marouini). Conta-se que, no princípio, eram um povo único. Viviam separados pelas águas do igarapé Axiki, afluente do Parú, mas nutriam entre si um ódio devastador, devido a estranhas mortes de membros de suas aldeias. Não sabiam que Tulupere - a fera de duas cabeças era quem os estava dizimando, pouco a pouco. Certo dia, as duas nações marcaram de se encontrar para estreitar os laços, dirimir os conflitos e expandir os contatos culturais, mas foram surpreendidos por Tuluperê e sua legião de entes malignos. O ser maléfico possuía uma arara mítica que a avisava quando as duas nações se aproximavam do derradeiro encontro. Entre o desespero e a aflição, os Wayana e os Apalai travaram, então, um duelo mítico com a fera, unidos sob a liderança do poderoso pajé Apalai. Apenas juntos puderam derrotar Tulupere, e de sua pele herdaram os grafismos que ainda hoje remetem ao que estava gravado sobre o couro desse ser mítico. Desde então, as duas nações unificaram-se, retornando à denominação de um só povo: os Wayana-Apalai.”

Fonte: Revista Boi Caprichoso, 2022.

Figura 49 - Conjunto alegórico Wayana Apalai do artista Kennedy Prata e equipe



Fonte: Foto Wigder Frota, 2022.

Momento Tribal Rito De Resistência: Mulheres Floresta: As Guardiãs Da Vida

“Por meio da oralidade, soubemos de nossos antepassados que no noroeste da Amazônia, entre os povos Tariana, as mulheres de Izi - "o sol" - rebelaram-se contra as imposições do patriarcado do tuxaua Jurupari. Cortaram seus cabelos a golpes de silex, desceram o rio e se estabeleceram às margens do rio Nhamundá, onde edificaram o matriarcado das Icamiabas (adoradoras da lua, lideradas por Conori). Em suas festas cerimoniais, elas invocavam a força do jaguar-rei e em seus transe ritualísticos metamorfoseavam-se em mulheres-

jaguatiricas, mulheres onças, guardiãs ancestrais do fogo, das águas e de toda a natureza. Essas mulheres guerreiras empoderadas aparecem em relatos de muitos cronistas e viajantes que por aqui passaram. Mantiveram-se no lendário, mas também na memória oral das comunidades ribeirinhas e no imaginário dos povos-floresta. E hoje, no manifesto poético do Boi Caprichoso, são reverenciadas como as guardiãs que inspiram as lutas de mulheres indígenas tão fortes como Tuirá Kayapó, Célia Xacriabá, Sônia Guajajara, Sâmela Sateré, Alessandra Kabá, Tepori Yawalapiti e a nossa Cunha-poranga, Mariele Albuquerque Munduruku. Elas têm construído novas trincheiras de batalhas, em diálogo tanto com os feminismos quanto com os movimentos e associações indígenas. Viva a luta das mulheres indígenas, quilombolas, pescadoras, extrativistas, que unidas são sentinelas da resistência! Elas mantêm a floresta de pé! Elas têm reflorestado as mentes e as matas!”

Fonte: Revista Boi Caprichoso, 2022.

2.3.1.3 - Noite C: Amazonia – O clamor da cura

Nesta noite, o Boi Caprichoso reafirmou o seu desejo de salvaguardar a terra-floresta, suas gentes, humanas e não-humanas e a cultura que, pelas mãos abençoadas do artista parintinense, aqui floresceu e faz reverberar um canto poético, popular, clamando reconhecimento, igualdade e justiça social para os povos-floresta.

Celebração folclórica O Brincador De Boi:| Viva A Cultura Popular

Artista de ponta: Macoy Cardoso, Nei Meireles e equipe.

“Nas asas do tempo e com os pés descalços a trilhar os caminhos de chão batido das vielas da Francesa e dos tucumanzais do que veio a ser o bairro do Palmares, a brincadeira de Boi-Bumbá se formou em Parintins, imortalizando personagens que ficaram marcados na memória de várias gerações. E para ser brincante no "Boi de antigamente" era preciso ter coragem para enfrentar as elites hipócritas e os estereótipos vigentes, já que o som e a dança que vinham das ruas eram vistos como "coisa de pretos vadios" ou "algazarra de gente que não tem o que fazer"?. Eram lamparineiros, como o Lioca - que iluminavam a brincadeira com a luz cambaleante das lamparinas - músicos e artesãos que produziam um batuque animado e as figuras jocosas do Seu Gigante e dona Aurora (bonecões que acompanhavam a brincadeira). No início, os brincantes eram quase todos homens, já que festa era vista como inadequada e perigosa para as mulheres, uma vez que era regada a pinga com limão e sal, entre outras beberagens. Foi somente aos poucos que as mulheres foram conquistando seu espaço na festa e, até mesmo, assumindo o protagonismo na confecção de vários setores do Boi. Por isso, muitos desses nossos caboclos e caboclas, que cresceram participando das festas do Caprichoso se reconhecem na toada de Adriano Aguiar, intitulada Paixão de uma Nação. Nela, está nossa trajetória, de quem já fez de tudo no Bumbá: já foi vaqueiro, tocou e tambor e foi marujeiros, ficou na "fila da galera pra subir na arquibancada". Já foi da "da Raça Azulada, da rapaziada do galpão", já foi artista e "brincante do boi campeão"! Empurrou alegoria, pintou-se "de índio pra dançar na tribo do Boi", recortou estrelas e bandeirolas, andou "nas ruas da cidade junto com o Boi" e até carregou tuxaua - tudo pra ficar perto do touro amado. Em Parintins, o Boi Caprichoso é cultura que resiste!”

Fonte: Revista Boi Caprichoso, 2022.

Figura 50 - Conjunto alegórico O brincador de boi dos artistas Macoy Cardoso, Nei Meirelles e equipe



Fonte: Foto Wigder Frota, 2022.

Celebração Indígena: Amazonia: Nosso Corpo, Nosso Espírito

Artista de ponta: Paulo, Aldenilson Pimentel e equipe.

"A Terra está doente", dizem as mulheres indígenas em marcha. E junto com ela, adoecem também a fauna, a flora, os mitos e modos de vida das comunidades tradicionais. Nesse contexto, a Amazônia está vendo a memória de suas gentes se perder. Aquilo que foi transmitido dos pais e mães para os seus filhos, vai virando cinzas e o futuro desvanece. Os pertencimentos e identidades se vão com a perda da língua, dos saberes, dos territórios invadidos e saqueados pelos donos do poder. Mais do que nunca, a terra onde se planta e onde se pisa, tal como a Terra, como planeta que habitamos como morada comum, carece de um novo significado. Na chave de leitura que nos é fornecida pelas mulheres indígenas, ele é corpo (nosso corpo) e espírito de todos nós. Por isso o Boi Caprichoso se coloca também nessa luta. Nossa arma? É o folclore e a poesia. Nossa força vem da música que entoamos e das artes que produzimos. Nosso escudo? É a galera que não larga esse Boi, faça sol ou faça chuva. Lutamos pela vida na Amazônia e, portanto, contra a opressão. Lutamos contra a violência que se volta contra nossa gente-floresta que tem sido, ao longo de séculos, gente-resistência. Afinal, é lutando por aquilo que é nosso que mostramos aquilo quem somos: gente-Caprichoso. No Festival que não aconteceu em 2020 e 2021, sustentamos como tema Terra: nosso corpo, nosso espírito. E, nesse momento, retomamos esse mesmo brado para apresentar nossa celebração indígena, conduzida pelo Pajé. Nela, reverenciamos alguns dos povos que habitam o Parque do Xingú: Kamaiurá, Yawalapiti, Mehinako e Parakana. Eles que defendem as terras dos invasores e dos muitos males associados às ideias de progresso e desenvolvimento e fornecem ao mundo lições de como preservar a natureza, adiando o fim do mundo."

Fonte: Revista Boi Caprichoso, 2022.

Lenda Amazônica O Pássaro Primal e o Nascer das Aves

Artista de ponta: Ozéas Bentes e equipe.

“Os Kayapó consideram a floresta como um espaço mágico, onde homens, animais e espíritos convivem, trocam conhecimentos e travam lutas constantes pelo domínio da natureza. Conta uma história tradicional desse povo que, num tempo muito antigo, os primeiros kayapós viviam sob o constante perigo do ataque letal de um gavião de tamanho colossal, que diariamente revoava no espaço da aldeia a procura de carne humana para satisfazer o seu apetite voraz. Certo dia, um grasnar aterrador ecoou no ar. Era a o pássaro primal que, de forma súbita percebeu um curumim aprendendo a tecer um cesto de tucum. Em um voo rasante ele cravou suas garras nas costas do menino e o levou para ser devorado no seu ninho sombrio, localizado no alto dos paredões de pedra. Para pôr fim ao martírio, os homens mais sábios da aldeia escolheram, então, criar dois redentores submersos na água - Kukrut-Kako e Kukrut Uire. Muitas luas se passaram até que eles pudessem emergir. E, quando saídos da água, todos perceberam que tinham se tornado grandes e fortes. guerreiros, que haviam recebido muita força das águas. Eles confeccionaram lanças com o osso dos grandes felinos, bordunas de pedras e os primeiros grandes arcos e flechas. Pintaram-se com a tinta escura do jenipapo e, sentido preparados para a derradeira batalha contra aquela ave de rapina que ameaçava o futuro de sua gente, dirigiram-se às proximidades da morada da grande fera. Atraíram-na com flautas que imitavam o seu canto e quando ela se descuidou desferiram contra ela golpes de borduna e cravaram em seu peito a lança sagrada. Em êxtase e possuídos de uma força tamanha, sopraram sob o corpo agonizante do pássaro primal, fazendo suas plumagens desprenderem-se de seu corpo e se espalharem pelo céu, dando nascimento a uma infinidade de pássaros coloridos. Era o milagre da vida vencendo a morte.”

Fonte: Revista Boi Caprichoso, 2022.

Figura 51 – Conjunto alegórico Pássaro primal do artista Ozéas Bentes e equipe.



Fonte: Foto Wigder Frota, 2022.

Ritual Indígena Yanomami Reahu, Festa da Vida-Morte-Vida

Artista de ponta: Jucelino Ribeiro e equipe.

“Para os Yanomami, a volta de um indivíduo para o Hutukara, o céu de Omame, onde viverá o descanso eterno, depende da festa Reahú, pois esse é um rito onde a coletividade se despede e apaga todos os vestígios que podem prender o espírito do falecido a este plano. Ele também o imortaliza na ingestão dos ossos carinhosamente reduzidos a pó e adicionados ao mingau de banana consumido por toda a aldeia. É como se o falecido passasse a morar, agora, no corpo de cada um de seus parentes. Mas este momento de fragilidade emocional, também é o momento oportuno para os ataques dos Xawaripes - espíritos maléficos que também habitam a Urihi. Por isso é importante que o pajé conduza o processo, através rezas e orações destinadas ao hecuras (os espíritos do bem) para que a sua presença proteja o espaço da aldeia e a crie harmonia no xabono para os yanomamis se despedirem do/a falecido/a em um ambiente livre de hostilidades espirituais. Conforme nos contou Kopenawa, com luz no olhar e uma voz levemente rouca, ao ser dado como morto, o corpo é despido de seus trajes e adornos, que são queimados juntos com seus arcos, flechas e demais objetos pessoais. Em seguida, é colocado na posição fetal em um cesto tecido de tucum e conduzido por seus parentes até a floresta, onde é amarrado a uma árvore para dissecar por várias luas. No tempo certo, os parentes o recolhem e o desossam num jirau construído com galhos de árvores e, após isso, queimam os restos de matéria do corpo no mesmo jirau. Depois depositam os ossos a um em outro cesto e o entregam nas mãos da viúva (se o falecido for casado). Ela o conduz, acompanhada de uma procissão, até o pátio do xabono, onde é feita a última despedida dos familiares e parentes. Os cantos proferidos pelas mulheres reproduzem falas da vitória da vida sobre a morte, onde peribo (a lua) e puriwari (as estrelas) são testemunhas onipresentes. Nesse meio tempo entre a morte, o dissecamento do corpo e a desossamento, os guerreiros realizam caçadas coletivas para alimentarem nos últimos dias de festa os convidados do Reahú. Ao chegar o grande dia, o chefe religioso ordena a construção da fogueira e realiza junto com a comunidade a cremação dos ossos. Em seguida recolhe as cinzas e os ossos maiores são pilados, para em seguida serem adicionados ao mingau de banana e serem ingeridos por toda a comunidade. Assim, o Yanomami vai para o céu, livre da maldição dos xawaripes e os hecuras dançam até o amanhecer do dia, celebrando a vitória da vida sobre a morte, pois o yanomami tem que estar forte para lutar contra os napés, os brancos que querem destruir a Urihi.”

Fonte: Revista Boi Caprichoso, 2022.

Figura 52 - Conjunto alegórico Juscelino Ribeiro e equipe



Fonte: Foto Wigder Frota, 2022.

2.3.2. Boi Garantido 2022: Amazônia do povo vermelho.

*“...A Amazônia é meu corpo, meu templo de luta
Cada passo é contra o tempo
Um rito sagrado em movimento
Gerado e criado no ventre da terra
Manifesto é resistência, grito de guerra
Em meio ao tormento do juízo final...”⁵⁷*

Para o Festival de 2020, o boi Garantido tinha pronto o tema “Somos o povo da floresta.” O projeto estava prestes a sair do papel e ir para a construção das alegorias e fantasias quando a pandemia de covid-19 paralisou o mundo. Para a *live* Parintins 2021, o boi escolheu o tema “Eu amo Parintins”, tratava-se de uma declaração de amor à cidade. Com a esperança de que em 2022, o boi pudesse finalmente voltar a arena, o então DGE começou a trabalhar em uma nova temática, chegando assim a “Amazônia do povo vermelho”.

A então DGE pretendia impactar o público e deixou a criação e concepção da identidade do tema a cargo do designer Rodrigo Abreu. Rodrigo já havia criado a arte do tema "Vida" de 2015 e retornou em 2022 para mais uma vez dar identidade ao tema do Garantido

⁵⁷ Trecho da toada “Amazônia do povo vermelho” de Bruno Bulcão e Jaércio Anselmo

2022. A arte em versão dupla traz o Garantido estampando em fundo vermelho e no outro caramelo. Um punho cerrado representando a luta dos povos originários da Amazônia vem ornado de cocar e frutos do guaraná. Um rosto indígena acompanha a arte. Na segunda versão todos os elementos estão presentes, mas, desta vez um rosto negro ocupa o espaço simbolizando a presença negra na construção do Brasil e em especial da Amazônia. A então DGE tinha altas expectativas com a referida temática acreditando estar apresentando uma proposta estética que rompia com o passado e apontava o Garantido para o futuro".

“Amazônia do Povo Vermelho” é uma autoafirmação. Trata-se de reconhecer o maior expoente do Festival Folclórico de Parintins como o vetor e tradutor dos valores identitários do povo amazônico. Valores estes dinâmicos de tempos e espaços múltiplos. Alicerçado na popularidade de sua existência e na originalidade de sua expressão, o Garantido traduz em três noites de espetáculo o espelho de sua imagem, refletindo homens e mulheres de muitas caras e jeitos vivendo entre magias e desafios de uma floresta mantida em pé! É essa gente - suas lutas, suas buscas, seus legados, suas culturas, anseios, protestos, sonhos e utopias - que se entrelaça ao Garantido. Um Garantido plural, fruto de eras primevas e caminhadas de tantas jornadas!

A diversidade, a ancestralidade, a quilombolidade, o indigenismo e a caboclitude dessa gente encontra-se no tema "Amazônia do Povo Vermelho", assim como o respeito à diversidade, à liberdade de expressão, o combate ao racismo, ao antissemitismo, ao nazifacismo, às formas de opressão, o reconhecimento e apoio às múltiplas identidades de gênero e orientações sexuais, a luta contra a LGBTQIA+fobia e o apoio intransigente à ciência e à arte.

É de vermelho que pintamos nossa pele. É com a esperança que identificamos nosso amanhã. É esse o Garantido dos sonhos. É esse o Garantido das nossas realidades. É assim que vamos conduzir o boi do negro Lindolfo Monte Verde em 2022. E é assim que seremos conduzidos por ele. Viva o Garantido!”

Sinopse do tema: DGE – Direção Geral do Espectáculo do Boi Garantido 2022. Fonte: Revista Boi Garantido, 2022.

O espetáculo Amazônia do povo vermelho foi dividido em 03 noites, a saber:

- Noite 1: Povo vermelho como brasa.
- Noite 2: Lutas, Resistência e Revolução.
- Noite C: Utopia Vermelha.

2.3.2.1 Noite 1: Povo vermelho como brasa

“Um povo feito no território da luta e luta tecida nos fios da alegria, da poesia, da dança, Luta ritmada na fé, concebida em espetáculo da liberdade, da diversidade, do encantamento na versão mais coletiva onde rostos e peles de vários tons sonoros se completam.”

Com esse discurso, o boi Garantido abriu sua primeira noite de espetáculo.

Celebração Folclórica: Amazônia do povo vermelho

Artista responsável pelos módulos alegóricos: José Trindade e equipe Guerreiros Garantido composta por mais de 25 pessoas.

“Na sanha de nosso manifesto dos povos da floresta, abracemos nosso Vermelho Brasil exaltando nosso ambiente natural. Afinal de contas, é na esteira desse alegorizado ambiente, como diria Paes Loureiro, que nosso imaginário se torna naturalmente grandioso, esverdeado, encontrando os “imisturáveis” Negro e Amazonas e vendo a vida nascer em lindos ninhos de araras e outros pássaros suntuosos da região. É desse cenário que emergem os encantados do imaginário caboclo (figura 53), como as histórias de Curupiras, Jumas, Mapinguaris, Mães d’Águas e outros seres fantásticos que trazem, em seu bojo, um núcleo narrativo: o pedido de preservação do nosso ecossistema para que a vida siga plena, próspera e festiva. Vamos celebrar nossa Amazônia com o Povo Vermelho.”

Fonte: Revista Boi Garantido, 2022.

Figura 53 – Conjunto alegórico Amazonia do povo vermelho do artista



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

Figura Típica Regional: O pescador

Artista responsável pelos módulos alegóricos: José Trindade e equipe Guerreiros Garantido composta por mais de 25 pessoas.

“Se vivo estivesse, Mestre Lindolfo Monteverde (figura 54) completaria 120 anos em 2022! O fundador do Boi Promessa, além de levantador de toadas e versador, era um exímio caboclo pescador. Se os povos originários representaram até aqui em nosso espetáculo o “O Povo Vermelho como Brasa!”, a figura típica regional abre caminho para a sabedoria do tipo social do caboclo ribeirinho. Verdadeiros guardiões da floresta, conhecem cada beiradão, o regime das águas, as plantas medicinais, os encantados e fazem dos rios o seu sustento. Seu conhecimento da Amazônia profunda

vem dos ancestrais indígenas, de quem legaram o amor pela natureza expresso no manejo sustentável que retira do ambiente apenas o suficiente para viver. A pescaria sempre foi uma das maiores expertises de Lindolfo Monteverde, nascido e criado na Baixa do São José, uma comunidade afro-indígena situada às margens do Rio Amazonas. Os pescadores da Baixa nos levam ao cenário ribeirinho e à exaltação de uma figura tipicamente nortista.”

Fonte: Revista Boi Garantido, 2022.

Figura 54 - Conjunto alegórico O pescador do artista José Trindade e equipe



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

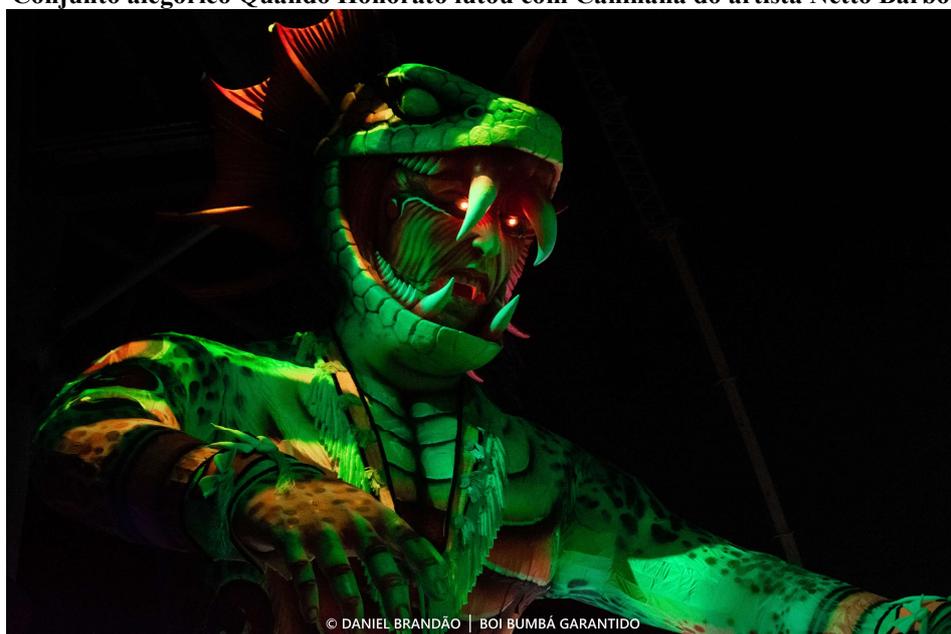
Lenda Amazônica: Quando Honorato lutou com Caninana

Artista de ponta: Netto Barbosa e equipe Ceifadores

“Algumas das maiores narrativas lendárias da Amazônia advêm da relação com o que habita nas águas e com o que se supõe ali existir. De raízes indígenas e caboclas, a lenda é bastante popular na ilha parintinense, sendo passada de mãe pra filho durante as noites de lua cheia, no embalar das redes penduradas nos caibros de casas de madeira, bem na beirada dos rios. É a versão do Povo Vermelho parintinense, que ouvimos de nossos pais, que faremos menção. A história é de duas cobras encantadas, habitantes dos rios e igarapés, que nascem da mesma mãe. A genitora, após perceber que pariu dois seres peçonhentos, abandona-os nas águas. Honorato e Caninana não se relacionam bem. Ao passo que Honorato é uma cobra dócil e bondosa, um festeiro de beiradão, Caninana nunca aceitou sua condição e, revoltada, encena atos de crueldade e revolta contra os seres humanos, destruindo tudo em seus rebojos violentos. Em determinado momento, Honorato não suporta mais ver a irmã, Caninana, arruinando o ambiente amazônico onde habitam os seres humanos. É a hora da grande batalha entre as cobras-titãs, que será encenada essa noite e que revelará o desencante de Caninana. Quem será a bela mulher que assumirá a forma humana por inteiro?”

Fonte: Revista Boi Garantido, 2022

Figura 55 - Conjunto alegórico Quando Honorato lutou com Caninana do artista Netto Barbosa



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

Ritual Indígena: Karõ Krahô: A batalha das almas

Artista de ponta: Netto Barbosa e equipe Ceifadores

“Encenamos um rito Krahô no qual o Pajé ressuscita uma pessoa que não estava pronta para morrer. Para os Krahô, aquilo que denominamos “morte” ocorre quando o espírito (karõ) abandona definitivamente o corpo e passa a morar entre os espíritos do outro mundo (mekarõ). Quando karõ deixa o corpo humano, ele jaz desfalecido. Se a pessoa não está esperando morrer (caso dos mais jovens), os parentes são orientados a não chorarem, pois o choro é lido como um indicativo de que a morte foi aceita (Cunha, 1978). O ritual consiste na ressurreição daquele que ainda não estava pronto para morrer. Uma luta do Pajé contra o Ceifador – A Morte – como entidade substancial que tira a vida antes do tempo e os leva ao mekarõ. Durante o ritual, o Xamã fará com que o karõ volte ao corpo do homem morto, trazendo-o de volta à vida. O ritual indígena da noite do “Povo Vermelho como Brasa!” celebra a vida após tanto tempo assolados pela Covid-19 e tantas perdas de pessoas amadas.”

Fonte: Revista Boi Garantido, 2022

Figura 56 - Conjunto alegórico Karo Krao do artista Netto Barbosa



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

Artista de ponta: Netto Barbosa e equipe Ceifadores

2.3.2.2. Noite 2: Lutas, Resistência e Revolução.

O Boi Garantido trouxe nessa noite, um espetáculo inspirado nas lutas, resistências e revoluções presentes na Amazônia, em especial, a Cabanagem.

Figura Típica Regional: Cabanos da Amazônia

Artista de ponta: Emerson Brasil e equipe Thundercats

“Entre 1835 e 1840, explodia no à época Grão-Pará a única rebelião que levou o povo ao poder. Era a Cabanagem, revolta que deu visibilidade a um tipo humano amazônico renitente e persistente, os cabanos. Cansados da exploração a que eram submetidos, negros, brancos empobrecidos, tapuios e indígenas uniram-se em busca de melhoria das condições de vida. As humildes cabanas tornaram-se elemento simbólico e material das classes sociais dos revoltosos: eram moradias simples de gente que lutava para acordar viva no dia seguinte. Submetidos ao inóspito, aquela massa humana reuniu-se na frente da Igreja das Mercês, invadiu o Forte do Presépio para tomar as armas e foi para a luta! Depois de cinco anos em batalha contra o poder instituído, ficou a semente da revolução preservada na História de que o poder é do povo e é esse Povo que se avermelha ora pelo sangue derramado, ora pela cara tingida de rubro para exigir vida com dignidade! A lembrança da resistência segue viva no Monumento da Cabanagem, no Pará, pelas mãos de Oscar Niemeyer e será rememorada pelo Boi das lutas populares, o Boi Garantido. Como diria André Vidal de Araújo: “A Cabanagem é o maior movimento, em que se consubstanciam o gênio e a coragem, a vontade e o temperamento guerreiro da gente da Amazônia”. Viva Francisco Angelim! Viva Maria Mulata!”

Fonte Revista Boi Garantido, 2022.

Figura 57 - Conjunto alegórico Cabanos da Amazonia do artista Emerson Brasil



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022

Celebração Folclórica: Festa do povo negro

Artista de ponta: Emerson Brasil e equipe Thundercats

“Continuando nosso processo anti/decolonial de afirmação do Povo Vermelho amazônico, é necessário visibilizar o povo negro que por aqui chegou escravizado e que por primeiro brincou de boi na região. Diáspora africana banta que nos apresentou a figura de Pai Francisco, Mãe Catirina e o “bombá”, embrião do Garantido que por muito tempo carregou um coração preto na testa. A Celebração Folclórica olha para o passado e encara o festejo dos idos de 1800 como parte das lutas, resistências e revolução cujo protagonista é o povo afro-brasileiro nortista. Vamos festejar mais uma vez, agora após dois longos anos de Covid-19, “com o povo negro de luta a insistir nessa conduta!”. São tempos idos, vindos e vividos!”

Fonte: Revista Boi Garantido, 2022.

Figura 58 - Valentina Coimbra em seu primeiro momento como sinhazinha da fazenda



Fonte: Foto Diego Araújo, 2022.

A personagem que produzi a indumentária veio neste conjunto alegórico, em um primeiro momento como a sinhazinha tradicional, (figura 58) depois, como bailarina clássica. (figura 59) O que desgostou alguns torcedores que acharam a descaracterização desnecessária.

Figura 59 - Valentina Coimbra em momento clássico.



Fonte: Foto Diego Araújo, 2022.

Figura 60 - Celebração folclórica



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

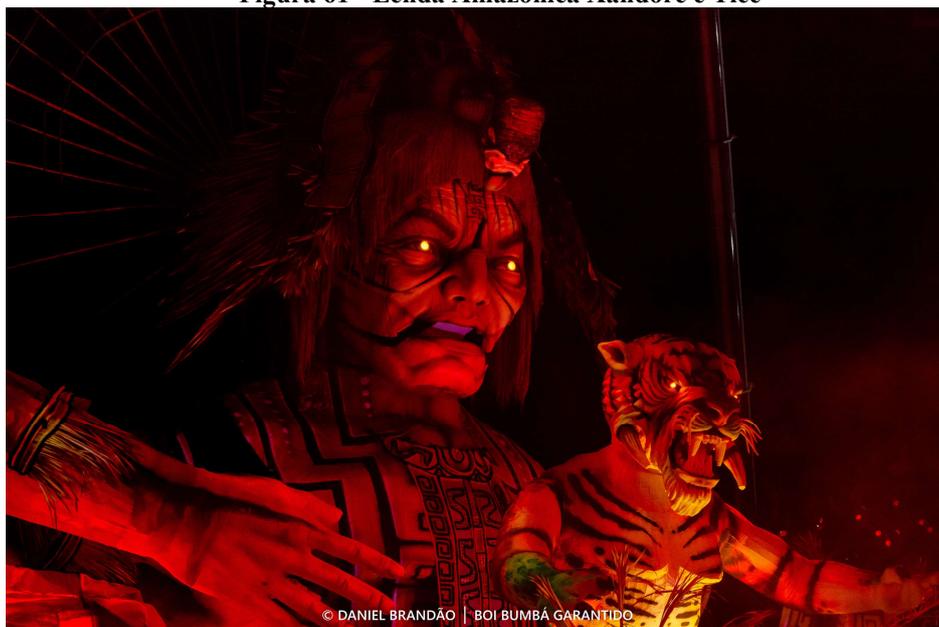
Lenda Amazônica: Xandoré e Ticê

Artista de ponta: Emerson Brasil e equipe Thundercats

“É do arcabouço intelectual dos povos tupi-guarani que emergem Xandoré e Ticê. A Amazônia desperta a cobiça do mundo em torno de suas riquezas naturais: das pedras preciosas ao inigualável tesouro de biodiversidade, os olhares do capital voltam-se para nossas águas, animais, solo, árvores e bichos. Para os tupi, todo o ódio, inveja e rancor eram personificados no deus da maldade e do ódio, Xandoré. O poder de Xandoré era aumentado por ter a capacidade de se transformar em falcão. Assim, conseguia voar pelos céus e observar tudo o que se passava abaixo dele. Por sua vez, Ticê era uma poderosa mulher capaz de enganar até mesmo o tinoso Anhangá. Tornou-se conhecida na mitologia tupi-guarani por ser domadora de maus sentimentos, tendo domínio sobre eles e impedindo que se lançassem terríveis castigos sobre outras mulheres, incluindo grávidas. Ela também era a senhora dos segredos, pela quantidade de informação sobrenatural que conseguia reter no coração.”

Fonte Revista Boi Garantido, 2022.

Figura 61 - Lenda Amazônica Xandoré e Ticê



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

Ritual Indígena: O fim do mundo Karajá

Artista de ponta: Carivardo Vieira, Tasso Vieira e Marcel Vieira e equipe Paraponera

“Em 1979, João Américo Peret apresentava a obra Mitos e lendas Karajá: Inã Son Wéra. O livro foi resultado da pesquisa do autor entre os indígenas dessa etnia. Conta a história que, no terreiro da recreação, o pai lançava seu jovem filho homem de 11 anos para conhecer a Aruanã Hetô (Casa das Máscaras). A criança sofria pela separação da mãe e a genitora não aceitava de bom grado deixar o filho longe do amor dela, pois sabia que o território era proibido para as mulheres. Sufocada pelas saudades, a mãe, depois de um longo tempo, decide visitar o amado, mesmo sabendo que severas punições viriam caso o segredo das máscaras fosse a ela revelado. Ela procura o curumim enquanto todos dormem e o questiona sobre o que é passado de conhecimento aos diuré (iniciados). O menino já havia recebido os conhecimentos pelo velho pajé. Tentado pela mãe, começa a revelar que os espíritos chegavam pelas máscaras. O pajé acorda: os espíritos, irritadíssimos com a violação dos segredos ancestrais, começam a invasão na ocará. Enquanto o guardião espiritual luta contra as entidades que chegam para vingar-se, as máscaras sagradas envolvemno e o levam embora dali, fazendo-o sumir no espaço. É o fim do mundo! Assim, fica a advertência do cuidado com o mundo, o zelo pelos conhecimentos ancestrais e com a grande Mãe Terra, que pode extinguir a tudo e a todos caso a Ela não nos voltemos com respeito! Mais uma luta da noite, agora do grande Pajé Karajá que, em seu poderoso saber, incorporará o ritual que se desnuda sempre que o sagrado for violado!”

Fonte Revista Boi Garantido, 2022.

Figura 62 - Ritual Indígena O fim do mundo Karajá



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022

2.3.1.4 - Noite 3: Utopia Vermelha

Sustentando que fazer arte com revolução é uma utopia, o boi Garantido apresentou seu espetáculo da terceira noite.

Figura Típica Regional: O viajante dos rios da Amazonia

Artista de ponta: Junior Feijó e equipe Viajantes

A Figura Típica do espetáculo “Amazônia Do Povo Vermelho” é o “Viajante dos Rios da Amazônia”, aquele caboclo ou cabocla que singra os rios da maior bacia hidrográfica do mundo para ir e vir dos mais recônditos lugares da Amazônia brasileira. É o homem ou mulher que parte em busca de sonhos e alegrias utilizando o característico meio de transporte na região: o barco de recreio. São aqueles que vão de Belém a Manaus. De Porto Velho a Macapá. De Rio Branco a Santarém, ou mesmo de todos esses lugares a Parintins - Capital Nacional do Folclore – para brincar na festa do boi mais campeão. A Figura Típica Regional do Viajante encenará a viagem pelas águas nos barcos, desembocando na arena mágica do bumbódromo parintinense.
Revista Boi Garantido, 2022.

Figura 63 - Figura Típica Regional O viajante dos rios da Amazonia



© DANIEL BRANDÃO | BOI BUMBÁ GARANTIDO

Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022

Celebração Folclórica: O mamulengo do folclore parintinense

Artista de ponta: Junior Feijó e equipe Viajantes

O Mamulengo é a forma popular e tradicional do teatro de bonecos no Brasil. Nasceu nos interiores do Nordeste, de lá migrou para grandes centros e outras regiões. É chamado de Mamulengo em Pernambuco e no Distrito Federal, mas recebe outros nomes pelo Brasil. É Babau, na Paraíba; João Redondo ou Calunga, no Rio Grande do Norte; e Cassimiro Coco, no Ceará, Piauí e Maranhão. Tendo em vista a migração do boi ocorrida do Nordeste para cá pelas mãos de Lindolfo Monteverde, nossa Celebração Folclórica encena um mamulengo do Auto do Boi Garantido feito pelos seus familiares. A figura alegórica central será Alexandrina Monteverde, a Dona Xanda, mãe do nosso fundador, que ladeada por seus irmãos o ajudou a colocar seu “Brinquedo de São João” no terreiro da casa. Viva a tradição do Boi Garantido!
Revista Boi Garantido, 2022

Figura 64 - Celebração Folclórica Mamulengo do Folclore



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022

Lenda Amazônica: Teperecique, o senhor das águas

Artista de ponta: Sorin Sena e equipe Kuarup

O Povo Ianomâmi está sendo particularmente agredido pelas atividades mineradoras. Assistimos assustados ao garimpo na região do Madeira: as atividades em busca do ouro trazem a contaminação por mercúrio e a degradação dos espaços naturais, incluindo o aumento dos casos de malária. Mas há sempre esperança para a sabedoria indígena. Se as águas são agredidas, os seres encantados que lá habitam também dão sua resposta. E a resposta, neste caso, é Teperecique, o “senhor das águas”, deus ancestral humano e peixe. O “Senhor das Águas” se levantará em sua ira para defender a floresta e seus povos da devastação motivada pela cobiça. Revista Boi Garantido, 2022.

Figura 65 - Lenda Amazônica Teperecique



Fonte: Foto Wigder Frota, 2022

Ritual Indígena: Ritual Tenharim

Artista de ponta: Sorin Sena e equipe Kuarup

Quando um grande caos assola as aldeias *Tenharim*, eles recorrem a um rito de nomeação/iniciação de um xamã capaz de combater os espíritos e as ameaças ao seu povo. Para isso, o nominado precisa aprender os fundamentos e a sabedoria extraída de cada tempo antigo para vencer todos os males, resgatar a cunhã sequestrada e trazer harmonia. Esse conhecimento só pode ser aprendido com os deuses primordiais *Nhamandu*, *Kuaracy*, *Tupã* e *Nanderu*. Um rito de nomeação/iniciação é realizado pelos descendentes dos Anciões da Pele Vermelha para despertar o coração do iniciado, pois somente após esse despertar o Pajé poderá compreender as Palavras Formosas usadas pelos deuses. Depois de ser nominado, ele viaja ao mundo dos espíritos guiado pela Coruja Flamejante e recebe os ensinamentos registrados na natureza íntima do ser. Ao regressar do mundo dos espíritos, o Pajé expulsa o mal e salva a cunhã mais bela da aldeia.

Revista Boi Garantido, 2022.

Figura 66 - Ritual Indígena Ritual Tenharim



Fonte: Foto Wigder Frota, 2022

CAPÍTULO III – AUTO DA RESISTENCIA CULTURAL

*“Eu sou a expressão cultural de Parintins,
A união de todos os povos”⁵⁸*

Seria um marcado equívoco, no entanto, se encerrássemos nossos olhares tendo o acontecimento do Festival como elemento único de importância. Ele, em verdade, aciona, provoca – ao mesmo tempo em que é resultado – de uma mobilização muito maior, cuja extensão extrapola os limites do Bumbódromo e ganha ruas, o interior das casas, as mentes, sonhos e razões de pessoas afetadas pelo acontecimento do Boi, cujos referenciais “Caprichoso=azul” versus “Garantido=vermelho” orientam redes familiares, de amizade, e afetividades em geral, nos limites de Parintins e para além deles. Entendendo que os significados atribuídos pelos diversos sujeitos sociais ao bem em questão são o que significativamente importa para conclusão desta pesquisa, o acontecimento do Festival é, sem dúvidas, de fundamental importância a ser considerado.

Em 1976 o artista Jair Mendes deu início ao universo artístico que se desenvolveu no entorno dos Bois de Parintins, inserindo as artes plásticas no Boi Garantido. O motivo segue sendo o que mais desperta o interesse da população, até hoje: As gigantescas alegorias de quase 40 metros de altura articuladas devido a robótica, técnica criada por Jair Mendes. O investimento é milionário e isso mostra que o espetáculo é, de fato, grandioso, constituído por enormes alegorias, luxuosas fantasias e efeitos de luz e de som cada vez mais sofisticados. Porém, muito pouco desse investimento permanece na cidade ou mesmo retorna para a população. Que vê a cidade esvaziar completamente tão logo encerra o festival. Não existem políticas públicas voltadas para a escolinha de artes do Boi Caprichoso ou para a Universidade do Folclore do Boi Garantido. Durante o percurso desta pesquisa, pude perceber nas falas informais e nas entrevistas formais que se a cidade tivesse outra fonte de renda, pouco ligaria para o Festival. Talvez as pessoas não se sintam mais tão valorizadas. Como de fato pudemos perceber ao longo desta caminhada.

Na evolução dos bumbás, ressalta-se a participação da mídia, da indústria cultural e do turismo, de agências governamentais e amplas camadas da sociedade. Ericky Nakanome, presidente do Conselho de arte do Boi Caprichoso e mestre em História da Arte pela

⁵⁸ Trecho da toada “Auto da Resistência Cultural” de Demétrios Haidos e Vanderlei Alvino.

Universidade Federal da Bahia, atribui à Escola de Arte Irmão Miguel Pascalle, fundada pelo boi azul, sua formação artística:

(...) eu venho de uma família que é caprichosa (...). E a minha entrada definitiva no Caprichoso é quando meus pais se separam... por conta dessa separação, eu tive problemas psicológicos graves e, a partir daí, por indicação da psicóloga, eu teria que fazer outras atividades. Coincide, nesse momento, de o Caprichoso criar essa fundação, esse projeto social e eu entro na escola, para aprender a lidar com desenho. E começo a desenvolver as atividades de desenho e começo a me destacar dentro da escola. (...) As meninas queriam ser Cunhã Poranga, Porta Estandarte, Rainha do Folclore... E os meninos queriam ser estilistas, artistas visuais, queriam participar de todas essa festa que acaba sendo a cara da cidade. E dessa geração saiu muita gente, geração da escola de arte do boi Caprichoso, hoje, ela alimenta e fomenta os dois bumbás. Tanto com itens, artistas; compositores, poetas... enfim, é uma turma grande que veio desse projeto social.

Fonte: IPHAN. Patrimônio Imaterial: O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial.⁵⁹

Teures Caldas, ritmista da Marujada de Guerra, corrobora a importância da iniciativa para a formação dos músicos. A escolinha seria, segundo ele, um espaço de aprendizagem — com aulas de percussão, violão, charango, flauta e teclado — e, conseqüentemente, de renovação:

(...) se você prestar atenção aqui nos ensaios, você vê muitas crianças, muitos jovens que fizeram parte da Escolinha de Artes do Caprichoso, desde criancinha, 5, 6 anos, que veio aprender a tocar um instrumento e hoje já estão na marujada principal. Antigamente, isso era muito difícil. Você via pessoas de ‘mais anos’ tocando seus instrumentos. E hoje tá tendo essa oportunidade. Já há muitos anos que o Caprichoso faz isso, consegue ter essa renovação dentro da Marujada.

Fonte: IPHAN. Patrimônio Imaterial: O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial.

As falas de ambos ocorreram durante o processo de reconhecimento do Boi de Parintins como patrimônio cultural do Brasil e indicam que, para além da formação, conservação e publicização de arquivos, as referidas associações precisam pensar em iniciativas que fomentem a perpetuação dos saberes vinculados à feitura do boi — como as “escolinhas” — são igualmente importantes no que tange à salvaguarda da memória musical do boi, na medida em que conectam as gerações que deram origem aos festejos às novas gerações — as “gerações da escola de arte”. Do lado azul, a escolinha de arte Miguel Pasquale, e do lado vermelho, a Universidade do Folclore Centro Educacional Paulinho Faria.

Contudo, mesmo após tanto reconhecimento, a cidade ainda se encontra diante de um cenário crítico em sua economia, com alto índice de desemprego devido à sazonalidade do

⁵⁹ Este trabalho foi desenvolvido por um grupo de pesquisadores da Universidade de Brasília (UnB) por solicitação do Iphan.

festival e a falta de um plano estratégico, mas também da operacionalização do turismo na cidade de Parintins, muitas discussões são levantadas no município, como tentativa de aquecer a economia e retomar o desenvolvimento local, porém, perdem força logo após o festival. As alternativas de trabalho e renda são escassas na região, bem como o investimento na educação, e até na profissionalização do artista parintinense.

Os bumbás detém grande influência junto ao poder público em todas as esferas e tendo em vista a institucionalização de Parintins como capital nacional do boi-bumbá e a grande repercussão do talento parintinense, por que não transformar a cidade num grande polo educacional voltado para a área da arte-educação? O título, possibilitaria promover o desenvolvimento, captar investimentos, fortalecer e incentivar o turismo na região visto que o local receberia uma atenção especial. Contudo, muitas manifestações populares já não pertencem apenas aos seus protagonistas. As culturas tradicionais no mundo globalizado são também do interesse dos grupos midiáticos, de turismo, de entretenimento, das empresas de bebidas, de comidas e de tantas outras organizações sociais, culturais e econômicas. E assim é a realidade de Parintins.

Cada bumbá leva cerca de 5 mil brincantes por noite para a arena do bumbódromo, muitos vêm de municípios circunvizinhos. Destaco, aqui, as amazonenses Itacoatiara, Nhamundá e Barreirinha e as paraenses Juruti, Oriximiná e Santarém, cidades de origem de muitos “brincantes”. No entanto, tão importante quanto, é observar e analisar o que está para além dele; o que permeia o acontecimento do Festival em profunda relação. Nesse sentido, a identidade é formada por diversas representações e significações híbridas, como um processo enunciativo resultante de várias vozes e histórias ressonantes, constituindo uma perspectiva muito mais não essencialista. A identidade ocupa um espaço significativo nas pesquisas sociais, formada por diversas representações e significações híbridas, movida pelo sentimento de pertença e de diferença, como um processo enunciativo proveniente de várias vozes e histórias ressonantes.

O mundo vive dias de velhas novidades: pandemias, guerras, refugiados, racismo, violência. Nestes momentos, a humanidade também se reinventa, a tecnologia e a inovação criam ambientes. E a cultura deixa sua marca sob temperatura e pressão: novos ciclos de artistas, formatos e obras. É neste momento histórico que os bois de Parintins precisam mostrar ao mundo que a arte é a única máquina a registrar as narrativas e perpetuar a própria história. Que precisamos entender nosso papel artístico e de tradição, inovação, tecnologia e combate à desigualdade. Ocupar no mundo esta janela aberta para falar de Amazônia com a precisão que essa narrativa merece. Não mais como pulmão, mas sim como centro de produção de arte e luta

pela floresta, sua sustentabilidade. Tal projeto parte do local para o global, em que o Boi compreende sua força indígena, quilombola e ribeirinha, sabedor da importância de se ocupar o mundo, palcos, arenas, praças, exposições, workshops, prédios públicos e privados.

Um boi que viaja pelos continentes todos os anos com grandes turnês, exposições e produtos amazônicos. Isso gera emprego, renda e intercâmbio artístico aqui e lá fora. Projeto coletivo e soberano, pois tem como base o seu entorno, organizando e planejando ações concretas e atraindo apoios de governos, empresas, mídias, redes sociais e da sociedade; por meio de patrocínios ou compra de ingressos e obras, criando uma relação de trocas e deixando de lado a necessidade urgente de doações, que podem resolver um dia, mas não criam ambiente de previsibilidade orçamentária e planejamento. Isso tudo criaria perspectiva de vida para o parintinense que criou e manteve essa manifestação até aqui, mas que hoje pouco se reconhece nela.

3.1. Orgulho de ser Parintinense

*“...E desde de pequenina, já era bailarina
Princesa Valentina, matriarca incentivou
Bailado de família
É a dinastia de Roque Cid...”⁶⁰*

É a hibridização de tudo isso que dá a tônica à cultura popular no mundo globalizado pelos meios de comunicação e pelos novos interesses de consumo de bens culturais. Sempre houve uma mediação entre a produção cultural popular e as classes hegemônicas. Por outro lado, mudaram as negociações, os interesses, as formas, a velocidade do tempo e a dimensão de alcance desses bens culturais nos nossos dias. Atualmente, temos uma mediação midiática fortemente influenciada pela televisão que se apropria das manifestações das culturas populares para os seus mais diversos interesses. A atual detentora dos direitos de transmissão do Festival de Parintins repassa aos bumbás cerca de 3 milhões de reais e arrecada quase o triplo disso em publicidade.

O festival transformou-se para atender as demandas de mercado. Para atender a esse segmento de mercado cultural da sociedade midiática, foram modificados os processos de apropriação e incorporação dos novos valores estéticos. Como por exemplo, a performance das parintinenses. É como se existissem duas festas, uma dentro da outra, ou seja, a festa central

⁶⁰ Trecho da toada “Bela Valentina” de Sinny Lopes, Caetano Medeiros, Rodrigo Bitar e Serginho Cid.

institucionalizada, de interesse econômico da Coca Cola, do Bradesco, da pic pay, da Tec Toy e demais grupos empresariais, e a outra periférica, que continua sendo organizada através da mobilização da comunidade, atuando diretamente na construção do espetáculo, que pode acompanhar ali no dia a dia.

É justamente neste contexto que vamos ao nosso ponto de encontro neste capítulo: Como essas reinvenções afetaram aqueles que constroem o espetáculo? Atualmente, as parintinenses tem pouco espaço na festa que ajudaram a criar. Edilene Tavares (figura 61) não tinha mais a menor expectativa de ser item em seu boi do coração. Contudo, o acaso trouxe uma grata surpresa. Em 2017, a ocupante do cargo Porta Estandarte saiu às pressas e ela foi convidada para assumir, entrando na terceira noite do festival. Lembro-me bem de que quando ela apareceu na alegoria, gritamos bastante para que ela se sentisse acolhida e amada. Em 2020, Edilene foi realocada no posto de Rainha do Folclore e hoje é um dos itens mais amados pela galera vermelha e branca. Porém, para ela é preciso haver equilíbrio entre as meninas de outros municípios que querem ocupar algum cargo de destaque em um dos bois, pois senão as parintinenses estariam perdendo espaço.

Figura 67 - Rainha do Folclore do Boi Garantido Edilene Tavares



Fonte: Foto Daniel Brandão, 2022.

“Estou no boi Garantido desde 2003. Comecei como dançarina da Companhia de Dança Folclórica Garantido Show. Logo no começo eu não imaginei que seria item oficial do meu boi. Eu não tinha esse sonho. Com o tempo fui evoluindo e hoje posso dizer que consegui algumas coisas para minha vida que antes eu não tinha. Tive a oportunidade de viajar para o exterior quando eu

nunca imaginaria que conseguiria. Conheci vários lugares, cidades, estados. Hoje atuo como item oficial do boi, mas não sei definir a quantidade de pessoas exatas que trabalham para o meu item pois tem a equipe que faz as indumentárias para as apresentações, tem a equipe de logística enfim, é muita gente. Como remuneração eu recebo um cachê de arena e apenas camisas para a minha equipe. Isso mostra que nosso festival ainda precisa ser mais organizado, tem muitos problemas em alguns pontos. A transmissão para público precisa melhorar. Como exemplo eu destaco que quando o item estiver se apresentando, a transmissão não deve cortar e jogar imagens de galera. Outro detalhe é o conforto do público. A organização deve liberar a entrada de alimentos no setor de arquibancada geral pois são muito caro os produtos dentro do bumbódromo. Quanto a participação de pessoas para ocupar cargos oficiais no boi vejo como algo inevitável. Hoje em dia nosso festival é do mundo, mas, não devemos perder a raiz que são os parintinenses senão algum tempo só vai ter gente de fora no festival.”

Tavares, Edilene. Entrevista [junho, 2022] Entrevistador: Djane Sena; Parintins, AM; 2022.

É evidente que o Festival não vai desaparecer com sua globalização, porque também é do interesse econômico dos grandes grupos envolvidos, há o interesse das grandes marcas de bebidas, dos políticos, do turismo, do turismo, dos promotores de eventos que lucram com a venda de ingressos de cadeiras e camarotes a preços absurdamente caros para uma festa dita popular, dos governantes locais. E até dos pequenos comerciantes temporários, na maioria desempregados ou subempregados, que aproveitam a época do Festival para obter alguma renda, reorganizar a economia familiar por algum tempo. Porém, até onde o dito profissionalismo é válido? Por que os bois Garantido e Caprichoso não buscam saídas para profissionalizar seus próprios brincantes?

Para a brincante e item substituta Giovanna Mendonça, falta atenção e valorização para quem ama e se doa para a agremiação. A conheci quando tinha apenas 03 anos. Ela é minha enteada e pude acompanhar sua trajetória ao longo de todos esses anos, inclusive, sendo preparada por mim, que um dia também já interpretei este papel.

Entrei para o boi Garantido em 2014. Comecei trabalhando no Social. No ano seguinte fui convidada para ser item substituto do item 7, sinhazinha da fazenda. Sim sempre foi um sonho de infância ser item do meu boi, no caso, Boi Garantido. Essa experiência fez com que eu me tornasse uma pessoa mais solta e espontânea. Antes eu era uma pessoa tímida, após o boi, isso mudou, pois a dança é uma ótima forma de expressão. Atenção e valorização com colaboradores que amam e se doam para a agremiação. Valorizam apenas pessoas que desconhecem a cultura, que nunca tiveram contato com nossa cultura ou estão conhecendo pela primeira vez, quem se doa e trabalha duro pelo boi há muito tempo, tem pouco ou zero reconhecimento. Depende muito. É bom quando a pessoa, mesmo distante, possui alguma participação na agremiação, conhece a história e o valor cultural da festa. Como alguns itens nos dois bois que são de fora, porém, sempre houve um vínculo com seu respectivo boi. Como a cunhã-poranga e porta-estandarte do boi Caprichoso, antes de assumir o lugar de item oficial, foram dançarinas do corpo de dança e itens substitutos, assim como o levantador do boi Garantido. Porém, valorizar os dançarinos da cidade de Parintins é imprescindível, pois um item está muito além de imagens e aparências, ser item é carregar uma

responsabilidade com sua torcida, é apresentar a essência do seu boi através da dança, de forma poética e leve, sem ter que forçar nada.
Mendonça, Giovanna. Entrevista [junho, 2022] Entrevistador: Djane Sena; Parintins, AM; 2022.

Figura 68 - Giovanna Mendonça caracterizada como Sinhazinha da Fazenda



Fonte: Foto Giovanna Mendonça, 2018.

O que não falta aos artistas parintinenses, em sua maioria com baixa escolaridade, é talento, criatividade e novas ideias para a construção dos seus mundos reais, ficcionais, alegóricos e de narrativas inesgotáveis, baseadas nas histórias que todos um dia ouvimos de nossos familiares e que a globalização não conseguiu acabar. Pelo menos por enquanto. O festival mante-se vivo e pulsante através das diversas reinvenções. E talvez sejam essas reinvenções que enriqueceram o Festival até aqui e que devem continuar enriquecendo.

3.2. Festaça Multicultural.

*“Tá na cara dessa gente, no modo de ser
Ancestralidade de um povo feliz
É encontro dos povos, festaça multicultural...”⁶¹*

⁶¹ Trecho da toada “Festaça Multicultural” de Geovane Bastos e Guto Kawakami

“Cunhã-Poranga”, “Pajé”, “Rainha do Folclore”, “Porta Estandarte”, “Sinhazinha da Fazenda”, “Pai Francisco”, “Mãe Catirina”, “caboclos”, “índios e seu (chefe) Tuxaua”, “o boi e seu tripa”, “Dono do Boi” – personagens que mesclam um antigo com a pluralidade étnica indígena – são elementos importantes que caracterizam o Boi em Parintins e constituem sua importância enquanto bem cultural. Para Hall, (1996, p. 70): “As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história”. Sempre brincamos que no mundo inteiro as meninas sonham em ser top models. Menos em Parintins. Aqui elas sonham em ser um item do seu boi.

Aqui irei me deter no papel da Sinhazinha da Fazenda que tive o prazer de acompanhar: Valentina Coimbra. E nossa relação pouco ortodoxa. Valentina Coimbra é bailarina desde os 03 anos de idade e foi convidada para a seletiva de Sinhazinha da Fazenda do Boi Garantido em dezembro de 2020. Logo encantou a todos com sua dança, doçura e beleza. Menos a mim. Minha filha (enteada) parintinense havia sido desclassificada por conta do profissionalismo de sua concorrente Valentina Coimbra. Mas quis o destino que eu fosse uma das artistas de indumentária do personagem Sinhazinha da Fazenda. E foi durante essa nossa pequena caminhada juntas que pude perceber como a cidade precisa de cursos como os que o Iphan sugeriu.

Do lado azul, tínhamos Valentina Cid, veterana em seu item, neta do fundador do Boi Caprichoso e com uma cidade inteira ao seu lado. E não faziam isso porque não gostavam da concorrente. Mas pelo prazer de vencer com sua própria criação. Lembro do comentário de uma professora de dança da Universidade do Estado do Amazonas sobre a quantidade de cambret's que Coimbra fez durante uma noite de Festival e que aquilo configuraria descaracterização do personagem Sinhazinha da Fazenda. Foi quando pensei o quanto a minha filha e Valentina Coimbra podiam aprender uma com a outra. E como replicar isso para a cidade de uma forma geral.

Valentina Coimbra hoje é um item querido por toda galera nação vermelha e branca. E já se identifica com a festa. Percebemos, portanto, que a identidade cultural são as particularidades que um indivíduo ou grupo atribui a si pelo fato de sentir-se pertencente a uma cultura específica. Nesse intercâmbio cultural entre os sujeitos na qual a sociedade está embebida também chamado de interculturalidade destaca-se a importância da identidade enquanto narrativa (Bhabha, 1977; Canclini, 1995). Entende-se que toda identidade é gerada e constituída no ato de ser narrada como uma história, no processo prático de ser contada para os outros.

Canclini entende que as identidades como narrativas que se constroem e reconstroem entre os diversos atores sociais, mas “na medida em que são híbridas, dúcteis e multiculturais” (1995, p. 151) incluem a presença de conflitos de nacionalidades, etnias, gêneros, constituindo-se em representação e ação. Portanto, trazendo essa fala do autor para o cenário que vivemos em Parintins, podemos inferir que a junção das referidas qualidades de Valentina Coimbra com as técnicas de dança e performance criadas em Parintins sejam uma forma de hibridização. Claro que o Festival hoje é plural e não cabem falas xenofóbicas, porém, é preciso ater-se a seguinte questão: Estamos dando atenção para Parintins? Ou estamos acomodados trazendo itens prontos de outras cidades? Canclini desconsidera a existência de uma identidade única: “não podemos considerar os membros de cada nacionalidade como elementos de uma única cultura homogênea, tendo, portanto, uma única identidade distinta e coerente” (Canclini, 2006, p. 196).

A acepção da identidade surge aqui na atual concepção das ciências sociais, não como uma essência intemporal que se manifesta, mas como uma construção imaginária que se narra. A globalização diminui a importância dos acontecimentos fundadores e dos territórios que sustentavam a ilusão de identidades históricas e ensimesmadas. Os referentes de identidade se formam, agora, mais do que nas artes, na literatura e no folclore -que durante séculos produziram signos de distinção das nações, em relação com os repertórios textuais e iconográficos gerados pelos meios eletrônicos de comunicação e com a globalização da vida urbana (Canclini, 1995, p. 124).

Com isso, observam-se dois desfechos: o autor propõe que a cultura, bem como a arte e a comunicação, refaz suas práticas a partir da globalização e das transformações urbanas, bem como o papel da mídia na sociedade moderna (Canclini, 1995; 2001; 2006); e, considera a identidade e a cidadania processos fortemente atrelados. A cidadania está intimamente ligada não só aos aparelhos midiáticos, mas às práticas culturais e sociais dos indivíduos que, por sua vez, possuem o sentido de pertencimento identitário e, dessa forma, fazem com que se sintam diferentes ou semelhantes na organização de suas necessidades. A identidade tem uma formação voltada, especialmente, para as culturas populares e para o cotidiano dos indivíduos e, ao mesmo tempo, atua como um agente interventor, legitimando esses aspectos únicos dessa sociedade. (Canclini, 1995). Neste ponto, esta autora concorda com Canclini e acrescenta que as associações Garantido e Caprichoso tem total capacidade de trabalhar na formação do povo parintinense que é o detentor desse saber fazer secular que sustenta esse universo artístico que emerge de Parintins.

3.3.Cultura que resiste.

A noção de patrimônio tem origem etimológica em “herança paterna”. Este conceito de patrimônio estava ligado diretamente a bens e ligado a pontos de vistas e interesses aristocráticos. Para Funari *apud* Pelegrini (2006, s/p), esse termo deriva do latim *patrimonium* e faz alusão à “propriedade herdada do pai ou dos antepassados” ou “aos monumentos herdados das gerações anteriores”, essas expressões fazem menção a *moneo*, que em latim significa “levar a pensar”.

No início da década de 1980, nas convenções internacionais promovidas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura — Unesco, convencionou-se que “cultura” agrega também as maneiras de o ser humano existir, pensar e se expressar e as manifestações simbólicas dos seus saberes, práticas artísticas e cerimoniais, sistemas de valores e tradições. Esta noção de cultura adquiriu maior magnitude em 1985, por ocasião da “Declaração do México”.

Este documento definiu o patrimônio como produções de artistas, arquitetos, músicos, escritores e sábios, criações anônimas surgidas da alma popular e valores que dão sentido à vida. Em cartilha informativa, o Instituto do Patrimônio Histórico Nacional – IPHAN, frisa a importância da preservação de obras materiais e não materiais que expressassem a criatividade de um povo: a língua, os ritos, as crenças, os lugares e monumentos históricos, a cultura, as obras de arte e os arquivos e bibliotecas.

Cultura é todo conhecimento que uma sociedade tem de si mesma, sobre outras sociedades, sobre o meio material em que vive e sobre sua própria existência. Há que se admitir que, embora a definição de patrimônio cultural busque contemplar as mais diversas formas de expressão dos bens da humanidade, tradicionalmente o referido conceito continua sendo apresentado de maneira fragmentada, associado às distintas áreas do conhecimento científico que o definem como patrimônio cultural, natural, paisagístico, arqueológico e assim por diante. Os bens culturais encontram-se amparados em nossa carta magna, conforme disposto no artigo 216, *in verbis*:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações, e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V- os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§1º O Poder Público, com colaboração da comunidade promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear a sua consulta a quantos dela necessitem.

§3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

Os Bois de Parintins estão enquadrados como Patrimônio Cultural Imaterial do Amazonas, conforme Decreto nº33.684 de 26 de junho de 2013, assinado pelo então governador do Estado, sr. Omar Aziz. Na esfera federal, o Complexo Cultural do Boi-bumbá do Médio Amazonas e Parintins foi reconhecido pelo Iphan – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional em 09 de novembro de 2018, sob processo de nº 01450.006348/2009-11.

É preciso destacar as diversas formas de expressão presentes no Festival de Parintins, as manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; bem como as celebrações e rituais encenados na festa e toda a preparação que antecede o esperado mês de junho. Destacamos, também, a culinária típica, o artesanato, os sabores, cores e odores produzidos na Ilha Tupinambarana e que fomentam a vinda dos aproximadamente 80 mil visitantes anuais. É na formação deste território plural que se condensam sujeitos e histórias que de certa forma mantêm um elo com todo o seu povo e a sua história.

Minha terapeuta fala que foi o amor de minha avó que me salvou de traumas maiores. Minha avó me ensinou muito sobre o amor. José de Alencar, um dos notáveis da literatura brasileira, escreveu em seu romance Cinco Minutos (1856, p. 41): “O amor não compreende esses cálculos e esses raciocínios próprios da fraqueza humana; criado com uma partícula do fogo divino, ele eleva o homem acima da terra”. Neste trecho, o romancista trata o amor como algo supremo, forte o suficiente para fazê-lo perder a razão. A presença do amor na história pode ser datada desde a antiguidade até os dias atuais através da literatura, ora como uma típica história romântica, ora como uma história fatídica.

Segundo Harlow (1958), a natureza do amor proporciona às pessoas o sentimento de recompensa. E a busca por esse sentimento, foi a forma que encontrei de manter minha avó viva e perto de mim. Foi esse amor que me fez voar alto: Falar de sua terra, sua gente, sua cultura. Foi por essa paixão que aprendi que aquele papo de que correr atrás do sonho funcionava de verdade. Gosto da expressão Ilha da magia. Foi ali que a minha mente ganhou força, fúria, e alçou vôo. Como não sentir amor por um lugar que te dá tanto?

Todavia, esse amor não é só meu, assim como não era apenas de minha avó, é de todo parintinense. É de todo mundo que ama essa festa. O processo de pesquisa é devastador, revelador, transformador. É o momento que a sua criança ferida é curada. E a criança curada é pura criação, puro amor. E é assim que o amor vira arte. Assim, esse amor vai cosendo arte e folclore em nós bem apertados, para depois romper pela emoção de brincar de boi.

A cadeia produtiva necessária para a realização do espetáculo é apenas uma das facetas de uma economia simbólica, cujo ápice é sem dúvida o Festival Folclórico, mas que também se alimenta de outros bens culturais relacionados, como o Curral do Boi, o Bar do Boi e os ensaios abertos das garrafas rítmicas Marujada e Batucada dos bumbás. Em algumas cidades do Amazonas, a tradição do Boi-Bumbá é revitalizada anualmente nas proximidades de junho. Em Barreirinha, por exemplo, as associações recreativas Touro Preto e Touro Branco competem em um Festival Folclórico que, embora semelhante ao de Parintins, tem proporções menores.

Transformações políticas que afetam o Festival e o tipo de reação que causam, como as deste ano, parecem evidenciar um ponto de sensibilidade sociocultural relacionado à importância atribuída pelos participantes a essa festividade, vista como uma forte expressão de sua singularidade local, amazônica e cabocla, cujo sentido de pertencimento por meio da brincadeira e do espetáculo do boi em Parintins é objeto de aprendizado e transmissão familiar.

Em novembro, as atividades se intensificam com as escolhas das toadas e com o início da formatação do “projeto de arena” do Boi. Conforme mencionado, o ciclo anual do Festival começa em agosto e termina em julho. Assim, assim que o Festival se conclui, um novo se inicia, com a avaliação do espetáculo recentemente apresentado e a seleção do tema para a apresentação do próximo ano.

Durante a realização do novo Festival — que inclui planejamento, confecção e ensaios — os bois empregam muitos trabalhadores ao longo de sete ou oito meses [sem contar cargos permanentes, como diretores de arte e figurinistas das agremiações]. Muitos desses trabalhadores veem no “Boi” uma oportunidade de ascensão profissional que, de outra forma, seria difícil de alcançar, considerando o ambiente isolado e inóspito da cidade. O festival serve como um evento para o surgimento de muitos talentos, como exemplificado pela mão de obra que é direcionado para o carnaval de São Paulo e Rio de Janeiro. No entanto, até que ponto esses artistas têm espaço para se expressar? Muitos talentos permanecem em funções comuns nos galpões, sempre "aguardando" a chance de se tornarem artistas reconhecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa busca por organizar o caos gerado pela dominação branca, uma cultura brasileira emergiu, repleta de nuances e intensidades, sempre marcante desde seu surgimento. O Brasil Colonial revela suas simbologias características: uma igreja barroca, que representa a oração dos "civilizados"; uma oca indígena, onde nativos catequizados aprenderam habilidades artísticas e domésticas com religiosos; A figura do negro, invisibilizada no único espaço que a época permitia: a senzala. Nesse contexto, as memórias muitas vezes não são gloriosas, e o legado que salvamos, com suas diversas origens e especificidades, cruzou oceanos e rios, trazendo influências e texturas que chegaram a Parintins, onde a brincadeira do boi, uma fábula fundamentada no tripé de desejo, morte e ressurreição que se consolida hoje como Patrimônio da Cultura Imaterial do Brasil.

Nas duras e amargas andanças da vida, nortistas, sulistas, caipiras, pretos, amarelos ou indígenas encontram na fé o brasileiro, que sacia a alma e arde nos pés os fazendo caminhar rumo a novos e melhores horizontes. Fé é caminho, é meta, resistência, destino e encontro, expectativa e busca, risco e certeza, ousadia e liberdade de quem reza o terço nas romarias, abre giras nos terreiros, faz invocações as entidades da floresta, ou banha-se com o perfume das encantarias brasileiras. Na fé e na esperança, o brasileiro se mantém firme e sempre está apostado para lutar e vencer as adversidades cotidianas, perpetuando as futuras gerações o iminente desejo de prosseguir lutando respeitando o princípio sagrado, essencial para a vida em harmonia de uma múltipla e sincrética que somente no olhar para a sua raiz entenderá que o respeito ao múltiplo é a chave fundamental para iniciar o caminho de transformação e é a trilha que pode nos levar ao futuro.

Assumidamente, o Boi-Bumbá em Parintins é parte constitutiva da vida das pessoas, as orienta na vida ordinária, em que o Festival pode ser entendido como um momento privilegiado (Damatta, 1977; Brandão, 1989). Sobretudo na vida das pessoas que trabalham em sua construção. Tudo que pude acompanhar ao longo dos meses de outubro de 2021 a julho de 2022, indo e vindo, é que aquela gente, a minha gente, não trabalha por satisfação financeira, embora seja deveras merecido. Contudo, quem sabe não seja possível uma conciliação com os referidos patrocinadores para reativar a escolinha de artes e a universidade do folclore, ambas com cursos de música, dança, teatro, pintura, escultura.

Pois trata-se de oportunidades inestimáveis que carecem de estruturas adequadas para que todas as pessoas, no caso específico as jovens, possam intercambiar esses infinitos saberes,

práticas e símbolos. Já que as administrações públicas municipais e estaduais aparecem nas falas como pouco interessada nessas questões. Integrantes de ambos os bois destacam que a grandiosa festividade sofre com inúmeros descasos, entre eles, talvez o mais grave: O descaso com a formação de novos artistas. A luz das conversas ficou a sensação de que a cidade inteira manifesta profundo orgulho da profusão de artistas que circulam por suas ruas. Músicos, escultores, estilistas, pintores, desenhistas, dançarinos, poetas, compositores, coreógrafos se veem, muitas vezes, pressionados a abandonar a paixão pelos ofícios e pelos Bois na busca de melhores oportunidades de sobrevivência.

O dueto entre a paixão dos torcedores e o cuidado perfeccionista dos profissionais envolvidos na produção do show só pode gerar um desejo inabalável pela grandiosidade. As histórias dos bois nos mostram que os mergulhos profundos no folclore e na tradição nunca visam o retorno a supostas formas idealizadas do passado; os Bois parecem não estar habituados a recuar em suas conquistas. As toadas precisam estar na boca da Galera, as coreografias perfeitamente ensaiadas, as alegorias e fantasias impecáveis, pois a festa do ano seguinte precisa ser maior, mais bonita, mais emocionante e, de preferência, vitoriosa.

Esses locais significativos de transmissão e renovação dos conhecimentos e práticas antes essenciais para a construção do espetáculo, hoje fazem parte da memória daqueles que deles participaram. Sentimento este que pude vivenciar durante minhas conversas nos galpões. Embora haja, portanto, entre os brincantes, posições que identificam uma oposição necessária entre tradição e espetáculo, em que a brincadeira teria passado a se mover mais por dinheiro que por vínculo à tradição, também foi possível notar uma continuidade entre a forma do espetáculo, no qual se injeta alto volume de capital, materializado na grandiosidade das alegorias, recursos à tecnologia digital, uma grande parafernália de jogos de luz e aparato televisivo, (o credenciamento de imprensa começa cerca de 60 dias antes) e a manifestação de sentimento pelo espetáculo do boi por pessoas que viveram a época do folguedo popular do boi de rua.

O amor pelos Bois Garantido e Caprichoso transcendeu o tempo e parece capaz de continuar atravessando os séculos, dada as demonstrações de força em meio às transformações de formatos e escalas que o Boi-Bumbá de Parintins vivenciou, reafirmando sua posição como uma parte essencial da vida das pessoas que têm o prazer de conhecê-lo.

REFERÊNCIAS

- ASSAYAG, Simão. *Caprichoso, o boi de Parintins*. Revista Boi Caprichoso 1997, Manaus, 1997.
- ANDRADE, Odinéia. *Arte e cultura regional, In Somanlu*, v. 2, número especial, 2002.
- BIRIBA, Ricardo Barreto. *Parintins cidade ritual: boi-bumbá, performance e espetacularidade*. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Escola de Teatro, 2005. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27484>. Acesso em 10.08.2022
- BIAO, Armindo. *Artes do corpo e do espetáculo: questões de etnocenologia*. Armindo Jorge de Carvalho Bião (organizador). Salvador: P&A Editora, 2007.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. *Os bumbás de Parintins*. Rio de Janeiro: Funarte/ Editora Universidade do Amazonas, 2002.
- _____. *Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Contos Tradicionais do Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/ EDUSP, 1986. p. 15.
- CARVALHO, Rui Manuel Sénico. *Parintins: boi-bumbá e afirmação identitária: discurso, representações, sonoridades e identidade no Amazonas contemporâneo*. Tese de doutorado. Unicamp, 2014. Disponível em <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/285206>. Acesso em 15.08.2022
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica*. Revista Tempo Brasileiro. Patrimônio Imaterial. Org. Londres, Cecília. Out-Dez, n °147. pp. 69-78. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 2001.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Tradução Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- G1. <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2012/07/marcas-internacionais-mudam-de-cor-para-agradar-dois-bois-em-parintins.html>
- IPHAN. *Patrimônio Imaterial: O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial*. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4. ed, 2006. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImaDiv_ORegistroPatrimonioImaterial_1Edicao_m.pdf. Acesso em 17.08.2022
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: Uma Poética do Imaginário*. 5ª edição. Manaus. Editora valer. 2015.

LOTMAN, Yuri. *La semiosfera I*. Traduzido por Desiderio Navarro - Ediciones Catedra (Grupo Allay.), S. A.), 1996. Juan Ignacio Luca de Tena, Madrid.

_____. *La semiosfera III*. Traduzido por Desiderio Navarro - Ediciones Catedra (Grupo Allay.), S. A.), 2000. Juan Ignacio Luca de Tena, Madrid.

_____. *A estrutura do texto artístico*. Editorial Estampa. Lisboa, 1978.

_____. *Sobre o problema da tipologia da cultura*. In Schnaiderman, Boris. (Org) *Semiótica Russa*. 2ª edição. São Paulo. Perspectiva. 2010.

MACHADO, Irene. *Escola de Semiótica*, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MESQUITA, Valter. *Semioses na web: os processos comunicativos do google art Project*. 1ª edição. Curitiba. Appris. 2016.

NAKANOME, Ericky da Silva. *A representação no Indígena no Boi-Bumbá de Parintins*. Salvador. UFBA, 2017. Disponível em http://www.ppgav.eba.ufba.br/sites/ppgav.eba.ufba.br/files/producaocientifica/ericky_da_silva_nakanome.pdf. Acesso em 12.08.2022.

NOGUEIRA, Wilson. *Boi Bumbá – Imaginário e Espetáculo na Amazônia*. Manaus, Editora Valer, 2014.

NUNES, M. R. F. Passagens, paragens, veredas: semiótica da cultura e estudos culturais. In: SANCHES, T. A. (org.). *Estudos culturais: uma abordagem prática*. São Paulo: SENAC, 2011, p. 13-38.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 26, n. 51, p. 115-140, Junho de 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882006000100007. Acesso em 12.07.2022.

RAMOS, A. V. et al. Semiosfera: exploração conceitual nos estudos semióticos da cultura. In: MACHADO, I. (org). *Semiótica da cultura e semiosfera*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007, p. 27-44.

SCHNAIDERMAN, Boris. (Org) *Semiótica Russa*. 2ª edição. São Paulo. Perspectiva. 2010.

SILVA, José Maria da. *O espetáculo do boi bumbá – folclore, turismo e as múltiplas alteridades em Parintins*. Goiânia. Editora da UCG. 2007.

TENÓRIO, Basílio. *A cultura do boi bumbá. Parintins-AM*: Editora e gráfica João XXIII, 2016.

VELHO, A. P. M. A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. Revista de Estudos da Comunicação, Curitiba, v. 10, n. 23, p. 249-257, set./dez. 2009.

UGARTE, A. Silva. Margens míticas: a Amazônia no imaginário europeu do século XVI. In.: Os senhores dos rios. Organizadores: Mary Del Priore, Flávio dos Santos Gomes. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

APÊNDICE

Entrevistas na íntegra

https://drive.google.com/drive/folders/1GILwO6FRdLiF3UPVaglh8bflZ0F87bmf?usp=drive_link

ANEXOS

GARANTIDO 2022		
ADMINISTRATIVO		
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ADENILSON JOSE BATISTA MONTEVERDE	AUX. ADMINISTRATIVO
2	ELIZANDRO LIMA DE SOUZA	AUX. ADMINISTRATIVO
3	GENESSON DE OLIVEIRA COSTA	AUX. ADM. SECRETARIA
4	IARA ANDRADE DE SOUZA	AUX. DE SERV. GERAIS
5	JESSICA CARNEIRO DE SOUZA	AUX. DE SERV. GERAIS
6	JOANA DE SOUZA MAGALHAES	AUX. DE SERV. GERAIS
7	KAROLINY MONTEVERDE BELEM	COORD DA EQUIPE SERVIÇOS GERAIS
8	MATILDE BATISTA MONTEVERDE	RECEPCIONISTA
AUXILIAR TRIPA DO BOI		
1	DENISON GONÇALVES RIBEIRO	
2	RONALDO MARAILVA ALFAIA	
ARTISTA BOI DE PANO		
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	DENILDO JOSÉ MATOS RIBEIRO	ARTISTA BOI DE PANO
ARTISTA DE ADEREÇOS DA GALERA		
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	VANDIR DOS SANTOS GOMES	ARTISTA DE ADEREÇOS GALERA
ARTISTA DE FANTASIA DO BAILADO		
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	MARIA DA GRAÇA FARIA DE FARIA	
ALMOXARIFADO		
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	FRANCENILDO DA SILVA CARMO	COORD. DO ALMOXARIFADO

2	CLEIVISSON SOARES DE SOUZA	AUX . DE ALMOXARIFADO
3	ENDRIYL SANTOS DE ALENCAR	AUX . DE ALMOXARIFADO
4	GUSTAVO DA SILVA CARMO	AUX . DE ALMOXARIFADO
	ARTISTA DE ALEGORIA	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	EMERSON AUGUSTO MARINHO BRASIL	ARTISTA DE ALEGORIA
2	JOÃO FERDINANDO GUMARAES VIEIRA	ARTISTA DE ALEGORIA
3	JOSÉ RAIMUNDO CASTRO TRINDADE	ARTISTA DE ALEGORIA
4	MANOEL DO SOCORRO RIBEIRO SENA	ARTISTA DE ALEGORIA
5	MARCEL DE SOUZA VIEIRA	ARTISTA DE ALEGORIA
6	RAIMUNDO LEAL BARBOSA NETO	ARTISTA DE ALEGORIA
7	TARCIO DE SOUZA VIEIRA	ARTISTA DE ALEGORIA
8	VIVALDO SOARES FEIJÓ JUNIOR	ARTISTA DE ALEGORIA
	ARTISTA FANTASIAS DE ITENS	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	WENDELL DE ANDRADE DAMASCENO	ARTISTA DE FANTASIA
2	GEANA RAFAELA DE SOUZA E SOUZA	ARTISTA DE FANTASIA
3	ADENILSON SOUZA RIBEIRO	ARTISTA DE FANTASIA
4	ALBERT BARBOSA DA SILVA	ARTISTA DE FANTASIA
5	ALESSANDRO COSTA DE OLIVEIRA	ARTISTA DE FANTASIA
6	ALEX DE OLIVEIRA	ARTISTA DE FANTASIA
7	ANREY PESSOA MACHADO	ARTISTA DE FANTASIA
8	ARYRTON FREITAS FARIAS	ARTISTA DE FANTASIA
9	DJANE DA SILVA SENA	ARTISTA DE FANTASIA
10	JOSIMAR BATISTA ARANHA	ARTISTA DE FANTASIA
11	MACELO ALCANTARA DIAS	ARTISTA DE FANTASIA
12	RAFAEL ANDRADE DE SOUZA	ARTISTA DE FANTASIA
13	RELISON DE SOUSA COSTA	ARTISTA DE FANTASIA
14	RODOLFO SANTOS GOMES	ARTISTA DE FANTASIA
15	SANDI DA SILVA GÓES	ARTISTA DE FANTASIA
	ARTISTA TRIBAL	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	AGUINALDO SILVA SOUZA	ARTISTA TRIBAL
2	ALENILDO PRATA LOPES	ARTISTA TRIBAL
3	CLEIDE DA SILVA REIS	ARTISTA TRIBAL
4	DAVI LUIZ OLIVEIRA DOS SANTOS	ARTISTA TRIBAL
5	EDILON DA SILVA FERREIRA	SOLDADOR TRIBAL
6	ERMIRSON VIANA AZEVEDO	ARTISTA TRIBAL
7	FREDSON CARLOS TEIXEIRA TAVARES	ARTISTA TRIBAL
8	JACKSON BRANDÃO DE SOUZA	ARTISTA TRIBAL
9	JEFERSON GONÇALVES FONSECA	ARTISTA TRIBAL
10	MANOEL TEIXEIRA FONTENELLE	ARTISTA TRIBAL
11	RICKSON DE SOUZA MELO	SOLDADOR TRIBAL

12	JOSÉ DA SILVA DOS SANTOS	ARTISTA TRIBAL
13	OLESSANDRO TEIXEIRA FONTENELLE	ARTISTA TRIBAL
14	OSVALDO REIS FILHO	ARTISTA TRIBAL
15	PAULO GOMES MACHADO	SOLDADOR TRIBAL
16	PAULO PINHEIRO DE SOUZA	ARTISTA TRIBAL
17	RAIMUNDO TAVARES DA SILVA	SOLDADOR TRIBAL
18	SIDNEY DA COSTA GONÇALVES	ARTISTA TRIBAL
19	THIAGO ARCANJO DA SILVA REIS	ARTISTA TRIBAL
20	VALDEMIR MACHADO TEIXEIRA	ARTISTA TRIBAL
21	VLADIMIR DA SILVA CARMO	SOLDADOR TRIBAL
22	WAGNER DA SILVA REIS	ARTISTA TRIBAL
23	WELLINGTON BATISTA DA SILVA	ARTISTA TRIBAL
24	KELVYN CARVALHO MACHADO	ARTISTA TRIBAL
25	WENDELL TEIXEIRA FONTENELLE	ARTISTA TRIBAL
	BANDA GARANTIDO- 2022	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ADELMO DE SOUZA SANTARÉM	APRESENTADOR DE PALCO
2	ALESSANDRA DA CONCEIÇÃO SILVA DE SOUZA	BACKING VOCAL
3	ANDREY GONÇALVES BARBOSA	VIOLONISTA
4	BRUNO COSTA DE OLIVEIRA	CANTOR
5	DIENERSON GONÇALVES DA SILVA	CHARANGUISTA
6	EDILBER DOS SANTOS PEREIRA	CONTRA BAIXO
7	ENDERSON LOBATO BENTES	BACKING VOCAL
8	FREDERICO OLIVEIRA COSTA ROLIM DE GOES	VIOLONISTA
9	GILSON MATOS NUNES	CANTOR
10	IVONEI PASSOS DE CARVALHO	PEARA
11	JHONNY VALDISON CALDERARO PIRES	TECLADISTA
12	JONEDISON DE SOUZA RAMOS	PEARA
13	KEN PABLO COSTA PEREIRA	CANTOR
14	LEONARDO AZEVEDO PANTOJA	DIRETOR MUSICAL
15	MARCELO BATISTA RODRIGUES	PEARA
16	MILIANE MARINHO MATTOS	BACKING VOCAL
17	PATRICK MODESTO DE LIMA CONCEIÇÃO	CANTOR
18	PEDRO FARIAS GOES DE SOUZA	ASSISTENTE DE PALCO
19	RONALDO ALAN DA SILVA YOSHI JUNIOR	VIOLONISTA
20	RONEILSON LEAL DOS SANTOS	TECLADISTA
21	SANDRO AUGUSTO PANTOJA BARBOSA	BAIXISTA
	BANDA ARENA DO BUMBÓDROMO - 2022	

ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	JHONNY VALDISON CALDERARO PIRES	BANDA ARENA DO BUMBÓDROMO
	BATUCADA OFICIAL	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	CLEMINTON FREIRE PINTO	COORDENADOR DA BATUCADA EM MAO
2	FRANCISNALDO PINHEIRO DE SOUZA	COORD AUX. ADMINISTRATIVO DA BATUCADA-MAO
3	JEAN JORGE DOS SANTOS BOMFIM	COORD. GERAL DA BATUCADA
4	JOÃO PEDRO DOS SANTOS GLÓRIA	AUX. DE MANUTENÇÃO
5	JOAQUIM OLEASTRO DA SILVA	COORD AUXILIAR DA BATUCADA
6	JOSÉ ADERALDO FREITAS PRESTES	COORD AUXILIAR DA BATUCADA
7	JUCIMAR MONTE VERDE DE CARVALHO	COORD AUXILIAR DA BATUCADA
8	PEDRO DE JESUS REIS GLÓRIA	COORD AUXILIAR DA BATUCADA
10	SILVINO FIGUEIREDO FERNANDES	COORDENADOR DA BATUCADA EM PIN
11	WALACE RODRIGUES XAVIER	COORD AUX. ADMINISTRATIVO DA BATUCADA-PIN
	BOMBEIRO CIVIL	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	LEONES CARDOSO	BOMBEIRO CIVIL
	DIREÇÃO GERAL DE ESPETÁCULO(DGE)	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ADAN RENÊ PEREIRA DA SILVA	PESQUISADOR
2	AILTON CARVALHO TEIXEIRA	DIRETOR DE ARENA
3	AILTON CARVALHO TEIXEIRA	DIREÇÃO GERAL DA DGE
4	ALDAMIR DA COSTA SOUZA	INTEGRANTE DGE
5	ALFRANEY DA SILVA CRUZ	DIRETOR DE FIGURINO
6	ALLAN SOLJENITSIN BARRETO RODRIGUES	INTEGRANTE DGE
7	AMILTON CEZAR FERREIRA MORAES	DIRETOR MUSICAL
8	CÍCERO ANTONIO DA SILVA	INTEGRANTE DGE
9	IRAILDES CALDAS TORRES	INTEGRANTE DGE
10	JORGE KENEDY PEREIRA CAMPOS	DIRETOR ARTISTICO
11	MARCIO BATISTA DOS SANTOS	ASSESSOR DA DIR ADMIN. E DGE
12	MENCIUS BENAVIDES MELO FIGUEIREDO	DIREÇÃO GERAL DA DGE
13	RUBENS DE BARROS ALVES JUNIOR	DIREÇÃO GERAL DA DGE
14	THAIME MATOS ANSELMO	AUX. TÉCNICA DA DGE
	DESIGNER 2022	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	SANDRO LUIZ SAMPAIO CRUZ	DESIGNER
	CÊNICA	

ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	GEANDRE CARLOS DA SILVA REIS	ADERECISTA E DRAMATURGO CÊNICO
	COREOGRAFOS	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ADRIANO JORGE SIMAS DA SILVA	COREOGRAFO
2	DANILO BENTES DA SILVA	COREÓGRAFO
3	ELIOMAR SIQUEIRA ARAÚJO	COORDENADOR COREOGRÁFICO
4	EULER DA SILVA TEIXEIRA	COREOGRAFO GALERA
5	IGOR MARQUES LOPES	AUX. DE COORD. VAQUEIRADA
6	LUÍZA CARLA AMARAL DOS SANTOS	COORDENADORA COREOGRÁFICA
7	MANHATMAN GANDHI TABOSA LUSTOZA	COREÓGRAFO MAO
8	MARCOS ANTONIO DOS SANTOS SILVA	COREÓGRAFO MAO
9	PEDRO GAMA EVANGELISTA	COREÓGRAFO
10	RODRIGO CARMO LIMAL CABRAL	COREÓGRAFO
11	ROGÉRIO CARMO LIMA CABRAL	COREOGRAFO GALERA
12	SALOMÃO AMARAL DOS SANTOS	COREÓGRAFO MAO
13	WELLINGTON BERTINO SILVA	COREOGRAFO GALERA
14	WILSON TAVARES DE SOUZA JUNIOR	COREÓGRAFO MAO
	COORD. GALPÃO	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ANTONIO JOSÉ CANSANÇÃO DA SILVA	DIRETOR DE GALPÃO
	COORDENADOR DE ITENS	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ERICA FERREIRA	COORD. DE ITENS
2	FLÁVIO ONAILDO DOS SANTOS VASCONCELOS	COORD. AUX DE ITENS
3	RHONAILLESSON ALCÂNTARA CRUZ	COORD. AUX DE ITENS
4	THAIANY DE SOUZA TEIXEIRA	COORD. AUX DE ITENS
5	THAYRA DE SOUZA SILVA	COORD. AUX DE ITENS
	COORD.GERAL DE LIMPEZA CIDADE GARANTIDO	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	JATEMAR PINHEIRO BARBOZA	COORD. LIMPEZA CG
	COORD. EQUIPE MOLEJO	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	EGILSON RODRIGUES TAVARES	COORD. DO MOLEJO
	COORDENADORES DO GALPÃO TRIBAL	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	AFONSO JOSÉ DE MOURA FILHO	COORD. GERAL TRIBAL
2	CARMEM LUCIA CARVALHO MACHADO	COORD. AUX DO TRIBAL

3	HERLANE BATISTA SAKAMOTO	COORD. AUX DO TRIBAL
4	JORGE LUIZ ANSELMO DA CRUZ	COORD. AUX DO TRIBAL
5	VALDO PONTES FONSECA	COORD. DE LIMPEZA GALPÃO TRIBAL
	CONFECCÃO DE CAVALINHOS	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	RAIMUNDO JORGE CARNEIRO MONTE VERDE	CONFECCÃO DE CAVALINHOS
2	RAIMUNDO JOSÉ RIBEIRO MONTEVERDE	CONFECCÃO DE CAVALINHOS
3	ROBERTO DOS SANTOS SILVA	CONFECCÃO DE CAVALINHOS
	COORDENADOR GERAL DA CIDADE GARANTIDO	CONTRATO 2022
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	DAYWE CRISTIAN GADELHA DE SOUZA	COORD. GERAL DA CG
	COMANDO GARANTIDO	CONTRATO 2022
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	KLEBER BRELAZ CANTO	COORD. GERAL DO COMANDO
2	DIOGO DA SILVA SANTANA	COORDENADOR-MAO
3	EDSON GADELHA DA SILVA JUNIOR	COORDENADOR
4	FABRICIO ALVES DA SILVA	COORDENADOR-MAO
5	JOSÉ DE ARIMATEIA DE MACEDO NASCIMENTO	COORDENADOR
6	MARCIO CASTRO PORTO	COORDENADOR
7	MARIVALDO LOPES DOS SANTOS	COORDENADOR
8	MAURICIO CASTRO PORTO	COORDENADOR
9	THIAGO LUIZ REIS DE SOUZA	COORDENADOR
10	WALDEMAR MAXIMINO FILHO	COORDENADOR-MAO
11	ZENILSON PACHECO SICSÚ	COORDENADOR
	DESENHISTA	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	DIEGO DA SILVA COSTA	DESENHISTA
2	IRANILSON PEREIRA MARTINS	DESENHISTA
	ELÉTRICA	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	CLEMILTON SANTARÉM DE SOUZA	ELETRICISTA
2	CLEBSON BRANDÃO	ELETRICISTA
3	EVERALDO GADELHA DE SOUZA	ELETRICISTA
4	FRANK MARK CARNEIRO SOUZA	ELETRICISTA
5	FREDSON DA SILVA CARMO	ELETRICISTA
6	JANIO SILVA DE SOUZA	ELETRICISTA
7	KIULEM PEREIRA DA SILVA	ELETRICISTA
8	TEOFABIO COELHO PATRICIO	ELETRICISTA
	ENFERMAGEM	
ITEM	NOME	FUNÇÃO

1	PAULO MACHADO DE OLIVEIRA	ENFERMEIRO
2	ANA DEYSE FARIAS ALCÂNTARA	TEC. DE ENFERMAGEM
3	IVONE ELEUTERIO DE MENEZES	ENFERMEIRA
	EVENTOS	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	WERNER CARDOSO DE SOUZA	COORD.DE EVENTOS
	COORD. GARANTIDO SHOW	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ELIJANDERSON CARMO DE SOUZA	COORD. AUX DO GSHOW
2	GEDEDERSON CARMO DE SOUZA	COORDENADOR DO GSHOW
3	JACKELINE TRINDADE TEIXEIRA	COORD. AUX DO GSHOW
4	LEIRY SILVA DOS SANTOS	COORD. AUX DO GSHOW
	IMPrensa	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ADERLAN GOMES DOS SANTOS	PUBLICITÁRIO
2	BRUNA DO CARMO REIS LIRA	REPORTER
3	CHRISTIANE REIS DA SILVA	ASSESSORA DE IMPRENSA
4	ELCIO EMÍLIO DOS SANTOS FARIAS	FOTÓGRAFO
5	EMILLE ELIZA BARROS DOS SANTOS	FOTÓGRAFA
6	GRACIANE VIANA MARINHO	ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO
7	HUDSON DA SILVA LIMA	DIRETOR DE IMPRENSA
8	JOSE LUCIO DA SILVA COSTA	LOCUTOR
9	MARCONDE DA SILVA MACIEL	ASSESSOR DE IMPRENSA
10	PAULO SÉRGIO SICSÚ DOS SANTOS	FOTÓGRAFO
11	RONILDO PEDRO BATISTA MONTEVERDE	FOTÓGRAFO
	ITENS OFICIAIS	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ADRIANO JORGE SIMAS DA SILVA	PAJÉ
2	ARNALDO BARBOSA DE SOUZA	TRIPA DO BOI
3	DANIELA DA CONCEIÇÃO TAPAJÓS	PORTA ESTANDARTE
4	DAVID ASSAYAG NETO	LEVANTADOR DE TOADAS
5	DENILDO JOSÉ MATOS RIBEIRO	TRIPA DO BOI
6	DENISON GONÇALVES RIBEIRO	TRIPA DO BOI
7	EDILENE TAVARES DE OLIVEIRA	RAINHA DO FOLCLORE
8	EDILSON RIBEIRO DOS SANTOS	LEVANTADOR DE TOADAS
9	ISABELLE ADRIANA NOGUEIRA DIAS	CUNHÃ- PORANGA
10	ISRAEL ALEXANDRE MUNIZ PAULAIN	APRESENTADOR
11	JOÃO PAULO DA FROTA BARRETO DE FARIAS	AMO DO BOI
12	JOSÉ RAIMUNDO BATISTA DA SILVA	TRIPA DO BOI
13	MARCIA DE AQUINO SIQUEIRA	LEVANTADORA DE TOADAS
14	SEBASTIÃO TEXEIRA DE ARAÚJO JUNIOR	LEVANTADOR DE TOADAS
15	VIVIANE VALENTINA LIMA COIMBRA	SINHAZINHA DA FAZENDA

ITEM ARENA 2		
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ALCIRO JORGE OLIVEIRA KOIDE	APRESENTADOR
2	LEONARDO CASTELO	AMO DO BOI
LOCAÇÃO IMOVEL/EMBARCAÇÕES		
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ANDRÉ LIMA DE AZEVEDO	LOCAÇÃO IMOVEL EQUIPE DO DRONE
2	EDGARD BATISTA GADELHA	LOCAÇÃO DE IMOVEL
3	FREDSON PAIVA ROSAS	LOCAÇÃO DE IMOVEL
4	GILMAR NASCIMENTO PONTES	LOCAÇÃO DE IMOVEL
5	JOSÉ DE ARIMATEIA DE MACEDO NASCIMENTO	LOCAÇÃO DE MOVEL PARA ARTISTA DE FANTASIA-RELISON SOUZA
6	JOSÉ VALMIR MARTINS DE LIMA	LOCAÇÃO IMOVEL EQUIPE DO GUIDASTE
7	MARIA NUBIA DE SOUZA SILVA	LOCAÇÃO DE IMOVEL
8	NATANAEL OLIVEIRA DA SILVA	FRETE DE BARCO(RIO ATUMÂ,PRESIDENTE FIGUEIREDO /PIN E PIN/MAO
9	ORAN	TRANSLADO GUINDASTE MAO/PI E PIN/MAO
10	OSMAR DE ALMEIDA FARIA NETO	LOCAÇÃO DE IMOVEL
11	OSMAR DE ALMEIDA FARIA NETO	LOCAÇÃO DE IMOVEL
12	T N TRANSPORTES E LOCAÇÃO E EQUIPAMENTOS LTDA	GUINDASTE
13	TEREZINHA ARANHA ROSA	LOCAÇÃO DE IMOVEL
MAQUIADOR/CABELEIREIRO/MANICUR E-ITENS OFICIAIS		
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	JHONNE BENTES DE ALMEIDA	MAQUIADOR DE ITENS OFICIAIS
2	FRANCISCO DE ASSIS DE SOUZA SOARES	CABELEIREIRO DE ITENS OFICIAIS
3	NAIARA DE SOUZA BARROS	MANICURE DE ITENS
MATERIAL REGIONAL		
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	BRONILSON DA SILVA GOMES	MATERIAL REGIONAL(103 DÚZIA DE TÁBUA)
2	CARLIANE DE SOUZA SANTOS	MATERIAL REGIONAL(61 DÚZIA DE TÁBUA)
3	DANIEL BATISTA CONCEIÇÃO	MATERIAL REGIONAL(35 DÚZIA DE TÁBUA)
4	EUGENIA EVANGELISTA MARIALVA	MATERIAL REGIONAL(800 FEIXES DE PALHA)
5	IRONILDO SOUZA DOS ANJOS	MATERIAL REGIONAL(19 DÚZIA DE TÁBUA)

6	JOSÉ ADCIMILTON RIBEIRO SIMAS	MATERIAL REGIONAL
7	LEONARDO SOUZA BRASIL	MATERIAL REGIONAL
8	MARLUCIO DO AMARAL PEREIRA	MATERIAL REGIONAL(TONELADA DE JUTA
9	NEIVIANE DE SOUZA SANTOS	MATERIAL REGIONAL(248 DÚZIA DE TÁBUA)
	MOTORISTA	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	LUIZ ASSIS OLIVEIRA DE SOUZA	MOTORISTA
	SEGURANÇA DO TRABALHO	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	DANIELE DE OLIVEIRA FROIS	TEC. DE SEGURANCA DO TRABALHO
2	JORGE DE PAULA GONÇALVES	MEDICO DO TRABALHO
	SONORIZAÇÃO E ILUMINAÇÃO	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	CARLOS MAGNO RIBEIRO DOS SANTOS	TÉCNICO DE SOM
2	FRANCINALDO MENEZES GADELHA	SONORIZAÇÃO E ILUMINAÇÃO CG
3	FRANCINALDO MENEZES GADELHA	ILUMINAÇÃO DAS ALEGORIAS
4	FRANCINALDO MENEZES GADELHA	FOGOS DE ARTIFICIOS
5	PRO SOLUCOES EM SERVIÇOS ORLANDO BRUNO CARDOSO DOLZANES	APRESENTAÇÃO DO SUPER DRONE
	SERVIÇOS DE PLACA EVA E ACETATO	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	FABIO JOSÉ RIBEIRO SIMAS	
2	CLEIBER FRAGATA TAVARES	CONFECÇÃO DE TARISCAS
	ASSIST. SOCIAL E PSICOLOGO	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	JUCILEI CONCEIÇÃO DOS SANTOS	ASSIST. SOCIAL
2	JOCINALDO RIBEIRO REIS	PSICOLOGO
	TUXAUAS	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ARTHUR REIS MONTE VERDE	TUXAUAS
2	DAVID WERLEY DA COSTA ASSAYAG	TUXAUAS
3	JOSEPH FERREIRA DE AZEVEDO	TUXAUAS
	CABEÇA DE FILA DO TRIBÃO	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ALESSANDRO SOUZA DA SILVA	CABEÇA DE FILA DO TRIBÃO
2	ANA CARLA SOARES DE ABREU	CABEÇA DE FILA DO TRIBÃO
3	CARLOS WIRLLEM GOMES ELEUTERIO	CABEÇA DE FILA DO TRIBÃO
4	ELIZABETH ALMEIDA DOS SANTOS	CABEÇA DE FILA DO TRIBÃO
5	ELOÁ GODINHO MARINHO	CABEÇA DE FILA DO TRIBÃO
6	FRANCIANARA BULCÃO MENDONÇA	CABEÇA DE FILA DO TRIBÃO
7	MARDEN DA SILVA RODRIGUES	CABEÇA DE FILA DO TRIBÃO

8	MARILENE BARBOSA DE SOUZA	CABEÇA DE FILA DO TRIBÃO
9	MARLESON COSTA DOS SANTOS	CABEÇA DE FILA DO TRIBÃO
10	RAFAEL FERREIRA PAIVA	CABEÇA DE FILA DO TRIBÃO
11	RAIANDREA FERNANDES DE SOUZA	CABEÇA DE FILA DO TRIBÃO
12	STANLEY FABRÍCIO SIMAS DE LIMA	CABEÇA DE FILA DO TRIBÃO
	ARTISTA DE PROTOTIPOS	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	JAIR MENDES	ARTISTA DE CONFECÇÃO PROTÓTIPOS
	DESMANCHE DE ALEGORIA	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	MANOEL DO SORIN RIBEIRO DE SENA	DESMANCHE DE ALEGORIA
	SEGURANÇA DAS ALEGORIAS NO BUMBÓDROMO	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	IZAIAS DOS SANTOS DE OLIVEIRA	COORD. DE SEGURANÇA DAS ALEGORIAS
	PRODUÇÃO CD 2022	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	VALDENOR FILHO BATISTA DA SILVA	PRODUÇÃO CD AMAZÔNIA DO POVO VERMELHO
	COORDENADOR DE KAÇAUERÉ	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ANTONIO RICARDO DA SILVA DIAS	COORDENADOR DE KACAUERÉ
2	DAYVYT PINHEIRO PIRES	COORDENADOR DE KACAUERÉ
3	DAYWE CRISTIAN GADELHA DE SOUZA	COORDENADOR DE KACAUERÉ
4	GILBERTO NASCIMENTO DA SILVA	COORDENADOR DE KACAUERÉ
5	JOÃO MAURÍCIO LAGO CECÍLIO	COORDENADOR DE KACAUERÉ
6	JOEL MARTINS DE MORAES	COORDENADOR DE KACAUERÉ
7	JOSÉ DALVO NEVES ALCÂNTARA NETO	AUX.DE COORD DE KAÇAUERÉ
	SERVIÇOS DE TRANSPORTES	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	JOELSON PRESTES CASTRO	TRANSPORTES DE MATERIAIS E FANTASIAS FOCLÓRICAS
	EMERGENCIAS	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	FELIPE DA SILVA NEVES	ARTISTA FANTASIAS TUXAUAS
2	FRANCISCO ALFRANE DA SILVA CRUZ	TINGIMENTO DE PENAS
3	CLEIBER FRAGATA TAVARES	CONFECÇÃO DE TARISCAS
	VIGIAS CONTRATADOS	

ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ALDEMIR RAFAEL BARROS VIEIRA	Porteiro
2	DEIVID MAGALHAES DA COSTA	Vigia Diurno LEAL
3	EDSON OLIVEIRA DE SOUZA	Vigia Diurno CG
4	FRANCIMAR LIMA MENEZES	Vigia Noturno CG
5	JANDSON CATIVO PIMENTEL	Vigia Diurno CG
6	JOSÉ RAIMUNDO AZEVEDO DA SILVA	Vigia Noturno CG
7	KEMERSON DE SOUZA E SOUZA	Vigia Noturno UF
8	LUIZ SOUZA LEITE	Vigia Diurno UF
9	MARCELO ANDRÉ TEIXEIRA PAIVA	Vigia Diurno LEAL
10	MARCOS VINICIUS RIBEIRO SANTOS	Vigia Diurno CG
11	MARCUS VINICIUS PEREIRA GOMES	Vigia Diurno LEAL
12	OSVALDO RIBEIRO BATISTA	Vigia Noturno CG
13	RAMON AZEDO TEIXEIRA	Vigia Noturno UF
14	RAUL FONSECA BARBOSA	Vigia Noturno CG
15	TÚLIO ALFAIA DAMASCENO	Vigia Noturno LEAL
16	WALBER BENTES NOGUEIRA	Vigia Diurno CG
17	JOILTON CUNHA VIEIRA	Vigia Noturno LEAL
18	LUIZ RICARDO FERNANDES LIMA	Vigia Diurno CG
19	ISRAEL DE CASTRO MONTE VERDE	Vigia Diurno
20	HUGO DOS SANTOS BARBOSA	Vigia Diurno
EQUIPE MOLEJO		
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ALVARO DA SILVA BENTES	AUX. SERV. GERAIS
2	ANDRÉ ANDRADE MONTE VERDE	AUX. SERV. GERAIS
3	ARLEN CARDOSO PINTO	AUX. SERV. GERAIS
4	EDER TAVARES TEIXEIRA	AUX. SERV. GERAIS
5	EVANDRO NELSON REIS DE SOUZA FILHO	AUX. SERV. GERAIS
6	EVERTON JOSÉ NOGUEIRA DA SILVA	AUX. SERV. GERAIS
7	GILSON DA SILVA LIMA	AUX. SERV. GERAIS
8	ISMAEL BUAS DOS SANTOS	AUX. SERV. GERAIS
9	JOÃO DE SOUZA DA CRUZ	AUX. SERV. GERAIS
10	JOÃO DOS SANTOS MACHADO	AUX. SERV. GERAIS
11	MARIO DE OLIVEIRA	AUX. SERV. GERAIS
12	NIVALDO SILVA DOS SANTOS	AUX. SERV. GERAIS
13	VAGNER DE ALMEIDA FONSECA	AUX. SERV. GERAIS
14	VALDEMIR RIBEIRO BATISTA	AUX. SERV. GERAIS
SERVIÇOS GERAIS GALPÃO TRIBAL		
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	LUCIANO BRANDAO FONSECA	AUX. SERV. GERAIS
2	HERALDO MENDES DE LIMA	AUX. SERV. GERAIS
EQUIPE TRANSLADO GALPÃO TRIBAL		
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ADELMO SOARES BULCÃO	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
2	CLAUDIO HENRIQUE SIMÕES	AUX. DE GALPÃO TRIBAL

3	CLEICIANE DE SOUZA ARAUJO	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
4	DANIELLE BRANDÃO APOLONIO	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
5	ERIVALDO CAMPOS BELTRÃO	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
6	FRANCINALDO DOS SANTOS LIMA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
7	HELENA DA SILVA FARIAS	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
9	LILIANA DOS SANTOS DA SILVA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
10	MARIA DO ROSARIO SILVA BARROSO	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
11	MOISES MENDES DE AZEVEDO	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
12	PAULO SERGIO CUNHA FREITAS	AUX. DE SOLDADOR
13	TANIA CLÁUDIA BATISTA LIRA BRUNO	COSTUREIRA
14	WELLINGTON JESUS MARTINS	AUX. DE ESCULTOR
15	PAULO GOMES MACHADO	ARTISTA TRIBAL
16	VLADIMIR DA SILVA CARMO	ARTISTA TRIBAL
17	RAIMUNDO TAVARES DA SILVA	ARTISTA TRIBAL
18	RICKSON DE SOUZA MELO	ARTISTA TRIBAL
19	LUCIANO BRANDAO FONSECA	ARTISTA TRIBAL
20	HERALDO MENDES DE LIMA	AUX. DE SERV. GERAIS
21	FELIPE DOS SANTOS	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
22	KASSIA BRANDÃO	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
	EQUIPE GALPÃO TRIBAL	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ADELMO SOARES BULCÃO	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
2	ADENIZE GOMES FEIJÓ	COSTUREIRA
3	ALESSANDRO AUGUSTO DA SILVA MOURA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
4	ANA RAIMUNDA CORREA SOARES	COSTUREIRA
5	AUXILIADORA TEIXEIRA PONTES	COSTUREIRA
6	CLAUDINEIA RAMOS MUNIZ	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
7	CLAUDIO HENRIQUE SIMÕES	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
8	CLEICIANE DE SOUZA ARAUJO	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
9	CRISLAINE SANTANA SILVA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
10	DALMIRA DE SOUZA LIMA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
11	DANIEL TEIXEIRA DE SOUZA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
12	DANIELLE BRANDÃO APOLONIO	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
13	DINEY CORREA BATALHA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
14	ELIATRICIA FARIAS DE OLIVEIRA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
15	ELIMARA DOS SANTOS SILVA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
16	ELISANDRO CHAVES DE SOUZA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
17	ERIKA PONTES DA SILVA	AUXI. DE GALPÃO
18	ERIVALDO CAMPOS BELTRÃO	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
19	FABRICIO BRASIL DE ALMEIDA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL

20	FRANCINALDO DOS SANTOS LIMA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
21	GABRIEL SILVA TEIXEIRA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
22	GABRIELE GIL DA COSTA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
23	GUILHERME RODRIGUES DOS SANTOS	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
24	HELENA DA SILVA FARIAS	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
25	HELIO GABRIEL TEIXEIRA DE LIMA	SOLDADOR
26	HENRIQUE GATO SIMÕES	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
27	IONEY MENEZES PINHEIRO	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
28	IVANEIDE SOUZA ALMEIDA	COSTUREIRA
29	JADERSON LOPES RODRIGUES	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
30	JOIMAKLI LIMA DA SILVA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
31	JOSIMAR SOUZA MONTEIRO	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
32	KEROLYN REIS DE LIMA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
33	LIBENE TAVARES OLIVEIRA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
34	LILIANA DOS SANTOS DA SILVA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
35	LOURDES DOS SANTOS FONSECA TAVARES	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
36	LÚCIA HELENA MUNIZ ALCÂNTARA	COSTUREIRA
37	LUCIANO PORTINHO LOPES	SOLDADOR
38	LUCIVONE SANTOS DE SOUZA	COSTUREIRA
39	MADSON LUCIO DE OLIVEIRA DOS SANTOS	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
40	MAIKO DE SOUZA E SOUZA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
41	MARCIRIO DAS NEVES PIEDADE	AUX. DE SOLDADOR
42	DIONE COSTA DE SOUZA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
43	MARIA DO CARMO MUNIZ DE ALCÂNTARA SILVA	COSTUREIRA
44	MARIA DO ROSARIO SILVA BARROSO	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
45	MARIA ELIVETE MOUTINHO	COSTUREIRA
46	MARIA LEONICE AUGUSTA DA SILVA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
47	MARIA OCIREMA PIMENTEL DE SOUZA	COSTUREIRA
48	MARIANE GARCIA BATISTA	COSTUREIRA RESPONSÁVEL
49	MATEUS MOREIRA REIS	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
50	MAXMILLIANO VIERA SOUZA	AUXILIAR TRIBAL
51	MOISES MENDES DE AZEVEDO	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
52	NARCISO BATISTA DE LIMA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
53	NEWZIELLY DE SOUZA GUIMARÃES	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
54	PAULO SERGIO CUNHA FREITAS	AUX. DE SOLDADOR

55	RAYNER THIAGO DA SILVA MARQUES	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
56	REGINA CELIA TAVARES PONTES	COSTUREIRA
57	RONEY VARALE DA SILVA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
58	ROSIANE FERREIRA TEIXEIRA	COSTUREIRA
59	SANDRA RAIMUNDA SEIXAS PAIXÃO	COSTUREIRA
60	SIMARA SIMAS DE SOUZA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
61	SIMONE SIMAS DE SOUZA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
62	TANIA CLÁUDIA BATISTA LIRA BRUNO	COSTUREIRA
63	THALIA SOUZA DOS SANTOS	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
64	WALDEILZON DA SILVA BATISTA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
65	WALDIR SANTOS GOMES	ESCULTOR
66	WELLINGTON JESUS MARTINS	AUX. DE ESCULTOR
67	WILSON DOS SANTOS GOMES	ESCULTOR
68	ZIDANNE SANTOS DE SOUZA	AUX. DE GALPÃO TRIBAL
	EQUIPE ARTISTA CARIVARDO	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ADSON SILVA AMAZONAS JUNIOR	SOLDADOR
2	ANDREI SOUZA DOS SANTOS	ESCULTOR E PINTOR
3	ANDRER SOUZA PEREIRA	SOLDADOR
4	ANDREY TEIXEIRA DA SILVA	AUXILIAR DE GALPÃO
5	CARLOS CESAR VIEIRA AZEVEDO	SOLDADOR
6	DIRLEY FARIAS ALVES FILHO	ESCULTOR E PINTOR
7	EDILSON SILVA LEAL	ESCULTOR E PINTOR
8	EMERSON SIQUEIRA GARCIA	SOLDADOR
9	ERICKSON PEREIRA MARTINS	AUXILIAR DE GALPÃO
10	GLAUBER SIQUEIRA CORREA	SOLDADOR
11	JACKSON ARCANJO MACÊDO	ESCULTOR E PINTOR
12	JEFFERSON ARCANJO MACEDO	SOLDADOR
13	JOÃO NASCIMENTO MONTEIRO	SOLDADOR
14	JOÃO VICTOR ARCANJO MACEDO	ESCULTOR E PINTOR
15	JOSÉ NILSON REIS BULCÃO	SOLDADOR
16	KEDSON SILVA DE AZEVEDO	SOLDADOR
17	LUCAS RAINER DA SILVA GAMA	SOLDADOR
18	NALDO DE SEIXAS ANDRADE	SOLDADOR
19	ODINEY CONCEIÇÃO DA SILVA	AUXILIAR DE GALPÃO
20	PEDRO GARCIA LIMA	AUXILIAR DE GALPÃO

21	RICARDO DA SILVA FARIAS	AUXILIAR DE GALPÃO
22	RODRIGO DA SILVA SANTOS	AUXILIAR DE GALPÃO
24	ROSIMARIO DE SOUSA LIMA	ADERECISTA
25	WILLIAN DE LIMA PONTES	DECORADOR
26	WILLYAME DOUGLAS DOS SANTOS AMARAL	SOLDADOR
	EQUIPE ARTISTA EMERSON BRASIL	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ANDERSON SANTOS DOS ANJOS	AUXILIAR DE GALPÃO
2	ARISON DA SILVA SANTOS	SOLDADOR
3	CASSIO DE JESUS RIBEIRO	SOLDADOR
4	DAVI PONTES SANTOS	ESCULTOR
5	ELNY PAIXÃO DE FREITAS	AUX. DE GALPÃO
6	ENID GRAÇA CORREA	SOLDADOR
7	FRANCK JUNIOR FARIAS FERREIRA	SOLDADOR
8	FREDILEI TAVARES RAMOS	AUX. DE GALPÃO
9	HELIOMAR PIMENTEL DA SILVA	ESCULTOR
10	HUDSON SOUZA DA SILVA	SOLDADOR
11	JEFERSON MONTE VERDE DE CARVALHO	SOLDADOR
12	JIMMY JANDER DA SILVA BARROS	SOLDADOR
13	JOSIEL MENDES BRANDÃO	SOLDADOR
14	KILDSON AMAZONAS BATISTA	AUXILIAR DE GALPÃO
15	LEANDRO LOPES DE LIMA	SOLDADOR
16	LUCIO KENEDY DA SILVA FURTER	ESCULTOR E PINTOR
17	MANOEL LOPES RODRIGUES	SOLDADOR
18	MARCELO MONTE VERDE DE SOUZA	SOLDADOR
19	MARCOS ANTONIO TRINDADE LOPES	SOLDADOR
20	NANDERSON PRINTES SANTARÉM	AUX. DE GALPÃO
21	OSCAR DA CUNHA DE SOUZA	AUXILIAR DE GALPÃO
22	OSMAILSON CUNHA DE SOUZA	AUXILIAR DE GALPÃO
23	PABLO SILVA DO NASCIMENTO	SOLDADOR
24	ROSSINE BENTES PEREIRA	ESCULTOR
25	STANLEY MACHADO DA SILVA	AUXILIAR DE GALPÃO
26	TARCISIO DA CRUZ FREITAS	ESCULTOR E PINTOR
	EQUIPE ARTISTA JUNIOR FEIJÓ	
ITEM	NOME	FUNÇÃO

1	ALAN KARDEC TAVARES VIDINHA	MARCENEIRO
2	ALESSANDRO SEIXAS DA SILVA	AUX. DE GALPÃO
3	CARSON FERREIRA MENDES	AUX. DE GALPÃO
4	EDSON PATONJA MARTINS	AUX. DE GALPÃO
5	EMANUELLI MENDES TAVARES	AUX. DE GALPÃO
6	EZIO SOARES DUDE	ESCULTOR
7	GICLENO SANTOS SILVA	SOLDADOR
8	IVONEY DE SOUZA ALFAIA	SOLDADOR
9	JANDER BATISTA LOPES	SOLDADOR
10	JANES BATISTA	SOLDADOR
11	JEFERSON DA SILVA MACHADO	SOLDADOR
12	JEFERSON DA SILVA MACHADO	ALUGUEL DE COMPRESSOR.
13	JONAS MELO CARDOSO	PINTOR
14	JORGE LUCAS OLIVEIRA ROCHA	AUX. DE GALPÃO
15	JORGE NIXON BATISTA GOMES	SOLDADOR
16	KARLIE DE CASTRO PEREIRA	SOLDADOR
17	LEONILDO MELO SANTOS	SOLDADOR
18	LUIZ DOS SANTOS CORDEIRO	AUX. DE GALPÃO
19	MANOEL MEIRELES LOPES JUNIOR	AUX. DE GALPÃO
20	MARCELO OLIVEIRA DA SILVA	AUX. DE GALPÃO
21	NAILSON GONÇALVES FERREIRA	AUX. DE GALPÃO
22	NILSON SEIXAS MEIRELES	AUX. DE GALPÃO
23	OCIMAR ALMEIDA CURSINO	ESCULTOR
24	OZIMAR ALMEIDA CURSINO	ESCULTOR
25	POLIANA DOS ANJOS MENDONÇA	AUX. DE GALPÃO
26	RODRIGO ALFAIA RIBEIRO	AUX. DE GALPÃO
27	ROGÉRIO DOS SANTOS SILVA	AUX. DE GALPÃO
28	SIMÃO DA SILVA CAMPOS FILHO	SOLDADOR
29	THIAGO DA SILVA BRANDÃO	AUX. DE GALPÃO
30	WILKSON DA SILVA SIQUEIRA	AUX. DE GALPÃO
	EQUIPE ARTISTA NETTO BARBOSA	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ALDENOR LUIS SOUZA RODRIGUES	SOLDADOR
2	ALEXSANDRO GUIMARÃES RODRIGUES	SOLDADOR
3	ANDERSON LUIS MARTINS RODRIGUES	PINTO E ESCULTOR
4	AURICHARLE DA COSTA LISBOA	REVESTIDOR

5	CIRENE MARIA BARROS PENHA	COSTUREIRA
6	CLARA NASCIMENTO SOARES	REVESTIDORA
7	DEIVISON MATOS CABRAL	REVESTIDOR
8	DIRLAN PEREIRA DAS NEVES	SOLDADOR
9	EDI SOARES DUDE	ESCULTOR E PINTOR
10	EDILSON MARQUES MACIEL	SOLDADOR
11	ELDIO PRATA MONTEIRO	SOLDADOR
12	FRANCIVALDO DE AZEVEDO ANDRADE	REVESTIDOR
13	GILMAR PEREIRA NUNES	ESCULTOR
14	GUSTAVO ANDRADE DE SOUZA	REVESTIDOR
15	ISAIAS DA SILVA OLIVEIRA	AUXILIAR DE GALPÃO
16	JOÃO STERFFERSON BARBOSA FERNANDES	AUXILIAR DE GALPÃO
17	JONILSON BARBOSA DA SILVA	SOLDADOR
18	JOSE RAIMUNDO BARBOSA DA MOTA	AUXILIAR DE GALPÃO
19	LENILSON SAMPAIO BENTES	ESCULTOR
20	MADSON GONÇALVES DE ANDRADE	AUXILIAR DE GALPÃO
21	RICARDO BRAGA DE SOUZA	SOLDADOR
22	RODRIGO CONCEIÇÃO BARBOSA	SOLDADOR
23	WALDEIR DA SILVA MARTINS	ESCULTOR E PINTOR
24	YAN NOGUEIRA BATISTA	DESENHISTA, ESCULTOR E PINTOR
	EQUIPE ARTISTA SORIN SENA	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	ANDERSON MENDES RIBEIRO	SOLDADOR
2	ANDRE LUIS PIRES ALFAIA	ESCULTOR
3	ANDREY ANDRADE BENTES	AUXILIAR DE GALPÃO
4	BERNADINHO LOPES PEREIRA	ESCULTOR E PINTOR
5	BRUNO FERNANDO RIBEIRO DE SOUZA	REVESTIDOR
6	CLEBSON DUARTE RODRIGUES	ESCULTOR
7	DORIOMAR MENEZES ALVES	SOLDADOR
8	EDILUCIO VIEIRA FRAGATA JUNIOR	SOLDADOR
9	FRANCENILDO DE ALENCAR DIAS	SOLDADOR
10	GILDO GAMA MOTA	AUXILIAR DE GALPÃO
11	IGOR LIMA SANTOS	AUXILIAR DE GALPÃO
12	JEFERSON FERREIRA	AUXILIAR DE GALPÃO
13	JOÃO CARLOS DA SILVA AMAZONAS	SOLDADOR

14	JOÃO FRANKLIN CAMPO DE SOUZA JUNIOR	ESCULTOR
15	JOAQUIM PAES DE LIMA NETO	SOLDADOR
16	JONAILDO FREITAS DE ALFAIA	ESCULTOR E PINTOR
17	JULIO RONANGRYN CARDOSO	AUXILIAR DE GALPÃO
18	LEONARDO DOS SANTOS CORDEIRO	AUXILIAR DE GALPÃO
19	LUCAS DE LIMA RIBEIRO	AUXILIAR DE GALPÃO
20	LUCAS TEIXEIRA DOS SANTOS	SOLDADOR
21	LUCIJONES CURSINO MONTEIRO	ESCULTOR
22	LUCINALDO DOS SANTOS SILVA	SOLDADOR
23	MARCELO DE ARAUJO BAHIA	Auxiliar de Galpão
24	MARCELO REIS DE SOUZA	SOLDADOR
25	MARIA ANDRADE COSTA	AUXILIAR DE GALPÃO
26	MAURO DOS SANTOS TEIXEIRA	ESCULTOR E PINTOR
27	NERILDO JACAUNA DA SILVA	SOLDADOR
28	RAIMUNDO DA SILVA REIS	AUX. DE GALPÃO
29	RANIER CUNHA GUIMARÃES	SOLDADOR
30	RUBENS DOS SANTOS ROCHA	SOLDADOR
31	SIDNEI PEREIRA BARBOSA	ESCULTOR E PINTOR
32	WILLEN NASCIMENTO DA SILVA	AUX.DE GALPÃO
	EQUIPE ARTISTA JOSÉ TRINDADE	
ITEM	NOME	FUNÇÃO
1	CARLOS EDUARDO PEREIRA MENDONÇA	AUX. DE GALPÃO
2	ADSON JORGE DE SOUZA ARAÚJO	AUX. DE GALPÃO
3	CARLOS ANTONIO FREIRE DA SILVA	AUXILIAR DE GALPÃO
4	ENALDO MIRANDA CARDOSO	SOLDADOR
5	ERIVAN DE SOUZA LOPES	ESCULTOR E PINTOR
6	FÁBIO MARTINS DE SOUZA	ESCULTOR E PINTOR
7	GEOVANE DA COSTA MESQUITA	AUXILIAR DE GALPÃO
8	HEIDER SANTOS DA SILVA	AUXILIAR DE GALPÃO
9	JOÃO BOSCO DOS SANTOS CAMPOS	SOLDADOR
10	JOÃO EVANGELISTA GUIMARAES DA SILVA	AUX. DE PINTOR
11	JOÃO PABLO ALFAIA SANTANA	AUXILIAR DE GALPÃO
12	JOSÉ LEONARDO COSTA GUIMARAES	SOLDADOR
13	JOSÉ NILSON CIDADE DOS SANTOS	SOLDADOR
14	JOSÉ RILDO DOS SANTOS BATISTA	SOLDADOR
15	KEDSON SOUZA DA CRUZ	AUX. DE GALPÃO

16	KERLISON SEBASTIA SOUZA OLIVEIRA	AUX. DE SOLDADOR
17	MARCELO BEZZERA GOMES	AUXILIAR DE GALPÃO
18	MARCOS ASSUNÇÃO MARQUES TAVARES	AUX. DE SOLDADOR
19	RAILESON SIMAS BARBOSA	AUXILIAR DE GALPÃO
20	SHELTON AMARAL DOS SANTOS	AUX. DE GALPÃO
21	SILVIO CESAR SOARES DE SOUZA	ESCULTOR DE FERRO
22	SONGELA MUNIZ DE SOUZA	COSTUREIRA E PASTELADORA
23	TIAGO WILLAME REIS PINHEIRO	AUX. DE GALPÃO
24	VALDESON DE ALENCAR DIAS	SOLDADOR
25	VALTER RODRIGO SIMAS BARBOSA	ESCULTOR
26	WESLEY PINHEIRO PINTO	SOLDADOR
27	WILLIAN BARBOSA TAVARES	AUXILIAR DE GALPÃO
28	ZEILDO RAMOS DA SILVA	SOLDADOR
29	ZERAIAS SILVA DO NASCIMENTO	ESCULTOR

2	ADSON JORGE DE SOUZA ARAÚJO	AUX. DE GALPÃO
3	CARLOS ANTONIO FREIRE DA SILVA	AUXILIAR DE GALPÃO
4	ENALDO MIRANDA CARDOSO	SOLDADOR
5	ERIVAN DE SOUZA LOPES	ESCULTOR E PINTOR
6	FÁBIO MARTINS DE SOUZA	ESCULTOR E PINTOR
7	GEOVANE DA COSTA MESQUITA	AUXILIAR DE GALPÃO
8	HEIDER SANTOS DA SILVA	AUXILIAR DE GALPÃO
9	JOÃO BOSCO DOS SANTOS CAMPOS	SOLDADOR
10	JOÃO EVANGELISTA GUIMARAES DA SILVA	AUX. DE PINTOR
11	JOÃO PABLO ALFAIA SANTANA	AUXILIAR DE GALPÃO
12	JOSÉ LEONARDO COSTA GUIMARAES	SOLDADOR
13	JOSÉ NILSON CIDADE DOS SANTOS	SOLDADOR
14	JOSÉ RILDO DOS SANTOS BATISTA	SOLDADOR
15	KEDSON SOUZA DA CRUZ	AUX. DE GALPÃO
16	KERLISON SEBASTIA SOUZA OLIVEIRA	AUX. DE SOLDADOR
17	MARCELO BEZZERA GOMES	AUXILIAR DE GALPÃO
18	MARCOS ASSUNÇÃO MARQUES TAVARES	AUX. DE SOLDADOR
19	RAILESON SIMAS BARBOSA	AUXILIAR DE GALPÃO
20	SHELTON AMARAL DOS SANTOS	AUX. DE GALPÃO

21	SILVIO CESAR SOARES DE SOUZA	ESCULTOR DE FERRO
22	SONGELA MUNIZ DE SOUZA	COSTUREIRA E PASTELADORA
23	TIAGO WILLAME REIS PINHEIRO	AUX. DE GALPÃO
24	VALDESON DE ALENCAR DIAS	SOLDADOR
25	VALTER RODRIGO SIMAS BARBOSA	ESCULTOR
26	WESLEY PINHEIRO PINTO	SOLDADOR
27	WILLIAN BARBOSA TAVARES	AUXILIAR DE GALPÃO
28	ZEILDO RAMOS DA SILVA	SOLDADOR
29	ZERAIAS SILVA DO NASCIMENTO	ESCULTOR